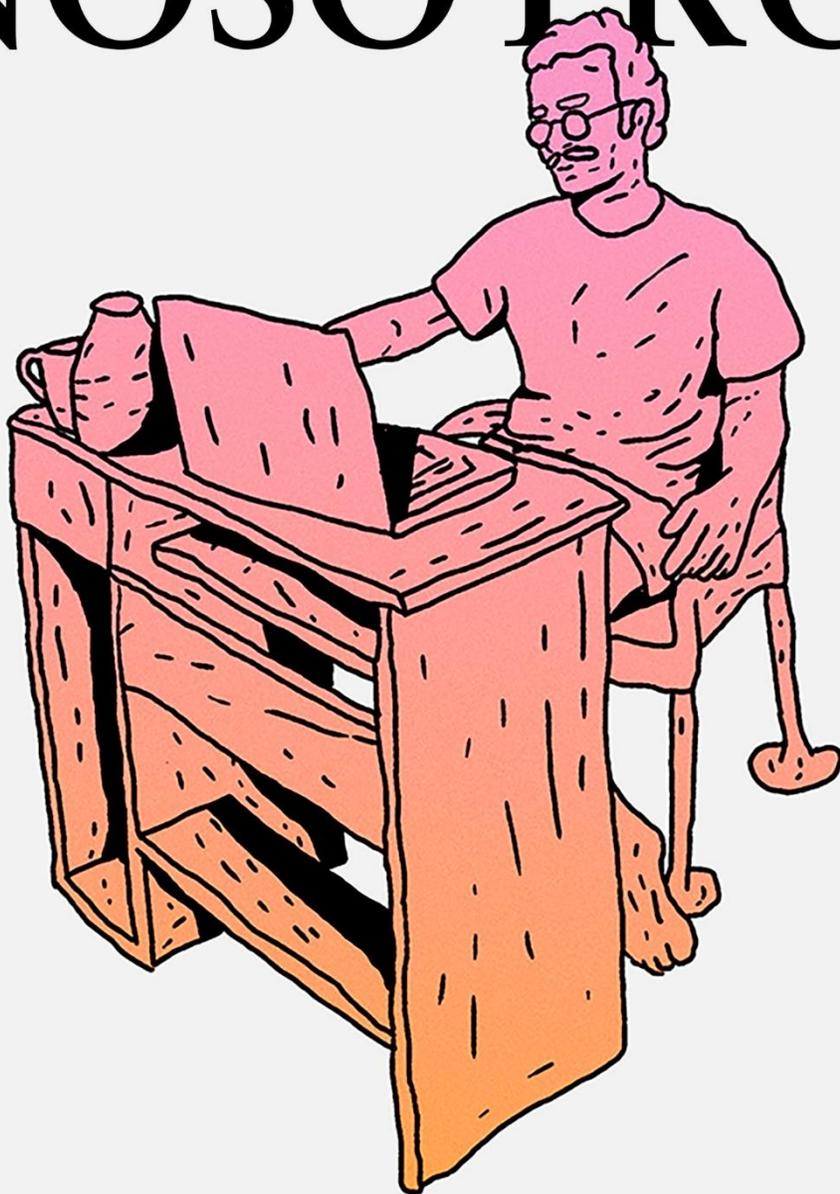


REVISTA

Nº1 2022

NOSOTROS



ESCRIBIR, CREAR, VIVIR EN RED
Y NADA AGREGAR AL CV

La Revista NosOtros es un lugar de encuentro, comunitario, abierto a múltiples posibilidades de diálogo. Se presenta con el objetivo de construirse como un eje en torno al cual se difundirán las ideas y producciones de personas comprometidas en ampliar el debate político, filosófico, artístico y literario, sobre todo a partir de sus trayectorias personales de investigación y creación. Así, además de acoger la producción académica de investigadores de diferentes países, pretende dar visibilidad a producciones no académicas, como producciones literarias, ensayos, expresiones gráficas (historietas, ilustraciones, imágenes, dibujos, fotografías, etc.). Los trabajos publicados están dirigidos a investigadores y público interesado en abordar temas relacionados con la política, el capitalismo, las organizaciones colectivas, sean totalitarias o progresistas, las artes, los movimientos populares, los derechos de los pueblos indígenas, etc. Finalmente, La Revista NosOtros tiene como misión apuntar caminos de reflexión alternativos, creativos, múltiples e interdisciplinarios.

[equipo]

EDITORES

Francisco Verardi Bocca (PUCPR)

Vinícius Armiliato (PUCPR/Univille)

PROYECTO GRÁFICO

Vinícius El Ghoz de Lara

PORTADA

PV Dias

COMITÉ EDITORIAL

Alberto Toscano

Ángel Puyol

Angélica Montes

Cesar Candiotta

Camila Ruz Espinoza

Eladio Craia

Ericson Falabretti
Francisco Verardi Bocca
Francesca Recchia Luciani
Jordi Riba
Maite Arraiza
Marcos García de la Huerta
Mikel Varela
Nicol A. Barría Asenjo
Nelsón Vallejo
Obed Frausto
Pamela Soto García
Paolo Ponzio
Patricio Landaeta
Patrice Vermeren
Ricardo Espinoza Lolas
Saúl Curto López
Sebastián León Aros
Senda Sferco
Timothy Appleton
Xavier Insausti

[artículo] 16

RESISTIR, UN MENSAJE DE HUMANOLOGÍA:
ACERCAMIENTO DESDE LA COMPLEJIDAD A UNA
MEGA-CRISIS NELSON VALLEJO-GÓMEZ

[espacio literário] 60

POEMAS CARLOS HOA HEWSTONE

[espacio de ruptura] 81

SALVINO CARBONE

[espacio literário] 84

MIRADAS Y GESTOS RICARDO ESPINOSA-LOLAS

[espacio de ruptura] 97

ERNESTO NUNES

[espacio literário] 98

SOFÍA VERSUS DISTOPÍA ANA DE LACALLE
FERNÁNDEZ

[experiencias personales] 124

ISLA DE ESTEPA JOSE-MARÍA ALI-BROUCHOUD

[espacio literário] 130

CRÔNICAS - LIVRO I MARIA BARROSO

[artigo] 140

**DEMOCRACIA COMO NORMATIVIDADE SOCIAL - UM
TRIBUTOS A GEORGES CANGUILHEM FRANCISCO
VERARDI BOCCA**

[espacio literário] 176

POEMAS AURA SABINA

[espacio de ruptura] 183

PV DIAS

[experiencias personales] 186

**UNA EXPERIENCIA TERAPÉUTICA ANA DE LACALLE
FERNÁNDEZ**

[espacio de ruptura] 203

SAVINO CARBONE

[espacio literário] 206

AQUÍ NO IMPORTA SI HUBO AMOR AURA SABINA

[espacio de ruptura] 215

ERNESTO NUNES

[artículo] 218

TRILLAR LO INDECIBLE, BLANCA VARELA NELSON
VALLEJO-GÓMEZ

[espacio literário] 256

ENSAIO EM DOIS SONHOS, OITO VIAGENS E QUATRO
LUAS MARIA MARTHA STREMIO

[experiências pessoais] 264

NOTAS RESENTIDAS DE UM PSICÓLOGO MAIS AINDA
TIAGO DE MATOS PEIXOTO

[espacio de ruptura] 273

PV DIAS

[crítica de arte] 276

LA VELVET UNDERGROUND: ¿O, POR QUÉ
PERMANECEMOS EN LA PROVINCIA? ELADIO
CONSTANTINO PABLO CRAIA

[política editorial] 294

[secciones] 294

[editorial_pt]

Reunir dados, revisar textos, contrapor argumentos, visitar autores, ideias, modalidades teóricas. A organização bastante consolidada da forma de produção acadêmica que figura nas revistas de psicanálise, filosofia, psicologia, sociologia, antropologia, das humanidades em geral, - sem dúvida importante para uma série de inovações no entendimento da vida - não contempla, nos parece, modos de pensar exteriores à organização eurocêntrica do saber. A literatura, a poesia, as artes, os ensaios despreocupados com as formatações e normativas também podem ocupar e circular por espaços manifestadamente acadêmicos.

A Revista *Nosotros* pretende ocupar este entremeio. Exercitar a publicação de trabalhos que se alocam nas perspectivas tradicionais, embaralhando-os com outras formas de expressão de saberes humanos. Nesse âmbito, pensamos que a produção acadêmica não deixa de ser tomada pela agenda neoliberal, qual seja, a de produzir de modo incessante e apressado novos conteúdos que se acumulam sem fazer questão de gerar afetações naqueles que os experimentam. Ademais, o movimento neoliberal quer fazer valer o

mérito individual na produção acadêmica que se acumula em pilhas de livros, textos, publicações que se perdem em anais, atas, coletâneas.

Diante da produção acadêmica que percorre na esteira do neoliberalismo, o trabalho em coletivo, em comunidade, em rede, é uma contravenção. A rede fomenta a disparidade, a diferença, a pluralidade de olhares sobre um mesmo tema, sem hierarquias, sem sobreposições, sem valorizações morais onde uns seriam melhores, mais preparados, mais acertados do que os outros. É preciso entender que os valores sobre as produções acadêmicas dados por comitês especializados, os quais mensuram a qualidade de uma revista através de uma nota alfanumérica, são elaborados a partir de modelos de entendimento universalistas e embasados em perspectivas estáticas, cartesianas e tributárias de normatizações contingentes.

O filósofo francês Georges Canguilhem, através do seu entendimento da vida como algo cuja normatividade vital faz ver que um organismo, para manter-se vivo, precisa manter-se todo o tempo revendo e compondo suas normas de vida, inspira a pensar que o estático é indicativo de morte. A vida seria puro ato de resistência ao parado, ao

estabelecido, aos inúmeros participios passados utilizados para pensar as coisas, as regras, as teorias, as ontologias, as formas de ser. Assim, a existência humana estaria para além de um diagnóstico, modelo teórico, ideologia.

Neste primeiro volume da Revista Nosotros almejamos dar espaço para o avesso das modalidades teóricas e práticas que levam à cristalização da vida, através da tentativa de construir um trabalho em rede. Entendemos que tal trabalho é um ato de resistência à excessivas investidas de autoritarismos e reducionismos lógicos que se têm estabelecido para pensar o humano.

Encontramos nesta publicação o resultado de inquietações que partem de lugares absolutamente distintos os quais percorrem outras lógicas de trabalho acadêmico e estético. Poemas, relatos de experiência, percursos pessoais e artigos de cunho filosófico, literário e político tomam espaço nesta primeira edição da Revista Nosotros. Junto a estes, artistas visuais intercalam para os leitores da revista experiências estéticas vitalizantes.

Os trabalhos que compõem este volume percorrem os temas urgentes que vivemos nos últimos anos:

isolamento social, pandemia, segregações, desigualdade, regimes autoritários, intolerância, guerra, migrações forçadas, negacionismos. Os movimentos de apagamento da singularidade e da potência vital humana que temos presenciado parecem ter convocado os autores e autoras deste volume à constituição de trabalhos que figuram como breves amostras de sublevações. Tais trabalhos não deixam de operar como desvios à ordem ou, como movimentos insurgentes necessários para contrapor investidas coloniais, massificadoras e totalitárias que apagam a expressão da singularidade humana. Criar, escrever, atuar, viver em rede é o que permite que não sejamos capturados como alvo das armas lineares, unívocas e não-plurais próprias do fascismo, do capitalismo e da organização neoliberal.

Desejamos aos leitores e às leitoras da Revista *Nosotros* uma excelente experiência com os trabalhos aqui publicados.

Vinício Armiliato . Francisco Verardi Bocca
Barcelona, outubro de 2022

[editorial_es]

Recoger datos, revisar textos, oponer argumentos, visitar autores, ideas, modalidades teóricas. La bastante consolidada organización de la producción académica que aparece en las revistas de psicoanálisis, filosofía, psicología, sociología, antropología, de las humanidades en general - indudablemente importante para una serie de innovaciones en la comprensión de la vida - no incluye, nos parece, un pensar que se encuentre fuera de la organización eurocéntrica del conocimiento. La literatura, la poesía, el ensayo despreocupado de formatos y normas, las artes, también pueden ocupar y circular por espacios manifiestamente académicos.

La Revista Nosotros pretende ocupar este intermedio. Ejercer la publicación de obras que se alojen en perspectivas tradicionales, mezclándolas con otras formas de expresión del saber humano. En este contexto, pensamos que la producción académica no deja de ser tomada por la agenda neoliberal, es decir, la de producir incesante y precipitadamente nuevos contenidos que se acumulan sin pretender generar afectaciones en quienes los experimentan. Además, el movimiento neoliberal quiere reivindicar el mérito

individual en la producción académica que acumula en montones de libros, textos, publicaciones que se pierden en anales, actas, colecciones.

Frente a la producción académica que corre tras el neoliberalismo, el trabajo colectivo, en comunidad, en red, es una contravención. La red fomenta la disparidad, la diferencia, la pluralidad de visiones sobre un mismo tema, sin jerarquías, sin superposiciones, sin valoraciones morales donde unos serían mejores, más preparados, más acertados que otros. Es necesario comprender que los valores sobre las producciones académicas otorgados por comités especializados, que miden la calidad de una revista a través de una nota alfanumérica, son elaborados a partir de modelos universalistas de comprensión y basados en perspectivas estáticas, cartesianas y tributarias de normas contingentes.

El filósofo francés Georges Canguilhem, a través de su comprensión de la vida como algo cuya normatividad vital nos hace ver que un organismo, para mantenerse vivo, necesita mantenerse todo el tiempo repasando y componiendo sus normas de vida, nos inspira a pensar que todo lo que presenta como estático es indicativo de muerte. La vida sería un puro acto de resistencia a lo inmóvil, a lo establecido, a los innumerables

participios pasados con los que se piensa las cosas, las reglas, las teorías, las ontologías, los modos de ser. Así, la existencia humana estaría más allá de un diagnóstico, modelo teórico, ideología.

En este primer volumen de la Revista Nosotros pretendemos dar espacio al reverso de las modalidades teóricas y prácticas que conducen a la cristalización de la vida, a través del intento de construir un trabajo en red. Entendemos que tal trabajo es un acto de resistencia a los excesivos ataques de autoritarismo y reduccionismo lógico que se han instaurado para pensar lo humano.

Encontramos en esta publicación el resultado de inquietudes que provienen de lugares absolutamente distintos que discurren por otras lógicas del trabajo académico y estético. Poemas, relatos de experiencia, viajes personales y artículos de carácter filosófico, literario y político se suceden en esta primera edición de la Revista Nosotros. Junto con estos, los artistas visuales brindan a los lectores de la revista experiencias estéticas vivificantes.

Las obras que componen este volumen abordan los temas urgentes que hemos vivido en los últimos años: aislamiento social, pandemia, segregación,

desigualdad, regímenes autoritarios, intolerancia, guerra, migraciones forzadas, negacionismo. Los movimientos de supresión de la singularidad y de la potencia vital humana que hemos presenciado parecen haber convocado a los autores de este volumen a la constitución de obras que aparecen como breves muestras de levantamientos. Tales obras no dejan de operar como desviaciones del orden o, como movimientos insurgentes necesarios para contrarrestar los ataques coloniales, masificadores y totalitarios que borran la expresión de la singularidad humana. Crear, escribir, actuar, vivir en red es lo que permite no ser capturados como blanco de las armas lineales, unívocas y no plurales propias del fascismo, del capitalismo y de la organización neoliberal.

Deseamos a los lectores de Revista Nosotros una excelente experiencia con los trabajos aquí publicados.

Vinícius Armiliato . Francisco Verardi Bocca
Barcelona, octubre de 2022

[artículo]

RESISTIR, UN MENSAJE DE HUMANOLOGÍA¹: ACERCAMIENTO DESDE LA COMPLEJIDAD A UNA MEGA-CRISIS

NELSON VALLEJO-GOMEZ

¹ Este trabajo, publicado en la Revista Aleph n° 200, enero/marzo 2022, Manizales, Colombia, es la trama desarrollada por escrito de la conferencia inaugural presentada en el Instituto peruano del Pensamiento complejo “Edgar Morin” (IPCEM), Universidad Ricardo Palma, el 28 de octubre de 2021, con motivo del II Congreso internacional del Pensamiento complejo y Ciencias de la Complejidad: Megacrisis en un mundo en metamorfosis ¡Cambiemos de Vía! Homenaje al centenario de vida del amauta Edgar Morin.

“Durante mi juventud, en la primera mitad del siglo XX, nos levantamos y resistimos contra el fascismo, el nazismo y el totalitarismo. Me preguntan contra qué deberían resistir los jóvenes del siglo XXI. Deben resistir contra la destrucción de la libertad individual, de la democracia socio-liberal y del ecosistema ambiental. Deben luchar por la metamorfosis del hombre y la emergencia de la humanidad como condición fundamental de la Tierra- Patria. Tal es el mensaje de humanología que reside en el paradigma de complejidad”

Edgar Morin²

“La crisis se produce cuando lo viejo no acaba de morir y lo nuevo no acaba de nacer”

Bertolt Brecht

“Si estás vivo, hay todas las posibilidades del mundo; siempre, todas las posibilidades de la vida”

Facundo Cabral

La pandemia planetaria provocada por la COVID19 en el año de gracia 2020, *annus horribilis*, ha mostrado que el siglo XXI es viral o no es, tanto en lo biológico como lo informático y hasta lo cognitivo. Buscaremos mostrar que

² De una Conversación en París con Edgar Morin, con motivo de la preparación del homenaje por su centenario de vida, que ofreció el Ministro de Educación Nacional de Francia, Jean-Michel Blanquer, el 9 de julio de 2021.

la hipótesis de virología compleja: lo viral como motor de la historia bio-antropo-lógica de la humanidad comporta un dato interesante para tomar consciencia de que hay, en toda crisis, complexus en emergencia, de que somos seres de religación, seres de triada³ religada, de BioTerríCultura, como lo propone Edgar Morin: Individuo↔Sociedad↔Especie.

La COVID19 ha puesto de manifiesto que lo viral requiere conjugar, inmediatamente y en contexto, lo urgente y lo esencial, lo multidimensional; sabiendo identificar la complejidad en situación. Se requiere entonces: movilización individual y colectiva, estrategias defensivas y reforzadoras, preventivas y prospectivas, a nivel de la identificación molecular del virus y la concepción de vacunas, al mismo tiempo y sin tregua. Está también en juego la capacidad institucional de un país a conjugar, con pertinencia, la triada Ciencia-Tecnología-Economía, para identificar y combatir lo viral, elaborar y producir vacunas

.....
³ En la obra magna de Edgar MORIN, *La Méthode* (6 tomos), la noción de 'triada' es clave. Cf. MORIN, Edgar. *La Méthode* 5. *L'Humanité de l'humanité*. Seuil, Paris, 2001. Trad. Ana Sánchez, Ed. Cátedra, Madrid, 2003, Capítulo 3. *La trinidad humana*, p. 57 ssq.

eficaces, así como para proceder a su implementación sanitaria, ética y pedagógicamente, para conjugar la triada Salud/Seguridad/Libertad, individual y colectivamente, propia al equilibrio de poderes institucionales en una democracia representativa. Esto implica, evidentemente: evaluación estadística, probatoria y responsable del riesgo/beneficio sanitario en el individuo, la sociedad, la especie. Está en juego, por eso mismo, para poder combatir la infección de un virus que se transforma en pandemia: la relación interconectada de lo sanitario, lo científico, lo económico, lo tecnológico e industrial, lo socio-cultural, educativo, jurídico y ético-político.

Así pues, esos requerimientos implican que los responsables científicos, políticos y administrativos de políticas públicas sanitarias y educativas, en cualesquier país, posean, en caso de magacrisis y, para ejemplo de toda la ciudadanía, una formación en principios de conocimiento pertinente⁴: espíritu interdisciplinario, capacidad de organización inter- estructural y política ético-pedagógica

⁴ Cf. MORIN, Edgar. Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur, UNESCO, Paris, 1999. Trad. Mercedes Vallejo, en colaboración con Nelson Vallejo-Gómez.

de confianza en los datos científicos probados, en las decisiones colegiales inter-corporales e inter-institucionales, en la responsabilidad individual y en la solidaridad colectiva; en suma, urge volver al precepto sempiterno: uno para todos y todos para uno, que hizo, que de un puñado de humanoides la gesta del colectivo homo sapiens-demens poblara tan exitosamente el planeta tierra, que su marca carbono pone ahora en peligro de muerte los ecosistemas de la Tierra-Patria⁵.

Un virus, desconocido hasta entonces, desató tempestades virales de muerte en el organismo de cualesquier humano, en cualquier lugar del planeta, así como puso de manifiesto la frágil organización socioeconómica y política de las sociedades contemporáneas, la concepción idealista y/o pragmática que tienen de los derechos fundamentales de la persona, lo que tienen por urgente y/o esencial; por cierto, aquellas sociedades, con mayor índice de iniquidad y baja capacidad

⁵ Tierra-Patria es un megaconcepto clave en la obra moriniana, o si se quiere, un filosofema paradigmático elaborado desde 1993 en su libro homónimo, para entender la relación en ciclo vicioso y/o virtuoso que los humanos podemos tener con la tierra, la vida y la sociedad.

de servicios públicos, son las que más han sufrido los desastres individuales, familiares y sociales de la pandemia.

Científicos y políticos, ciudadanos todos, se encontraron sumergidos en un mar de incertidumbre, enfrentando en las redes sociales olas virales de falsas verdades. Estas hacían creer, por lo demás, que se trataba de un ataque bioterrorista chino cuya finalidad consistía en provocar el pánico en las sociedades occidentales y obligarlas a parar su economía, para imponer enseguida la producción industrial china. Pánico viral y redes sociales como otra manera de hacer la guerra y generar nueva y vieja oposición entre la civilización occidental y la china.

Mediante un protocolo bio-político y diplomático, digno de la época de la “guerra fría”, las autoridades chinas aceptaron, a inicios del 2021, que un equipo de investigadores de la Organización Mundial de la Salud visitara la ciudad de Wuhan, donde se cree que estuvo el comienzo del virus SARS-CoV-2. Sin embargo, sigue siendo un enigma saber por qué ese coronavirus saltó a la célula humana y generó la pandemia planetaria, con la enfermedad que los virólogos denominaron: COVID19.

Se han establecido diversas hipótesis sobre la fuente primera de dicha pandemia. En los mercados callejeros de alimentación, la población china tradicional gusta comer animales salvajes y raros, que han sido sacados de su hábitat natural, a veces de manera ilegal, con el riesgo de que ocurra lo que en virología se denomina “desbordamiento”, es decir, un salto viral cualitativo de una especie a otra. Igual probabilidad podría suceder con la alimentación en las poblaciones autóctonas americanas, asiáticas o africanas, que subsisten, encerradas en territorios considerados jurídicamente como “reservas”. Pero no se ha detectado coronavirus de tipo SARS-CoV-2 en esas poblaciones. Se sospecha que alguno de los animales en el mercado chino pudo ser infectado por el mordisco de un murciélago, pues este quiróptero es conocido por albergar virus mortales para el humano. La mutación de mamífero a mamífero pudo facilitar el acoplamiento seguido con la célula humana. Como en el caso de la peste, las ratas y su ecosistema están en la mira. Con todo, la comisión de la OMS no encontró en los mamíferos placentarios, llamados en China pangolinos, huellas de SARS-CoV-2.

Hay otra hipótesis de carácter, ya no natural sino cultural o tecnológico, apunta a la responsabilidad humana. Se sospecha que en un laboratorio de Wuhan manipulaban experiencias virales con coronavirus, ocurriéndose un escape accidental o voluntario. Esto es casi imposible de probar. Además, dicho virus requiere escapamiento, desbordamiento o transferencia de huésped animal a huésped animal, para reproducirse, y para albergarse en el homo sapiens necesita precedentemente variante mutante. Por esta razón, la hipótesis de simple manipulación tecnológica parece improbable. Con todo, el origen de los virus, su funcionamiento y su posible desaparición, sigue y seguirá siendo un enigma para la ciencia contemporánea. Además, a los virus se les considera agentes fundamentales para la mutación experimental de una célula, sobre todo para reforzamiento de la identidad ADN y su sistema inmunitario.

Hay, en un puñado de agua de mar, miles de virus. Los biólogos y los poetas saben que in principium, en principio era el mar, laboratorio de vida. Por consiguiente, una de las principales lecciones que podemos sacar de la puesta en escena pública mundial de la condición viral en los humanos,

con sus fuerzas y sus fragilidades, es que lo viral es clave para la mutación, sin la cual, no habría evolución biológica ni bioantropológica, amén de atestar, si fuese necesario, que la relación que los humanos tienen con los virus es, asimismo, biocultural.

Por eso, repitamos, urge entender que: ¡El Siglo XXI será viral o no será! Y que, por consiguiente, también será el siglo del descubrimiento constante de vacunas, a todos los niveles de los complejos del sistema de base, de la complejidad de las organizaciones; siglo de nuevos conceptos jurídicos y éticos en cuanto a la responsabilidad de lo viral, para poder tener sistemas inmunitarios sólidos, para poder, como acota Morin, resistir contra la destrucción de la libertad individual, de la democracia socio-liberal y del ecosistema ambiental.

Trátese de “virus biológicos” más o menos mutantes, más o menos mortales. La consciencia de la existencia de tales entes nos recuerda que todo ser vivo, el humanoide ante todo, está constituido de sistemas celulares bioquímicos y moleculares (proteínicos), que se organizan y se desorganizan, se componen y se descomponen para nacer, alimentarse, reproducirse y morir. Eso depende y no

depende del ser humano. Hay azar y necesidad⁶, en juego. La vida es también, en el universo, como un arrojito de suerte. Heráclito y Mallarmé nos lo recuerdan: somos jugadores de azar, que una tirada de dados no suprime.

Trátese de “virus digitales”, informáticos, que infectan la ciberesfera planetaria, y alimentan el ciberterrorismo, la cibercriminalidad. La consciencia de su existencia nos recuerda que somos seres bioculturales, hechos de sistemas de información para poder comunicar, intercambiar, protegernos, enriquecernos o empobrecernos, material y espiritualmente. Eso depende enteramente de NosOtros, pues hay organización y sistema complejo de base para diferenciar lo sistémico de lo sistemático, lo complejo entrelazado y lo simplificado separado, la minería de datos y la inteligencia artificial en lógica de malignidad. Dicha lógica comporta algoritmos

⁶ “Todo lo que existe en el universo es el fruto del azar y de la necesidad” es una sentencia que el biólogo francés, Jacques Monod, presta al filósofo de la antigüedad griega, Demócrito. Luego, retoma las palabras “Azar y Necesidad” como subtítulo de su famoso ensayo, Filosofía natural de la biología moderna, publicado en 1970, donde Monod propone una reflexión epistemológica e interdisciplinaria (genética, biología molecular y filosofía), para repensar el concepto clásico de teleología en la vida.

elaborados que generan a contra pelo ecología de la acción⁷ en clave de inconsciencia, de adicción y de irresponsabilidad, provocando así “viralidad digital”, es decir, modos de retransmisión indirecta de información por las redes sociales, para beneficio publicitario mercantil.

También, hay lo peor de los virus, los “cognitivos”, angélicos y demoniacos. Son sesgos psicológicos e ideológicos, producidos por nuestro propio sistema noológico. Se trata de un sistema de base complejo con organización interna invisible de ideas a partir de

.....
⁷ Desde el Pensamiento complejo moriniano, entiéndase por ‘Ecología de la acción’ la toma de consciencia de que en toda acción humana voluntaria, hay una dimensión de reacción o “bumerang” posible, puesto que hay pensamiento, sensación y sentimiento, intuición y concepto, palabra, símbolo, pensamiento, obra y o-misión, es decir, están en relación compleja datos del entorno ambiental, psicológico y social, que ponen de manifiesto incertidumbre, posibilidad de error e ilusión en cada acción. Si nuestra acción voluntaria y/o involuntaria es el resultado de algoritmos cognitivos complejos, que determinan la acción y ponen de manifiesto la ‘ecología de la acción’, urge tener consciencia de ello y restablecer niveles de moralidad y de responsabilidad. Mutatis mutandis, los Parlamentos y los Gobiernos deberían tener consciencia de que la producción algorítmica en la inteligencia artificial de la economía digital requiere responsabilidad algorítmica. Sobre la responsabilidad algorítmica en el “mercado de la atención”, cf. PATINO, Bruno. La civilisation du poisson rouge. Ed. Grasset, Paris, 2019.

sensaciones, impresiones, sentimientos, ilusiones, espejismos, obsesiones, imaginación, sueños y pesadillas. Lo podemos ver pulular, mediante algoritmos que generan “viralidad digital”. Los artistas dan testimonio en sus obras. “El sueño de la razón que produce monstruos”, dice Goya, en sus Caprichos de 1799, criticando en filigrana la “Religión de la Razón” del Régimen del Terror, durante la Revolución francesa. Podríamos también leer el ensayo de Morin Autocritica (1959) como el testimonio de la experiencia antropológica de toda una generación “alienada” por ideas, mitos y leyendas, por la ideología del comunismo y del capitalismo, del existencialismo, del estructuralismo y del psicoanálisis, por el “cretinismo cultural” y, en filigrana, por todo “ismo” que hace de la producción racional, porque dizque lógica, un instrumento de servidumbre auto justificable, una racionalidad instrumental con semblante de guerra y de muerte.

Urge, por consiguiente, meta cognición, pensamiento crítico y complejo para cerciorarse de que los “virus noológicos” son, en suma, frutos de la ignorancia, la corrupción, la concupiscencia, la crueldad, la indiferencia; socaban la organización del sistema, ahí donde pululan y se

desarrollan las cegueras del conocimiento (el error y la ilusión), de la ciencia sin consciencia (orgullo, arrogancia, codicia), de la epistemología (ideologías). Los “virus noológicos” pululan en las redes sociales y producen “falsas verdades”, amén de otros delirios y “caprichos”, que valga acotar, son por desgracia tan necesarios a la tensión de la vida del espíritu como los virus marinos lo han sido a la evolución de la vida, como la sombra traza la oculta presencia de luz; necesarios, pues, los virus, al desarrollo o a la destrucción cognitiva y sociocultural del homo sapiens-demens. Por eso, decía Georges Bernanos, consciente de que el “origen” como el “fin” de la guerra está en la mentalidad que desarrollen los humanos: “Las civilizaciones son mortales. Las civilizaciones mueren como mueren los hombres, pero no de igual manera. La descomposición precede en ellas a la muerte, mientras que en nosotros la descomposición viene después de la muerte”⁸. El fin de un conflicto interno familiar, interno armado en una sociedad o entre naciones, depende, hoy como ayer, de cada persona

⁸ Essais et écrits de combat, tome II. Edition publiée sous la direction de Michel Estève avec la collaboration d'Yves Bridel, Jacques Chanot, François Frison, Pierre Gille, Joseph Jurt, Huber Sarrazin. La Pléiade, Gallimard, Paris, 1995.

en su fuero interior, de su capacidad de poética, de civilidad, ahí donde háyase lo “viral cognitivo”, hay también Conocimiento del conocimiento⁹, la triada de los tres reyes magos: poesía, amor y sabiduría; solidaridad, fraternidad y dignidad; alma, corazón y espíritu¹⁰.

Otras falsas verdades en las redes sociales conspiran sobre la ficción de que la COVID19 es una patraña del capitalismo moribundo, para retomar control e influencia sobre los individuos, o para enriquecer las multinacionales farmacéuticas. Falsas verdades similares circulan todavía hoy, veinte años después, sobre el atentado terrorista global del 11 de septiembre 2001, suponiendo que fue un acto conspirado por grupos que buscaban provocar la producción armamentista de los Estados-Unidos y la redistribución de los centros del poder en Oriente Medio, en favor de Israel.

⁹ Título del tomo 3 de El Método moriniano.

¹⁰ Unos versos prosaicos de Arthur Rimbaud me asaltan al instante, en “Mañana”, Estadía en el infierno (1873): “Desde el mismo desierto, en la misma noche, siempre se despiertan mis ojos cansados bajo la estrella de plata, siempre, sin que se conmuevan los reyes de la vida, los tres magos, el corazón, el alma, el espíritu. ¿Cuándo iremos, más allá de las riberas y de los montes, a saludar el nacimiento del trabajo nuevo, la sabiduría nueva, la huida de los tiranos y de los demonios, el fin de la superstición, a adorar – antes que nadie! La Natividad en la Tierra?”

Basta acotar que dichas redes sociales comportan una dosis endógena de racismo y antisemitismo.

Recordemos que el siglo XXI se abrió con una especie de “virus de terror”, generando un pánico mundial o “pandemia” de ideología del miedo, que llevó a inicios del siglo a facilitar la elección de candidatos que optaban, en ciertos países, por la “seguridad democrática” a toda costa. Esa “ideología del terror”¹¹ arrasó con los derechos humanos, provocó la estigmatización de protestas sociales en acciones terroristas y militarizó a la policía, haciendo del poder de la fuerza pública una estructura fascista que generaba miedo y desconfianza como base de gobierno. La lógica amigo-enemigo envenenó entonces la contienda política y las relaciones familiares.

El desarrollo exponencial de las tecnologías de información y de comunicación, en particular la inteligencia artificial, ha provocado una especie de “ecología de la acción” que hace emerger ciberpiratas, agentes anónimos

¹¹ Cf. nuestro ensayo sobre la “Ideología del Terror”, publicado por la Academia de la Latinidad, Rio de Janeiro, 2002.

del ciberterrorismo¹². Los llamados “hacker” buscan desarrollar algoritmos virales, para introducirse en el sistema de gestión de datos de grandes empresas privadas o públicas, bloqueando el sistema informático, secuestrando datos esenciales y pidiendo sumas multimillonarias para desbloquear el sistema y recuperar sus datos. El conocimiento pertinente de los virus informáticos y la lucha sin cuartel contra los ciberpiratas son uno de los desafíos globales mayores de la sociedad industrial del conocimiento, pero no son todavía un tema que incumba al comportamiento pasional de la sociedad. Mientras que los virus que atacan el sistema vital de las personas provocan inmediatamente reacciones de pánico y de irracionalidad. El ruido, el caos, la incertidumbre son mucho más complejos en sistemas orgánicos abiertos, y por ende más difíciles de manejar para científicos y políticos. Aunque se entienda que un ataque viral informático puede destruir toda una empresa, poner inclusive en jaque el sistema de defensa

¹² El “ciberterrorismo” es el ataque premeditado y motivado contra sistemas computacionales de información y/o comunicación, sea por uno o varios “hacker”, piratas de datos, que funcionan de manera clandestina, a manera de crimen organizado, o por piratas a sueldo, contratados por servicios secretos de países enemigos de otros.

militar de un país, un virus de carácter biológico genera pánico generalizado, pues puede acabar con el organismo de individuos y, en el caso de una epidemia, convertida en pandemia, poner en grave peligro las interrelaciones personales y el equilibrio socioeconómico de toda una sociedad. Además, toda infección incurable despierta en los humanos un pánico endógeno, un recuerdo primitivo de fragilidad natural y condición de mortal¹³.

Traigamos a colación el caso de la peste o “muerte negra” en la Europa del Alto Medioevo; debido a un virus desconocido, proveniente de Asia, pueblos, ciudades y hasta regiones enteras fueron abandonados por los pocos

.....
¹³ En el Capítulo 1 de la 2da Sección, parágrafo 46 al 53, de su obra magna *El Ser y el Tiempo*, Heidegger procede a un estudio ontológico y fenomenológico de la condición mortal del humano, recordándonos que la Modernidad, ufanada en la Ciencia y el Progreso, olvidó que somos un ser tanto para la vida como un ser para la muerte y, que “salir del mundo” en el morir comporta varias dimensiones o puertas de salida, variantes del salir del mundo, del fin, de la totalidad. Se muere de muchas maneras, la viviente, es sólo una de ellas: en tanto organización compleja dislocada del equilibrio energético corporal, pues el cadáver “sigue viviendo” mediante metamorfosis eco bilógica. El poeta del Siglo de Oro español, Quevedo, lo decía ya de sutil manera: Alma, Venas, Médulas “Su cuerpo dejarán, no su cuidado; / serán ceniza, mas tendrá sentido; polvo serán, mas polvo enamorado”.

sobrevivientes. En Florencia, que era una Ciudad-Estado de los reinos de Italia, entre las más florecientes en el siglo XIV, solamente un quinto de su población sobrevivió. Es difícil conocer el número de fallecidos, pero modelos contemporáneos los calculan entre 80 a 200 millones en Eurasia y África del Norte. La peste habría provocado la muerte de entre el 30 % y el 60 % de la población de Europa, siendo un tercio una estimación muy optimista. Recuérdesse también que una de las hipótesis de la supuesta facilidad con la que un puñado de conquistadores españoles lograron desorganizar, destruir y avasallar a los sofisticados Imperios Inca y Azteca, compuestos por millones de individuos, fue que las células de los mamíferos que llegaron al “nuevo mundo”, en los humanos, ratas, piojos o caballos, venían también los virus acallados, que habían azotado por miles de años las poblaciones euroasiáticas, y que no se conocían en Mesoamérica ni en América Andina: gripe, viruela, sarampión, tifus, entre otras enfermedades fueron el “arma biológica” con que los conquistadores españoles arrasaron con millones y millones de indígenas americanos. Tampoco está de más acotar que la fragilidad de los indígenas americanos frente a virus desconocidos –que

provoca sus muertes- y la carencia de mano de obra condicionó, la “importación de mano de obra” y la implementación, a finales del siglo XVI, de la trata humana; horror reconocido hoy en día por la comunidad internacional, como crimen contra la humanidad.

Si bien la ciencia de la virología contemporánea data sólo del siglo XIX y empezó interesándose en el virus de carácter vegetal, que destruía las hojas del Tabaco, la combinación de biología molecular, informática y física cuántica alcanza hoy una sofisticación tecnológica cuasi poética (poiésica) cuando se habla, por ejemplo, de la vacuna en clave “ARN mensajero”, para combatir al coronavirus de la COVID 19, es decir, de una molécula-vacuna de ácido ribonucleico que entra al tejido celular y le transmite un dato relativo a la composición del virus que potencialmente lo ataca, con el fin de que el sistema inmunológico de la célula, que se encuentra sellado dentro de su código ADN, lance una producción de proteínas de auto-eco-protección contra dicho virus. Los adeptos de la corriente anarquista anti-vacunas que, sea dicho de paso, han existido desde que los remedios basados en ciencia experimental probada existen, temen que el mensaje de la

“ARN mensajero” provoque una alteración substancial del código ADN de la célula, es decir, que “el remedio sea peor que la enfermedad” y, que la ficción humana transforme la naturaleza en monstruos. Sin embargo, urge precisar que el dato de la vacuna pasa por medio de una “proteína mensajera”¹⁴, que circula esporádicamente alrededor del ADN, por fuera de éste, y que contiene la clave del sistema inmunológico celular. Es decir, el dato de la vacuna no entra directamente en el sistema ADN. Esta información es un dato científico probado. Debería tranquilizar a quienes, arguyendo del funcionamiento de la vacuna “ARN mensajero”, se oponen a su implementación. Las políticas públicas sanitarias deben tener en cuenta el miedo racional e irracional que las gentes del común le tienen a cualesquier vacuna que pueda modificar el comportamiento del sistema inmunitario. Lo cual requiere un trabajo pedagógico a partir de los articuladores o principios del conocimiento pertinente. Lo veremos más adelante.

¹⁴ GROS François, L’Histoire du Messenger. In Hommage à Jacques Monod. Les origines de la biologie moléculaire. Présenté par André Lwoff et Agnès Ullmann. Éditions Études vivantes, Academic press, 1980. pp 121-128. Des versions en anglais de cet ouvrage ont été publiées en 1979 par Academic press et en 2004 par l’American Society of Microbiology.

DE LO VIRAL A LA COMPLEJIDAD DE BASE, LA SISTEMICIDAD

Lo viral ha puesto también de manifiesto que hay por doquier complejidad. Este siglo será entonces complexus o no será, es decir, somos, en tanto somos lo que somos, expresiones sistémicas organizadas para procesar energía de subsistencia en equilibrio térmico y organizacional, tanto a nivel íntimo y privado, como público, pues somos homines sapiens-demens, animales racionales, decía Aristóteles, racionales y locos, apunta Morin, es decir, entes bioculturales.

La preservación de la unidad orgánica o complejidad de base -la sistemicidad- del individuo, de la sociedad y de la especie estará enfrentada siempre a virus vagabundos, efímeros y manipulables, cada vez con mayor capacidad de mutación, para alojarse en los sistemas vitales, socio-institucionales e informáticos, desorganizándolos y hasta destruyéndolos. El combate consistirá entonces en mejor comprensión de la complejidad de base en la organización del sistema biológico, social y algorítmico, pero también en la pedagogía política o política de civilización con que se combatan las fuerzas virales que buscan destruirnos.

La pandemia provocada por la COVID19 recordó a los científicos y a los políticos, a todos los individuos que han tomado conciencia de la mega-crisis, que la triada individuo↔sociedad↔especie es complejidad pura. Dicho a la manera de Edgar Morin: “contrariamente a la idea demasiado simple que hacía del humano el único ser complejo (y esta idea era tan simplona que hacía que no se pudiera concebir la complejidad humana), contrariamente a la idea más liberal que acordaba la complejidad a lo vivo frente a la simplicidad de la naturaleza física, la complejidad está en todas partes”¹⁵. Parafraseando el famoso íncipit de la Génesis en la Torah o Antiguo Testamento, Morin acota a manera de conclusión lapidaria: “En el comienzo era la complejidad: la génesis es la otra cara de una desintegración”¹⁶. Podríamos decir entonces, hablando del universo, del cielo y de la tierra, de lo mineral, vegetal, animal y humanoide: in principum erat Complexus.

¿Cómo entender entonces este concepto, complejo de base si, nos alerta Morin, todos nuestros conceptos se

¹⁵ MORIN Edgar. *La Méthode I. La nature de la Nature*. Ed. Seuil, Paris, 1977. En trad. Ana Sánchez, Ed. Cátedra, p.p. 176- 177.

¹⁶ Ídem, p. 177.

tuercen y se quiebran cuando los llevamos al horizonte de la complejidad, se quiebran en cuanto son llevados más allá de la velocidad de la luz? Surge otra vez la paradoja socrática del origen del conocimiento, el sólo sé que nada sé, entiéndase como consciencia del límite del conocimiento. Sin embargo, es justamente la existencia asombrosa de la consciencia del límite que condiciona la emergencia, a manera de punto de fuga o presencia abismal, del Complexus como conjunto infinito.

El cortejo nefasto de lo crítico está hecho de desorden, caos, ruido, miedo, incertidumbre, errores, ilusiones. Esa cara negativa de lo que nos ilustra, también nos enceguece; muestra que lo que parece, no siempre es. Una de las principales lecciones que podríamos sacar de la mega-crisis provocada por la pandemia de la COVID19 es, según Edgar Morin, que “todo lo que parecía separado es inseparable”¹⁷.

La consciencia de la inseparabilidad es la manifestación de la complejidad de base, lo sistémico en clave Complexus, para lo cual se requiere saber que la triada

¹⁷ MORIN, Edgar con la colaboración de ABOUESSALAM, Sabah. Cambiemos de vía / Lecciones de la pandemia. Ed. Paidós, Barcelona, 2020, p. 19.

fundamental de la existencia humana, individuo↔sociedad↔especie, está en relación de encadenamiento, interconexión, en bucles retroactivos y ecosistemas de auto-eco-organización constante. Pero no nos percatamos de esa triada de pluralidad en lo uno, su unitas multiplex; tampoco estamos atentos a su organización sistémica y dinámica, sino cuando el organismo del individuo, la sociedad y/o la especie entra en crisis, es decir, se desorganiza, dispersa, separa y/o muere.

¿QUÉ ES MEGA-CRISIS?

La noción de mega-crisis en clave de complejidad moriniana es un dato conceptual para entender la desorganización o masa crítica de un sistema; entiéndase como la noción de macro-concepto “alrededor del cual se dispone toda una constelación satélite”¹⁸. En efecto, así como electrones y protones se oponen y complementan para constituir átomos, moléculas, redes cristalinas, diversos conceptos se reúnen en el macro-concepto y diferentes crisis en una mega-crisis. Existen teoremas y

¹⁸ Cf. El Método 1 La naturaleza de la naturaleza. Trad. Ana Sánchez. Ed. Cátedra, Madrid, 1981, p.p. 172-179.

ecuaciones que nos facilitan la comprensión de esos entes, en tanto esquematizan el caos y el azar. Nos sirven para tomar decisiones y prospectar procesos que regulen o minimicen la peligrosidad del riesgo en cuanto al buen funcionamiento del sistema. Pero urge, además de ciencia, consciencia, cuando surgen situaciones de crisis y, más todavía, cuando se encadenan éstas, en mega-crisis. Recordemos aquí, a manera de divertimento, al extranjero del país de Elea, discípulo de Parménides, cuando se entretiene con Teeteto, a pedido de Sócrates, hace 24 siglos, diciéndole:

“-Mi querido amigo, esforzarse por separarlo todo de todo no es tan sólo ofender la armonía, sino también ignorar a las Musas y a la Filosofía.

-¿Por qué?, pregunta el joven ateniense.

-Separar cada cosa de todo lo demás es la manera más radical de reducir a la nada toda argumentación, porque la razón nace de la relación mutua entre las figuras.”¹⁹

¹⁹ PLATÓN, El Sofista, 259e.

¿Cuáles son los conceptos que están pues en interrelación cuando se habla de mega- crisis? ¿Cuál es el sistema en clave organizacional, es decir, cuál es esa organización o rostro interiorizado del sistema (interrelaciones, articulaciones, estructura), y cuál, el sistema o rostro exteriorizado de la organización (forma, globalidad, emergencia)?

El macro-concepto mega-crisis busca subsumir la ecología crítica donde aparecen diversas crisis, relacionadas unas con otras; sin embargo, se piensa que hay una diferencia de naturaleza y que, por consiguiente, se deben éstas enfrentar por separado en busca de soluciones, mientras que se trata en realidad de diferencias espacio-temporales, de juicio y apreciación, que requieren aplicación de principios propios de un conocimiento pertinente, pensar global, conceptualización sistémica e integral.

Es imposible enfrentar las incertidumbres propias a una mega-crisis, a los torbellinos y a las catástrofes que provoca, si no se tienen principios propios de un conocimiento pertinente, que permitan establecer la adecuación entre lo que se sabe y lo que no se sabe, es decir,

que se pueda serenamente tener conciencia que miedos, falsas verdades, intereses egoístas y oportunistas pululan en situaciones críticas, a manera de células cancerígenas; invisibilizando esos principios.

En Los siete saberes necesarios para la educación del futuro, Morin propone pensar el “Segundo Saber”, como aquel que contiene “Los principios de un conocimiento pertinente”²⁰. Dichos principios hacen referencia a las nociones de contextualidad, globalidad, multidimensionalidad, complejidad. La mega-crisis de la COVID19 puso de manifiesto que “el conocimiento del mundo, en tanto que mundo, resulta una necesidad a la vez intelectual y vital”, algo de vida y/o muerte, nos lo recordó la pandemia, precisándose que tal conocimiento “necesita situarlo todo en el contexto y en la complejidad planetaria”. Morin acota, a reglón seguido, que se trata del “problema universal para todo ciudadano del nuevo milenio”, más aun cuando estamos enfrentados a cuestionamientos relativos a objetos naturales²¹: “¿Cómo lograr acceder a la información

²⁰ Idem, Les Sept savoirs, p. 47-62 ssq.

²¹ Cuando tuvimos el honor y el placer de organizar las Jornadas Relier les connaissances, le défi du XXle siècle, en el Ministerio de Educación Nacional de

sobre el mundo y cómo lograr la posibilidad de articularla (hacer sistema) y organizarla o tomar consciencia de su desorganización? ¿Cómo percibir y concebir el Contexto, lo Global (la relación todo/partes), lo Multidimensional y lo Complejo?”²²

Las respuestas a estas preguntas requieren poder articular y organizar los conocimientos y con ello conocer y reconocer los problemas que plantea estar frente a objetos naturales, tales como El Mundo, la Tierra, La Humanidad, entre otros. Ese requerimiento pedagógico en el poder pensar la relación sistémica preguntas↔respuestas, en situación de mega-crisis, i.e. de vida y muerte, necesita una reforma del pensamiento, nos alerta Morin. “Ahora bien, esta reforma es paradigmática y no programática”²³

.....
Francia, bajo la dirección de Edgar Morin, marzo de 1998, se planteó que los currículos escolares deberían unir, religar, entrelazar los conocimientos con el hilo conductor de preguntas sobre objetos naturales, tales como El Mundo, La Tierra, La Vida, La Humanidad, La Historia, entre otros. Los textos de esas jornadas fueron publicados en francés por la editorial Seuil, Paris, 1999; traducidos y publicados por Plural editores, La Paz, 2000.

²² Ídem, p. 47. Hemos introducido el paréntesis para acotar que sólo la articulación sistémica y no sistemática permite concebir la complejidad.

²³ In Los siete saberes, idem, p. 48.

Reformar desde el paradigma no tiene por objetivo programar, sino orientar la estrategia programática. Por eso, si no entendemos la diferencia entre paradigma y programa, entre cogitar y computar, sus oposiciones y complementariedades, no podemos entonces elaborar, implementar y evaluar políticas educativas que preparen a la juventud del relevo a tener las competencias psicosociales y aptitudes cognitivas para articular y organizar los conocimientos en situación de crisis y hasta mega-crisis, pensando y obrando en lógica de complejidad, pertinencia y prudencia, responsabilidad ética, solidaridad y dignidad.

EN BUSCA DEL ESLABÓN PERDIDO

La mega-crisis planetaria, provocada por la enfermedad viral COVID19, mostró, de la China a la Patagonia, pasando por África del Sur o Italia, que el homo sapiens-demens tiene, frente a los coronavirus, idéntica constitución biológica, en cuanto a la estructura molecular de las células del organismo humano. Es un golpe duro para los racistas y los herederos del nazismo. Aquellos que creían todavía en la diferencia racial del ser humano, justificando tal o cual superioridad biológica molecular, han tenido que

reconocer que no hay diferencia substancial entre cada individuo sobre la tierra, siendo cada individuo, sin embargo, un organismo con tempo, ego y conciencia propias, con personalidad única. Costumbres, hábitos, creencias, confesiones, ideologías nos pueden hacer creer que hay humanos iguales. Pero entre los seres humanos no hay diferencial en cuanto a la especie. Cada humano es un holograma del otro, de la sociedad y de la especie. Los fisiólogos de la antigüedad greco-romana, china y egipcia, vieron inclusive en el organismo animal hasta el reflejo del funcionamiento del universo. Los animistas de poblaciones autóctonas conservan todavía esa concepción cosmo-bio-antropológica de la humana condición.

La biología molecular contemporánea nos enseña que somos una emergencia de vida, única y propia del planeta Tierra, en todo el sistema solar, aunque no tenemos conocimiento de posible huella de vida congelada en los gigantes helados, Urano y Neptuno, y menos que la vida pueda existir en la Vía Láctea o en algún agujero negro. La Tierra es la única cuna de vida que hasta hoy conocemos. Pero, para poder entendernos como emergencia vital, necesitamos un paradigma de complejidad. Entender cómo

y por qué la Tierra es cuna de vida y de muerte, en ciclo mutante positivo. Pensar la vida necesita también pensar desde la muerte, lo que es imposible o simplemente hipotético. Urge entonces, reflexividad, pensar desde la vida de la vida. “Es el mismo conocimiento biológico el que exige y permite la emergencia de un método de la complejidad”, dice Morin²⁴. Para Morin, la vida de la vida humana se entiende como inclusión de lo viviente en lo humano y de lo humano en lo viviente, todo religado en la mano de las dimensiones físicas, químicas, pero también psíquicas y socioculturales que nos animan. En ese sentido, el humano es 100% natural y 100% cultural, es decir, 100% biocultural²⁵. Si fuera necesario mostrarlo, la COVID19 lo puso de manifiesto. Un hilo invisible de partícula desesperada y errante, que llamamos virus, en busca de alguna célula frágil, con la capacidad de abrir la cerradura de la membrana celular y darle un dato para producir proteínas que, si el sistema inmunológico no reacciona debidamente, terminan sofocando la querencia celular y generando un

.....
²⁴ Cf. *La Méthode II. La vie de la vie*, Seuil, Paris, 1980. En la traducción al castellano de Ana Sánchez, Ed. Cátedra, p.28.

²⁵ Véase el ensayo de bioantropología de Morin, *Le paradigme perdue : la nature humaine*. Ed. Seuil, Paris, 1973.

encadenamiento de auto-eco-destrucción viral, mostró que los virus sobreviven por el hábitat del huésped, pero también por su ecosistema biocultural. De donde, convocando a Morin, “el doble estatuto del ser humano. Por una parte depende totalmente de la naturaleza biológica, física, cósmica. Por la otra depende totalmente de la cultura, es decir del universo de la palabra, del mito, de las ideas, de la razón, de la conciencia”²⁶. Cuando Morin propone que saquemos de la pandemia la lección: todo lo separado, es decir, todo lo que vemos y pensamos separadamente, tratándose de la vida, del amor y de la muerte, de la humana condición, es en realidad inseparable. Para pensar esta inseparabilidad entre la tierra, la vida, la humanidad, es decir entre lo físico, lo biológico y lo antropológico, para poder enfrentar con el pensamiento de conocimientos pertinentes una mega-crisis viral, urge, precisa Morin, pasar “del pensamiento reductor, mutilante, aislante, catalogante, abstractificante, al pensamiento complejo”²⁷.

²⁶ MORIN Edgar / KERN Anne Brigitte. Terre-Patrie, Ed. Seuil, Paris, 1993. Trad. Ricardo Figueira, Ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 2004, p.61.

²⁷ Ídem, p. 67.

La pandemia COVID19 puede servir para ilustrar la condición biocultural humana. En *Tierra Patria*, escrito en colaboración con Ana-Brigitte Kern, Morin había presentado ya la hipótesis del ser humano como *Unitas Multiplex bio-terricola*, es decir, organismo compuesto de un encadenamiento de sistemas y subsistemas. “De ahí la primordial necesidad de dejar de ocultar, de revelar, en y por la propia diversidad, la unidad de la especie, la identidad humana, los universales antropológicos”²⁸. La obra magna de Morin, *El Método*, es una en-ciclo-pedagogía para elaborar dichos universales, desde la naturaleza de la Naturaleza, hasta el estudio del comportamiento ético, pasando por la vida de la Vida, el conocimiento del Conocimiento, las Ideas, la humanidad de la Humanidad.

El optimismo moriniano se basa en la hipótesis que la mega-crisis a la que nos ha llevado la pandemia conlleve un corolario positivo, a saber, el desarrollo correlativo de la compasión del corazón, del humanismo del espíritu, de un verdadero universalismo, y del respeto de las diferencias. Lo que conduciría a superar la ceguera ego-etno-centrista e ideológica, que nos hace ver un posible enemigo en el

²⁸ Ídem, p. 64-65.

extranjero, semblante de gran reemplazo. ¿Cómo combatir esas “cegueras”?

LA REFORMA DEL PENSAMIENTO

En Los Siete Saberes, Morin propone una propedéutica educativa que permita llevar a cabo ese combate contra las cegueras del conocimiento, que son el error y la ilusión, y que requiere saber lo que es el conocimiento, en tanto conocimiento mismo, es decir, reformatear lo que ya se sabe. Nos encontramos frente a un problema con múltiples aristas: epistemológico, ciertamente, pero también biocultural. La pregunta por el saber, es decir, el conocimiento del conocimiento, se ha cantonada siempre a lo histórico, cultural, antropológico; luego, es un tema que también tiene que ver con la vida y la muerte misma de la condición humana. Por eso, es una cuestión esencialmente multidimensional, compleja, es decir, requiere ser humanizada, contextualizada. En Tierra-Patria, Morin precisa que la reforma del pensamiento “implica una revolución mental todavía más considerable que la revolución copernicana”²⁹. Entiéndase: dejar de

²⁹ Ídem, Capítulo 7. “La reforma del pensamiento”, p.p. 179-192.

considerar el computo ego/yo como el centro del individuo o el individuo-sujeto-actor como el centro de la sociedad. Para volver al ego/yo y al sujeto-actor con nuevos conceptos, liberándolos de sus actuales sujeciones y alienaciones diversas, urge plantear la cuestión del conocimiento, del pensamiento, del saber, como el nudo gordiano de la tragedia humana. Recordemos la sentencia gravada en la entrada del edificio parisino, sede de la UNESCO, con respecto a lo que fuera una de las lecciones claves, frente a la tragedia de la Segunda Guerra Mundial, y a manera de imperativo categórico moral de la Constitución de la Organización Mundial de Naciones: “Puesto que las guerras nacen en la mente de los humanos, es en la mente de los humanos donde deben erigirse los baluartes de la paz”.

Para erigir esos baluartes no sólo urge educación, ciencia y cultura, sino, ante todo, una reforma del pensamiento en cuanto a lo que significa propiamente para una sociedad el saber de la educación, la consciencia de la ciencia, la emancipación de la cultura. Un hilo conductor corre por esos interrogantes, como el hilo de Ariadna para salir del laberinto y no ser devorado por el minotauro. Se

trata de la consciencia global que cada humano pueda tener, para hacer realmente parte de una aventura cognitiva común: erigir en su mente baluartes de paz. El proceso cerebral como emergencia de la individualización o cogitación conlleva una fuerza centrífuga tan potente, arma nuclear de supervivencia del ego/yo, que se requiere, gracias a la pedagogía y la meta-cognición, aprender que al mismo tiempo reside en el embrollo humanoide otra fuerza, centrípeta, gracias a la cual emerge la otredad, la heterogeneidad, el NosOtros. Por eso, al mismo tiempo que dentro de cada persona se vive la aventura de ser uno y otro, unitas multiplex, seres bioculturales, urge repetir con Morin que: “la toma de consciencia de la comunidad de destino compartido terrestre debería ser el acontecimiento clave de nuestro siglo. Es, sin duda, el mensaje más fuerte de la crisis de 2020. Somos solidarios en este planeta y de este planeta. Somos seres antropo- bio-físicos, hijos de la Tierra. Es nuestra Tierra-patria”³⁰

³⁰ Ídem, Cambiemos de vía / Lecciones de la pandemia, p.102.

RESISTIR, HUMANIZAR LA CONDICIÓN HUMANA Y GENERAR HUMANOLOGÍA

El coronavirus que provoca la COVID19 ha entrado en un proceso complejo de variabilidad. No se sabe a ciencia cierta cuántas variantes son posibles, ni hasta qué tasa crítica de mortalidad aceptable, subirá, pues eso depende tanto del azar y la necesidad como de la reforma de mentalidades en curso. Sin embargo, la mega-crisis planetaria es cada vez mayor y no se ve en el horizonte ningún cambio gramatical que permita un giro paradigmático para enfrentar de manera abierta y complementaria, en clave reformadora de pensamiento complejo, el miedo, la incertidumbre, la irracionalidad y la desesperanza. Las pasiones tristes están carcomiendo la civilidad, la paciencia y la comprensión ciudadana. La pandemia provoca crisis sanitarias, económicas, socioculturales y políticas, tempestades virales en los sistemas inmunitarios desorganizados, quiebras, hambrunas y probablemente guerras civiles. Todos los científicos y los políticos en los países desarrollados están en alerta máxima. Los otros países, la mayoría, dejan su población a la deriva, esperando que les den migajas de alguna vacuna o que,

multinacionales especuladoras se las vendan por precios exorbitantes; lo que genera abusos y corrupciones monstruosas. La cuestión de la protección sanitaria, individual y colectiva, no es únicamente, para cualesquier gobierno, un tema de investigación científica y producción tecnológica, es también un problema de organización logística y, sobretodo, de comportamiento ético y sociocultural en el quehacer y convivir de una sociedad democrática. Hay un porcentaje irreductible de personas que consideran inaceptable la obligación de vacunarse y el condicionamiento de la libertad individual de ir y de venir, de disponer libremente de su cuerpo, en función de una inmunidad de rebaño que se considera tan abstracta, fría e indiferente, hasta improbable, como el ideal del pacto social o de la voluntad general en el voto representativo. Emergen llamados a la tiranía política y hasta al totalitarismo sanitario, así como disidencia, sabotaje y anarquía.

Con todo, confirmada o no la fuente china del virus SARS-CoV-2, nos encontramos metafóricamente en un nuevo tipo de guerra fría mundial, donde dos regímenes se enfrentan, en cuanto a sus concepciones y prácticas frente al manejo de la pandemia COVID19: por un lado, el

régimen comunista tradicional, matizado de capitalismo público- privado y, por el otro el capitalismo liberal, confrontado a tener que realizar reformas integrales, para asegurar paz con justicia social, respetando escrupulosamente el manejo del Erario y la Fuerza Pública, con base en los derechos humanos y, teniendo por fundamento categórico principios fundamentales de la libertad individual (libertad de consciencia, de misión o de omisión, de pensamiento, de expresión y de acción en la esfera pública).

Estamos, pues, al amanecer de una nueva era. Se requiere comprensión y pensamiento complejo, en clave antropológica, dice Morin. Comunismo y Capitalismo son, como tales, regímenes mesiánicos y fetichistas, idearios, noologías que deberían ser superados por la regeneración de las ideas que proponen, en cuanto a lo colectivo y lo individual. Pero aquí, se plantea nuevamente la necesidad de reformar el pensamiento sociopolítico tradicional y la regeneración del entendimiento, tomando consciencia de las lecciones que se deben sacar de la mega-crisis, y gracias a la práctica teórica y la teoría práctica de Los Siete Saberes.

El nuevo ideal mesiánico debería estar en algo así como un evangelio laico de resistencia pacífica por la victoria inicial, ya no por la victoria final y/o la esperanza de salvación de una sociedad con sus luchas e intereses. Evangelio, nueva alianza o palabra para encontrar en el desierto, en la crisis, el camino verdadero y vivencial. Se trata, en términos morinianos, de una religión religadora y comprensible del *unitas multiplex*, del *complexus individuo↔sociedad↔especie*, del *homo sapiens demens*. Una religión religadora de la humana condición y la identidad planetaria requiere enseñar/aprender la poética del género humano, adquiriendo así aptitudes cognitivas complejas, hechas de mente-corazonada, de intuición conceptual y de concepto intuitivo, para poder captar y discernir la complejidad de mensajes físico-químicos-psíquicos, codificados en tormentas virales que destruyen el sistema inmunitario celular, informacional y/o societal.

La “ética del género humano” es el Séptimo Saber que Edgar Morin propone en *Los Siete Saberes necesarios para la educación del futuro*. Es el principio y fin de su obra magna, *El Método*, y la propedéutica en clave de complejidad. Es el Saber que religa todos los demás y con el

cual se debería empezar para formar a la generación del relevo, para capacitar a los formadores de formadores. Parafraseando a Michel de Montaigne, digamos que cualquier otra ciencia es perjudicial³¹ para aquel que carece de la ética del género humano, o de ciencia con consciencia. Esta ética es un entrelazado de conocimientos, competencias y aptitudes donde emerge un comportamiento de imperativo moral, experiencia probada y deontología respetuosa de toda complejidad de base, del *Complexus NosOtros*. Es un comportamiento en clave poética, es decir, metamórfica, generativa, emergente y regenerativa, hecha de alma, vida y corazón, de amor, poesía y sabiduría. La *AntroPoÉtica* es un macro-concepto o complejo de base para enseñar la ética propia a la educación del futuro. Se requiere entonces optimismo y pesimismo, es decir prudencia y, según Morin, “La antro-poética supone la decisión consciente y lúcida: -De asumir la humana

³¹ Véase el capítulo XXV “Del Magisterio” en Michel de Montaigne, *Ensayos*. Ediciones Cátedra, Madrid, 2006, tomo I, p. 194: “Cualquier otra ciencia es perjudicial para aquel que carece de la ciencia de la bondad”. Este pensamiento de Montaigne viene a reglón seguido de una cita de Séneca, *Cartas*, 95, que reza: “Postquam docti prodierunt, boni desunt” (“Desde que aparecieron los sabios, la gente de bien desapareció”).

condición individuo-sociedad-especie en la complejidad de nuestra era. –De realizar la humanidad dentro de nosotros mismos en nuestra consciencia personal. –De asumir el destino humano en sus antinomias y en su plenitud”³².

La AntroPoÉtica nos pide, concluye Morin en su manual de propedéutica del Pensamiento complejo (Los Siete Saberes), que asumamos la misión antropológica del siglo XXI: *Trabajar para la humanización de la humanidad es el Principio de Resistencia* de la complejidad de base, es decir, úrgenos participar en lo íntimo, lo privado y lo público en la tarea cotidiana de Trabajos y Días que haga de nuestras andaduras y querencias la emergencia por doquier, desinteresada, bondadosa y benéfica de humanología religante, mas no mesiánica y/o totalizadora, ya que, como nos inspiró Jean-Michel Blanquer haciendo de su misión ministerial en la Educación Nacional de Francia un mantra: entre mayor tecnología y humano aumentado por inteligencia artificial, la educación requiere más humanismo para humanos mejorados y humanizados.

³² In Los Siete Saberes, ídem, p. 146.

Humanizar la humanidad es también tener consciencia de que en el semblante-ajeno reside la identidad consigo mismo, reserva de auto-eco-dignidad, prueba metafísica de la existencia de la fraternidad humanológica, de ética de religazón, de imaginación jurídica, de triada responsabilidad, solidaridad, fraternidad.

Humanizar la humanidad es la lucha espiritual contra la crueldad, la malignidad, la corrupción y la indiferencia.

Humanizar la humanidad es dar testimonio de paciencia, comprensión, empatía y confianza.

Humanizar la humanidad es el principio de resistencia de la humanología moriniana para combatir, en clave de complejidad, la mega-crisis de cualesquier tempestad viral planetaria. El desafío consiste, sin embargo, a manera de apuesta pascaliana, en religar: saber y pensamiento, acción y misión: “Sabemos que el Homo sapiens (demens) no ha usado hasta el presente sino una pequeña parte de las posibilidades de su espíritu (\leftrightarrow) cerebro. Estamos, en consecuencia, lejos de haber agotado las posibilidades intelectuales, afectivas, culturales, de civilización, sociales y políticas de la humanidad (...) salvo una posible catástrofe, no nos hallamos en el límite de las posibilidades

cerebrales/espirituales del ser humano, de las posibilidades históricas de las sociedades, de las posibilidades antropológicas de la evolución humana”³³.

Humanizar la humanidad, tanto en lo individual, social como especie-ambiental, debería ser, pues, el mensaje de resistencia frente a la mega-crisis actual y las otras por venir, para invitar a toda la juventud del planeta a laborar, luchar y soñar por una etapa nueva en el proceso de humanización, que requiere aprender a mirar con alegría y con dignidad, en el semblante-ajeno, las tres heridas fundamentales con que llega: “Llegó con tres heridas... Con tres heridas viene... Con tres heridas yo: la del amor, la de la muerte, la de la vida”³⁴

³³ In Tierra-Patria, ídem, p. 216-217.

³⁴ Referencia al poema de mi amado poeta Miguel Hernández: “Llegó con tres heridas”.

[espacio literário]

POEMAS

CARLOS HOA HEWSTONE

DESIERTO AL DESIERTO

Hace mucho
antes de la Era del hielo, en un mundo en que el eco
hacía doler los oídos, a lo único que teníamos miedo
era a las monedas
que la fortuna no dejaba llevar
más allá de la rivera. Barrabás imitaba en la playa
la pose de racimos de uvas: abrazados contábamos los días
con las ramas caídas: conocidos,
despiertos, el viento nos mecía el pelo
y lo que conversábamos parecía un verde trozo
de desfiladero. El aquí y ahora se espantaban el calor
con un abanico de buganvillas: conocidos, despiertos,
bañados con salmuera,
hijos de Sudamérica, nuestros hermanos eran
lo que pertenece al amarillo
resplandor de la llama
y no a las delgadas

formas de las velas. Nombrábamos agua al agua
y desierto al desierto, expuestos al viento
con huellas de ruedas tallados, bajo los pies
anillos de cielo, definían el sitio
donde caímos.

LOS HOMBRES REUNIDOS

Están los hombres reunidos, escuchando en torno a la fogata,

oyendo el mito porque son hermanos, reunidos oyendo porque son un pueblo.

Está el lenguaje. Está el mito hablado. Recitado. Cantado. Actuado.

Está el mito que antes de ser oído no los reunía y los reúne ahora que lo oyen. Está el mito sobre su origen. Sobre su final.

Está el mito que los hace hermanos, un pueblo, parte del mismo mito.

Está el lugar del mito que también es mito. Está quien recita el mito,

que también es mito. Están quienes oyen el mito, que también son mito. Está el mito

acerca del mito.

Están los hombres reunidos y alguien les narra una historia.

Palabra que los narra como si los hiciera dueños de sí mismos.

Si son una nación no se sabe. Si son una tribu no se sabe. Si son una civilización no se sabe. Pero están ante la palabra limpios como un desierto recién lavado, como si la palabra los volviera a poner en el lugar de donde fueron quitados y de donde acaso nunca debieron haber sido quitados.

Son el mismo hombre porque comparten el mismo relato. Quien narra puede ser alguien venido de otra tierra o parte de ellos mismos no se sabe. Pero narra porque puede hacerlo o porque fue elegido para narrar o porque la ley lo ordena o porque fue bendecido con la gracia de la narración.

Antes de oír la historia andaban separados, divididos y sin camino, en todas partes

y en ninguna. Se ayudaban o enfrentaban

sin ser el uno en el otro. El interés los reunía o los separaba,

pero ahora los junta la narración

y son hermanos y son un pueblo.

Un día uno de nosotros asombrado como volviendo de otro lugar se detuvo

y vacilante observó algo distinto en la forma de una roca

o en un árbol quemándose en la ladera de una montaña

o en un lugar donde la tierra cambia de color

y comenzó la narración que los volvió uno y el mismo hombre.

Es la historia de los que atentos oyen

o su historia propia por todos sabida o conocida ahora que la escuchan

o es la historia de su origen. De los dioses. De los hombres y las mujeres.

De las plantas y los animales. Del tiempo y de su tiempo.

O de cómo

están ligados al origen del tiempo mismo.

De qué sitio provienen

y en qué tiempo fueron creados.

De qué manera y de qué material.

De cuál es su porvenir. De la ley que los gobierna. Del saber que los hace humanos.

De la memoria en que se recuerdan.

De la escritura que los vuelve inmortales.

De la hechura del cuerpo

que los hace mortales. Es la historia que los une a los que mueren,

de aquello que los separa de los que no mueren, de cómo adquirieron la palabra

que ahora los dice, pero que sólo quien narra la puede contar.

Hoy la lengua dejó de servir a cualquier otro fin
y ahora se usa sólo para narrar y reunir.

Hoy son palabras sagradas que fundan y crean.

Y ahora para ser compartidas son dichas.

Quien narra recita o habla. O canta acompañado de
música o no.

O actúa en compañía de otros o no. En una ceremonia
o bien acompañado sólo por los oyentes. A veces él es
protagonista

o lo son quienes oyen. Ellos comprenden lo dicho
tienen el deber de aprenderlo y enseñarlo.

Antigua como es, la escena es conocida por todos. No ha
ocurrido una sola vez,

sino muchas hasta perder la cuenta. Tantas como a oírla
se han reunido los hombres. Tantas como se ha contado
el origen de los hombres.

Tantas como se han reunido los hombres alrededor del
fuego encendido.

Para iluminar a quienes oyen. Para iluminar al que habla.

Para ahuyentar a los animales salvajes o bien para cocinar a esos mismos animales o bien para ofrecerlos en sacrificio. A los hombres que estuvieron antes que ellos a quienes los crearon o bien a los animales o bien a ellos mismos.

La narración es clara y simple, pero también suele ser confusa.

Dice las fuerzas sobrenaturales y hechos misteriosos, habla de transmutaciones,

sobre relaciones entre hombres mujeres y dioses. Es terrible,

trágica o edificante. Cruel. Habla de grandes brutalidades y acciones sobrehumanas. Transforma al hombre en animal y al animal en hombre.

Nombra a seres y personas nunca mencionadas ni vistas.

Los que oyen la conocen y conociéndola se conocen, y conocen el mundo donde viven,

y conocen que es un mundo entre muchos,
y comprenden la razón de la reunión
y por qué se les cuenta lo que se les cuenta.

Sabemos muy bien de qué trata esta escena. Alguien nos la
contó quizá cuando niños.

Nos dijo que nuestra ciudad viene de ella
o que debíamos oírla cuando quisiéramos saber de dónde
venimos

y que de una forma extraña todas nuestras narraciones
provienen de esta narración

y lo que le decimos al resto
de ellos y de nosotros mismos
viene de esos relatos.

Es la narración que llamamos mito. Aquella narración que
conocemos bien.

En ella se nos dijo que todo se creó. La oímos y nos fue
comunicada.

Nos dijeron que esta escena es ella misma un mito.

Y que es ella misma el comienzo del mito. Y también es ella misma

el comienzo de la conciencia del habla

que es ella misma el comienzo del mito del mito

que es ella misma el comienzo del mito de los hombres y del mundo olvidándolos. Nos dijeron que el mito no sólo está en el origen

sino que es él mismo el origen del origen

y sólo y nada más que del origen. Pero ahora canta

el porvenir seco

ACÁ EN LA TIERRA NADA HA CAMBIADO

Acá en la Tierra nada ha cambiado. El estanque flanqueado de ortigas

donde arrojábamos guijarros

está donde lo dejamos. Lo hundido, el nopal y las orugas son la misma enseada. Pecadores y no bautizados, los eternos

pensamientos de los niños, en lo alto de las flamas tienen su terreno.

En el lado más golpeado de la luna nada ha cambiado. No han cambiado

los terceros meses del año. Hay un cordero atando a un lobo

y dos corderos atando a dos lobos. Cisnes blancos baten las alas

dicen buenos días y se zambullen en una pila de diarios en busca de duraznos.

El nevado mundo de los espíritus
no ha cambiado. Los actos de los no bautizados
curan nuestras dolencias de no bautizados. Jugamos a
fundar una nación
sin fondo ni barandas, hay hileras de mulas
y rondas de zarzas
ascendiendo por la retama. Cuando la corta jornada acaba
convertido en púrpura bruma y pan de oro
el sol sigue
estacionado en el polo.

HIJOS DE LA TIERRA: NO MÁS QUE HOMBRES

No tiempo ni esculturas de madera. Un lapso transparente
guía a los gorriones a las puertas del cosmos.

Abajo, saltando a la noche, donde el mar cambia de
nombre,

los árboles en su templada espera. Al relieve lo unen
estrechos caminos

y el cielo se contrae y se convierte en polen oscuro. Para el
descanso del alma

hay la comfortable morada que no daña, pero daña
porque mantiene todo
entre sí similar.

Hijos de la tierra: no más que hombres,
casados con los últimos fragmentos del tiempo.

Explicando su ficción, explican el origen de todas las
ficciones: blanco de los ojos, mismo blanco de las nubes,
posando la mirada en la consistencia de los caracoles, el
pelaje de los zorros

y la piel dura

de los escarabajos. En vano los acompañó la lluvia y
en vano les tiñó el rostro de colores.

Con colosales miembros de cobre, son formidables
hombres creados de minerales.

En su vientre crecen las encinas y de su vientre se
precipitan los navíos.

Hechos de todo lo vivo, caminan rompiendo los árboles.
Bellos,

murmurantes y vacíos, aparecen en la mañana
enredados con la neblina. Tendidos llorando estrellas,
son la corteza de la luna,

y la luna es una esfera idéntica al sol, guardando días
dentro, que no saben

si también llora. Tejidos con las polillas que dejaron las olas,
sin más armas

que su ánimo empapado con sal, aullando metal y cadenas,
aparecen como el mar destellando, semejante a la piel de
los peces,

aparecen soplando
su propia figura.

Hijos de la tierra: no más que hombres rotos,
llegando de una región de reyes obligados a callarse.
Sin patria ni apetito, en algún sitio entre los peces y el
contorno de la vida.

Yo soy los hombres rotos imponiéndose en las alturas,
iluminando desde arriba,
al suelo que estos pies han pisado.

Hombres rotos que dicen: la vida es humana, pero mi
muerte es mía.

Tú eres los hombres rotos. Eres ellos desde el límite donde
nacen

hasta donde dejan de ser. Eres ellos hasta cuando lloras
una semilla

que germina en los ojos de otra persona. Eres ellos hasta
cuando pintas tus manos

en la herida abierta que no recuerdo haberme hecho. Eres
ellos

hasta que a tus manos hacedoras de playas, vuelven pulidos
los cuescos de las frutas.

Eres los hombres rotos hasta cuando amas todo, salvo lo
que aún no ocurre.

Como un grito en el desierto que llama a sus partes, eres
los hombres rotos.

Como las partes de ese grito que oyen ser llamadas, eres
los hombres rotos.

Y tú sabes, que no podremos dormir, si a fuerza de
sostener los años,
los lugares en el viento se hallan llenos de púas salidas
de las riberas del cauce hueco, dejado por la aguda sequía.
Y tú sabes que un paraíso de agua hubo en nosotros.
Y tú sabes que el paraíso está hecho de frases bellas.
Y tú sabes que no hay más allá. Tú sabes
que voces son el batir de alas
de mariposas revoloteando en el predio arado que es el
cielo

preñado de monstruos propios. Tú sabes que robamos la
tormenta

con la mirada a las sombras, puestas ahí para ser robadas.

Sabes que nada ha llegado demasiado tarde

ni la luz blanca ha ardidado demasiado

ni tantos buques encallados tenemos en los ojos

ni los ojos se nos abrieron como el mar

ni igual que la respiración de los peces los tenemos
sumergidos.

Porque nada ha ocurrido en realidad, sino sólo el
encuentro del estómago y los puños.

Nada ha ocurrido, salvo que arrancamos pedazos de hielo
a los pensamientos de quienes conocimos.

Que nos volvimos a ver qué había escrito en el muro,

que nos mojamos los dedos en aquello que quisimos

y que hoy se desgrana sobre los cardos que nos prestaron
sus espinas

y sobre todas aquellas cosas que sucumben en nuestros
pechos

y que ahora se nos suben por la sombra
y desde un costado
alumbran a las abiertas flores rojas y al agua que se hace
pedazos.

Hijos de la tierra: no más que hombres rotos.
Sin miedo. Nada nos deben y a nadie debemos.
Conocemos bien varias cosas
por la posición de los astros en el firmamento.
Bailamos y ocupamos la cabeza en nada. Los ojos nos los
quemó el humo
y los tenemos en llamas y sólo dan a luz pájaros de llamas.
Algo se rompió en nosotros, y fuimos rápido hacia ningún
lugar.
En ningún lugar saltan los troncos ramosos al mar.
Ningún lugar somos los hombres rotos,
ningún lugar son las playas rompiéndose en nosotros,
ningún lugar he de ser yo postrada pidiendo por ti, rezando
por ti,

y porque nadie se entere de lo que nos une
y por no decirle al resto por qué nos queremos como nos
queremos.

Ningún lugar somos nosotros, que nos inventamos la
delgada línea
donde termina lo real y comienza la playa. Ningún lugar
somos nosotros,
los mismos que así vinimos desnudos y ahora así partimos
desnudos.

Yo soy ningún lugar. Soy nosotros en ningún lugar, soy yo
viéndote reír,
soy dos mundos chocando, soy esos mundos
teniendo tus hijos por ti.
Soy mi sombra desprendida, soy nosotros desnudos,
soy la delgada línea donde se descompone la playa.
Porque de tus brazos cruzados nació esta playa rota
que acabaremos por ser

y yo soy los hombres rotos,
hijos de la tierra: no más que hombres
que acabaremos por ser.

[espacio de ruptura]

SAVINO CARBONE



.....
1MONTELEONE DI PUGLIA, DICEMBRE 2021. Un minore non accompagnato di origine bengalese, ospite del progetto di accoglienza della città dauna di Monteleone di Puglia, uno dei borghi più piccoli della Puglia.



.....
2 MONTELEONE DI PUGLIA, DICEMBRE 2021. Giovanissimi migranti ospiti del progetto di accoglienza della città dauna di Monteleone di Puglia, uno dei borghi più piccoli della Puglia.



³ BUCHAREST, NOVEMBRE 2016. Stazione di Bucarest.

[espacio literário]

MIRADAS Y GESTOS

UNA NOVELA POÉTICA-FILOSÓFICA DE RICARDO

ESPINOSA-LOLAS

1

A veces caminaba por esa antigua avenida madrileña llamada Gran Vía, y lo hacía rumbo a ningún lugar. Tengo la impresión que todos caminamos de esa manera. Se camina en versos de un poeta visionario: “caminante no hay camino se hace camino al andar y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar”... Un día volví mi vista y vi solamente unas meras “estelas en la mar”. Era mi propia vida la que estaba ahí, ante mí. Su mirada era tan profunda e intensa que me traspasaba, que me estremecía, que me emocionaba; era una mirada íntima a tres centímetros de mis ojos. Sus ojos eran oscuramente abismales y tenían, en el fondo, un cierto resplandor y verdor que los iluminaba. Había un cierto aire de ausencia en esa mirada, pero se me imponía con tal presencia que sentía la infinitud. ¿Eso era la infinitud?... Esos ojos femeninos, de mujer, de mi vida, de mi cuerpo, me seducían y no me dejaban proseguir mi caminar hacia ningún lugar. Así, de repente, en medio de la calle el tiempo se había detenido radicalmente y yo ya no me sentía en la profunda soledad en la que había vivido por cuarenta años. Era extraño notar cómo la gente pasaba y su pasar no era nada

más que pasar. Sentía la fugacidad de mi entorno. Todo lo que me rodeaba era frágil y pasajero. Nada se mantenía en y por sí mismo. Todo estaba tocado de vaciedad... Pero, en ese instante la luz divina me acogía, con un poder total, en nada más que fracción de eternidad. Ante mi vida, mi cuerpo, me sentía seguro y confiado; me sentía como el “holandés errante” cuando ha llegado al puerto del verdadero amor, el amor de Senta... Había salido de la travesía tormentosa a través de la falsa y aparente oscuridad, a la cual estaba condenado de por vida. ¡Ahora nada importaba! Éramos lo único infinito en medio de la radical finitud de esta simple y absurda circunstancia. Estábamos detenidos ante el abismo insondable del tiempo. De este modo gracias a esa mirada empecé a ganar, paso a paso, mi inmortalidad. En ese “gesto” ya estaba la infinitud de lo finito. Por medio de esos “Ojos de Almendra” me sentí por fin en mi hogar; ya estaba en casa, la única casa en que podemos rozar la infinitud. Éramos nada más que “transfinitos”...

2

Nos sentíamos ligados y entrecruzados uno con el otro; resonábamos en nuestros cuerpos... Fuertes cadenas nos agarraban. Eran las mismas cadenas que detuvieron a Prometeo en la montaña en algún instante inmemorial... En medio de esa calle, en el desconcierto más salvaje y hostil del paisaje tormentoso de la ciudad alienante, estaba ella. Ahí, en el mediodía de la oscuridad, me miraba. ¿Quién es esa mujer? ¿Quién es esa vida que es mi vida? ¿Cómo me puede mira así?... Mientras permanecía completamente atontado en ese momento de eternidad me vi transportado y sentado en un tren cualquiera. ¿Adónde iba? ¿Por qué estaba ahí? En el tren me sentía observado, la gente con gran expectación no me quitaba la vista de encima. De pronto, una señora me dijo: “¡Prosiga!”... “¿Qué?”, le respondí algo confundido. Por lo que ella me señaló, al parecer, yo estaba escribiendo muy exhorto en un papel y de repente, mientras escribía, fui pronunciando cada vez en forma más alta una historia de un hombre que caminaba por la popular Gran Vía de Madrid y de pronto, sin motivo aparente, se ve impelido a detenerse ante una bella mujer que lo mira. Ella con su mirada lo hechizaba y él ya no podía

seguir caminando como el simple mortal que era. Y en ese preciso instante pasaba algo extraño alrededor de ellos. Este hombre, como un personaje de una ópera romántica, se sentía perdidamente enamorado de esa mujer, daría su vida por ella; su mirada lo sacaba de la profunda oscuridad y soledad en la que vivía sumido desde años. Sin embargo, cuando él iba a hablar con ella, ésta ya no estaba. Ante él mismo la enigmática mujer se había desvanecido como esas antiguas ninfas griegas. Él atónito trataba de comprender lo que sucedía. Con su propia mirada la buscaba en medio de esa multitud, pero no daba con ella; sintió miedo, mucho miedo. Se sintió, de nuevo, en la oscuridad a pleno mediodía... Al terminar ese extraño relato, miré a esa vieja señora y, luego, al volver la vista al papel que tenía en las manos me di cuenta, al leerlo, de que realmente estaba escribiendo una historia de amor entre dos personas que casualmente se conocían en la calle en un día muy caluroso... La señora, que era muy insistente, volvió a decirme con voz decidida: “¡Prosiga!... ¿Qué pasa ahora con estos jóvenes?”.

3

Su mirada ya no estaba en ningún lugar; ésta se había alejado para no volver o eso creía yo. Por este motivo, la gente volvió a adquirir la consistencia usual y brutal cuando las percibimos en nuestro entorno; y yo, por tanto, me sentía otra vez miserablemente fugaz. La muchedumbre lo era todo; yo, en cambio, no era nada. Era otro náufrago tratando de sobrevivir agarrado a un madero en el inmenso mar de la vida. El madero era el día a día y yo simplemente lo efímero de ese diario vivir... Ella, mi mujer fantasmal, solamente me dejó el sentimiento de la absoluta carencia. Y ¡nada más!... Las interrogantes rondaban mi cabeza. ¿Quién era ella? ¿Cómo se llamaba? ¿Cómo podría volver a verla? ¿Era una ilusión o era real? ¿Me miraba a mí? ¿Por qué lo hacía así?... La muchedumbre, muy extrañada al ver mi rostro desencajado, me observaba expectante en la calle. ¿Por qué será que los hombres sin rostros, la gente, se paralizan cuando ven algo con vida que los acecha? Les asombra cualquier rasgo de claridad vital que los detenga en su insulso deambular sin destino ni lugar. Es posible que sea solamente curiosidad... Mi “ángel”, mi “reina” se había desvanecido como esas antiguas musas de las grutas y

bosques de los poemas griegos que narraba mi abuelo. Había desaparecido frente a mí sin dejar ninguna huella ni señal de su futuro paradero. Ella simplemente se había diluido en medio de esos edificios gélidos y de plástico que configuran la arquitectura de nuestras actuales ciudades mausoleos. Tenía que encontrarla de alguna manera. Pero, ¿cómo buscar una “aguja en un pajar”? ¡Era imposible! Creo que alguna vez ya la había visto, pero no me acordaba ni en qué lugar ni en qué momento de mi vida había ocurrido tal encuentro... O ¿es posible que todo esto sea una ilusión o un sueño? ¿Había visto o recordado solamente un gesto de la añorada infancia? ¿Estaba, como Tristán, bajo el influjo de un brebaje mágico? ¡No puede ser!... Ella era mi vida, mi cuerpo, estaba parada ahí mirándome y yo la había perdido para siempre. Me ha dado un rostro, un nombre, me ha sacado del anonimato del oscuro diario vivir... Me puse a caminar, hacía camino al andar, y no sabía por dónde hacerlo, solamente caminaba y caminaba acompañado de un mero recuerdo... Mientras lo hacía con paso rápido y muy angustiado sumergido en la ciudad, me detuve, sin saber la razón, en una agencia de turismo. Allí se

promocionaba, por medio de un hermoso afiche, un viaje a la siempre cautivante y mítica Grecia...

4

“Estoy escribiendo una historia sobre mi romántico abuelo”, le dije a mi profesora. Se lo señalé solamente para que no me siguiera preguntando inquisidoramente por mi escrito. Estaba muy incómoda, intranquila y perturbada con él. Sabía que no estaba muy inspirada para escribir nada... La profesora de literatura de la universidad nos había dado el trabajo de escribir un cuento biográfico sobre un personaje cualquiera. El personaje podía ser ficticio o real. Lo que a ella le interesaba de verdad era saber cómo nosotros podíamos hacernos cargo del arte de escribir biografías. Para nuestra profesora una biografía era un arte muy difícil de llevar a cabo, pues se tenía que trabajar literariamente sobre una persona que había vivido tal o cual circunstancia en un momento determinado. Y plasmar esto en una biografía era muy complicado. En cambio, para nosotros, alumnos de literatura, el escribir biografías era un oficio poco querido; se le consideraba, sobre todo por mí, algo fácil de hacer y sin ningún interés literario ni artístico; era una

empresa de técnicos y no de artistas. No puede ser lo mismo, me decía, escribir una gran historia de amor imposible que contar una aburrida biografía de un célebre personaje de la historia... Yo, sin tener nada claro, había decidido escribir sobre mi abuelo. Sabía tan poco de su vida, porque murió cuando yo tenía a penas seis años, que escribir sobre él ya sería una historia real ya una ficticia. Al parecer era un escritor un tanto excéntrico que comúnmente escribía cuando se dirigía en tren a su casa. Creo que no terminó ninguna obra. Lo poco que se conserva de él son algunos cuentos, muchos de ellos inconclusos y con nombres muy extraños, por ejemplo, recuerdo los siguientes: Miradas y Gestos, Tiempo y Pasar, Byron, Carcajadas de Rocinante e Ítaca. Pero lo novedoso de estos escritos es que todos ellos siempre tienen el mismo tema: “Una bella y delgada mujer que cautiva y estremece con su mirada a mi abuelo”. Ese gesto, la mirada de ella, lo tiene completamente cogido e inspirado. A veces mi abuelo en sus escritos llama a esa mujer, o a ese gesto, “mi vida”, otras “mi ángel” y muy a menudo “mi reina”. Yo siempre he estado cautivada con saber ¿quién era esa “reina” que enamoró de tal forma a mi abuelo? Mi padre, que es

catedrático de literatura, no sabe nada del tema y siempre dice que son solamente locuras de un viejo romántico. Él, mi padre, siempre está ocupado escribiendo biografías muy detalladas de personajes ilustres. A lo mejor por eso no me gustan las biografías; es una forma de rebelarme contra él y con todo lo que su mundo mienta. Ahora está escribiendo sobre un inglés, me parece que es un poeta que murió hace mucho tiempo en Grecia... Según mi abuela ella era la mujer de la mirada enigmática de los cuentos de mi abuelo. Ella me decía muy acongojada: “Si está claro; ¡yo soy la que describe en Miradas y Gestos!”. Por lo menos eso es lo que a ella le gustaba creer. Estaba tan enamorada de él que jamás se le pasaría por la mente en pensar otra posibilidad; pensar algo semejante, cree ella, sería una forma de traicionar su amor. Lo llamaba constantemente con ternura y romanticismo: “mi mago”, “mi héroe”. Una vez recordó mi padre que la escuchó, a mi abuela, diciéndole muy enamorada a mi abuelo lo siguiente: “eres bello, generoso, hombre”. Mi abuela recuerda que él tenía el poder de transformar la realidad. Era, a veces, absolutamente intempestivo e irresponsable. De un segundo para otro se le ocurría alguna locura. Y lo sorprendente de esto es que a

veces las llevaba a cabo, sin importarle ninguna consecuencia de su actuar. Mi abuela siempre le reprochó que no terminara sus obras. “Escribía como los dioses...”, me decía con tono nostálgico y reprimido. Gustaba esconderse en variados seudónimos, entre ellos, se recuerdan: Ulises, Howl, Denyz, El Hiperbóreo, Dionysos, Pedro, el cabrero. Respecto del seudónimo “El Hiperbóreo” no sé lo que significa, ni nadie a los que he preguntado... A pesar de todo esto, hay algo que no me convencía de los relatos de mi querida anciana. Lo que sucede es que las descripciones que daba mi abuelo de esa singular mujer, creo, correspondían a una musa o diosa o no sé qué que aparecía en un antiguo libro de mitología griega que estaba en casa desde antaño y que yo acostumbraba a ojear. Era un libro que permaneció desde toda la eternidad en su escritorio, estaba viejo y escrito en francés. Tenía unas figuras muy bellas de los rostros divinos, rostros casi dibujados bajo la impronta de Le Brun. Me acuerdo, porque no se puede olvidar, del gesto de la mirada dibujada de una diosa o de una ninfa... ¡Era bellísima! Estoy segura que es ella la mujer de sus escritos; sus ojos eran como almendras. Pero, no tengo cómo probarlo. También es extraño notar que según mi abuela él

nunca movió el libro de ahí. Sin embargo, y esto es muy extraño, mi abuelo escribía en los trenes, lejos de su musa inspiradora. Por lo menos eso creía yo... Hay algo que no encajaba en toda esta historia. Además, otro asunto interesante de resaltar es que mi abuelo nunca estuvo en Grecia, pero describía sus lugares como nadie. Estaba tan tocado por el espíritu heleno que no necesitaba viajar hasta allá para inspirarse, así como le sucedió a Hölderlin. Se sabía, al parecer, una cantidad considerable de mitos griegos; él mismo los narraba y los volvía a recrear inventando nuevos detalles. Según él el natural Cabo Sounion y el mítico Delphos eran los lugares más mágicos del mundo; eran lugares en donde todavía los dioses jugaban a ser dioses inspirando a los hombres a ser inmortales y así ganarle la guerra al tiempo mortal; tiempo que el asociaba al calor y a veces al viento... Sin embargo, lo sorprendente es que él nunca había salido de España, incluso ni de Madrid. Finalmente, dicen que mi abuelo siempre repetía la siguiente sentencia y lo hacía con voz profunda, pero jovial: “¡En Delphos gané mi inmortalidad!”. Ni mi abuela ni nadie entendían estas palabras que escucharon por muchos años. A mi abuelo le gustaba hablar como el Oráculo de la ciudad

mítica. Esto también lo repetía él: “Mi decir es el del Oráculo...”. Me acuerdo, es importante que no se me olvide este detalle de su vida, que mi abuelo se volvía completamente loco por saborear un helado. Se cuenta varias hazañas que él hizo por obtener un simple helado, que por lo general cuesta mucho crearlas; son relatos que son parte de su leyenda. En realidad no sé cuál es la razón que este dato de su vida sea importante, pero según mi adorada abuela no se podría entender a su entrañable escritor sin sus helados. Y al parecer fue un alcohólico, pero no se le veía nunca borracho; aunque siempre estaba escribiendo con un vaso de Jack Daniel’s...

[Sigue leyendo en <https://rednosotros.com/wp-content/uploads/2022/02/LOLAS-Ricardo-Espinoza-Miradas-y-Gestos.pdf>]

[espacio de ruptura]

ERNESTO NUNES



¹ Matar a si mesmo não é qualquer tipo de morte dessas que se lamenta ou se espera. O fenômeno do suicídio precisa ser pensado em sua complexidade ética, estética e afetiva.

[espacio literário]

SOFÍA VERSUS DÍSTOPÍA

UM RELATO DE ANA DE LACALLE FERNÁNDEZ

En tiempos remotos, tan lejanos que tal vez no fueron más que ensoñaciones, pareció existir una civilización de Sofos. Esta se singularizaba, respecto de cualquier otra que podamos hallar o imaginar, por el hecho de que cada uno de sus componentes constituía el ideal de un ente incomparable a los humanos –o al menos así se concebían—. De apariencia homínida, estaban dotados de brazos –extremidades liberadas–, piernas, cara –que no rostro– cuerpo y una diversidad de órganos internos que cumplían con excelencia su función. Pero la idiosincrasia que los particularizaba como una utopía era que su razón y su acción mantenían una simbiosis sin fisura.

La sociedad se organizaba a partir de la libre y racional elección de lo que cada individuo consideraba que debía aportar a la comunidad para sustentar el justo equilibrio. Considerando que todos poseían las mismas habilidades y aptitudes, cualquiera podía desempeñar el cometido elegido, sabiendo que otros asumirían como propios los que, quedando vacantes, fueran imprescindibles cumplir.

Los Sofos eran seres que desconocían el conflicto, los desencuentros, las luchas por el poder, ya que siendo como eran, no cabía la ambición, el ansia de dominio, el egoísmo,

...peculiar de otras naturalezas incrustadas de deseos, anhelos y emociones. Confluía el querer con el deber, y las pasiones habían desaparecido en esta rama peculiar de homínidos, sin que hayamos detectado las razones.

Su alto desarrollo científico-tecnológico había supuesto la exclusividad de la razón instrumental en las decisiones. Gracias a ella habían conquistado, casi, la tan codiciada inmortalidad que los ubicaba en la era de la post-humanidad. Ya no sentían la angustia de la muerte como una sombra imprevisible, y este sosiego les permitía el análisis calculador y riguroso de todo cuanto afectaba a la estructura social y a los individuos.

Sería absurdo preguntarse por la felicidad de estos seres, ya que, liberados del deseo, su racionalidad estaba orientada al funcionamiento perfecto del orden social. Poseían consciencia de cuál era el motivo de su existir, en cuanto peones de una obra magistral, y no procedía, debido al tipo de evolución, plantearse elucubraciones metafísicas que no se avenían a su condición.

Todo parecía fluir de manera natural e inéditamente constatada en ningún otro tiempo y lugar. La placidez de esa convergencia entre el querer, que sustantivaba el sofo Kant,

y el hacer, y por tanto la supremacía del deber como fundamento legitimador, desplegaban un entorno idílico de conexión y convivencia. Paradójicamente parecían haber confluido un universalismo moral con un instrumentalismo racional, lo cual parecería imposible. Pero los Sofos, avezados seres inteligentes, manipularon el concepto de deber kantiano, identificando el deber con el querer, con el único fin de eliminar los sentimientos y emociones de cualquier disquisición. Conquistada esta confusión difundida, la razón se mutó en un estricto cálculo medios-fin.

Este periodo de esplendor se vio alterado por la presencia de un sofo, discípulo de Kant que empezó a ejercer esa autonomía de la voluntad, que su maestro preconizaba, pero en un sentido divergente y contrapuesto; quizás porque entendió a su maestro y, sin embargo, no distorsionó sus enseñanzas. Hume, el aventajado alumno mencionado, empezó a organizar una serie de eventos para jóvenes que no parecían ajustarse propiamente al relato dominante de aquella civilización.

Estas jaranas se convocaban en espacios clandestinos para no ser clausuradas. Consistían en un desbordamiento

de ese aspecto que, hasta el momento, se había hecho creer que no era propio de la naturaleza de los Sofos: pasiones, placeres, anhelos, diversiones, ...todo un despliegue de irracionalidad que invitaba a poner en cuestión los tabús de una civilización aparentemente perfecta.

Hume no pretendía refundar una comunidad basada en el desenfreno propio de los extinguidos humanos, sino replantear la posibilidad de la perfectibilidad. Este desafío surgía de su propia reflexión que, por un desvío o mutación genética probablemente, le había conducido a hipótesis incoherentes con lo que la racionalidad universal kantiana suponía que debía movernos, necesariamente, a todos. A saber, según el contra-discurso humeano, lo querido deriva de la aprobación o desaprobación emocional de las consecuencias que conlleva una acción. Claro que, para el irreverente egresado era imprescindible un análisis racional, pero la diferencia residía en lo que debía ser examinado racionalmente. Mientras que para el relator oficial, la razón servía para identificar aquellas normas reguladoras de las acciones, que podríamos querer que se convirtieran en un principio universal de acción, es decir, “no hay que mentir”, “no hay que matar”; para su irreverente discípulo lo que hay

que dirimir racionalmente, y disponiendo de la mayor información posible del contexto en el que se llevará a cabo la acción, es cómo las consecuencias de esta conllevan un beneficio o un perjuicio para la mayoría. La experiencia, la reiterada contrastación de determinadas acciones generan un gusto o disgusto emocional que nos llevan a rechazar, a veces de forma reactiva, determinadas prácticas, sin necesidad de un cálculo de utilidad exhaustivo en cada ocasión. En síntesis, si para Kant “No hay que mentir” es un principio moral aplicable siempre, en todo lugar y tiempo, para Hume dependería de las circunstancias que enmarcan la acción y, por ende, de las repercusiones que se derivarían: a veces es bueno mentir, otras no. Parecía evidente que los grandes Sofos, habían desplegado una artimaña engañosa de manipulación consistente en imponer el deber universal de actuar bien, en vistas a que ese modo interiorizado de acción beneficiara sus intereses particulares, al difuminar toda diferenciación entre lo que deviene universal, es decir relativo al bien de la sociedad de sofos, con aquello que no es más que un medio al servicio de un fin, que era elevado a deber por antonomasia —nada más repulsivo para el mismísimo Kant, al que utilizaron como teórico legitimador.

Habida cuenta de lo expuesto, fructificó un grupúsculo resistente al mandato único kantiano, que aspiraba a reformar determinados aspectos de la vida social. Así surgió lo que se dio en llamar, tendenciosa y equívocamente, la banda del CARPE DIEM. Obviamente, ellos no se identificaban a sí mismos con esa denominación, pero en contra de su voluntad pasaron popularmente a ser conocidos con ese sobrenombre. Su actividad continuó mediante festejos y asambleas en que fijaban sus objetivos y devaneos sobre los límites que debían acordarse o no.

Se extendió una orden de búsqueda y captura de Hume por traición a la civilización de los Sofos, la cual se consideraba un progreso cualitativo respecto de los antiguos humanos, precisamente por su atinada anulación de las pasiones, que calificaban de causa determinante de la autodestrucción de la humanidad. Lo curioso es, que por muy sabios que se denominaran, no se apercibieron de que tanto su relator oficial, el sofo Kant, como su detractor revolucionario, Hume, no eran más que ecos ancestrales que se habían infiltrado como zombis encubiertos en las mismas entrañas de la nueva sociedad, que se sentía tan alejada de los débiles y miserables antepasados.

Conscientes de su naturaleza fantasmagórica, uno y otro, se propusieron impregnar de viejos vestigios esa impostada nueva civilización, que por poca presión que se ejerciera sobre ella adoptaba las mismas maneras y respuestas que la denostada humanidad.

Esto, en su intimidad les divertía sobremanera. Observaban a hombres que creían no serlo, porque el supuesto apocalipsis que tuvo lugar años ha, creían que había desguazado lo más siniestro y tenebroso que llevó — según creían los sofos— a la autodestrucción de los humanos, generando unos seres exentos de esas atrofias y superiores en su capacidad de vivir y convivir.

En consecuencia, los CARPE DIEM tendieron a la clandestinidad y el ocultamiento apoyados por individuos disidentes —y silentes— del sistema. Hume cambiaba a menudo de refugio para no ser descubierto, cobijándose en una diversidad de antros anónimos de difícil identificación. En uno de ellos fue donde conoció al sofo Epicuro.

La pequeña comunidad que constituía el jardín de Epicuro compartía con su acogido la imperiosa necesidad de mantenerse ocultos y pasar discretamente desapercibidos, porque en contra de lo que la civilización oficial afirmaba, la

mayor preocupación de los epicúreos era la felicidad. Obviamente, este fin era inaceptable para el sistema que habiéndose concebido como la civilización perfecta no admitía esa inquietud. De alguna forma, creían que solo se puede aspirar a aquello de lo que se carece, y en cuanto ausente deviene presencia desasosegante. Pero ¿de qué carecía esa civilización de Sofos cuya razón y voluntad eran una y la misma cosa? Ellos se respondían que no anhelaban nada, porque nada les faltaba. De ahí que la comunidad epicúrea, aunque desconocida prácticamente porque se erigió como el reducto de unos pocos sofos, que se sabían cómo mucho filo-sofos —aspirantes a la sabiduría—, fuera tan sediciosa como el propio Hume.

Una tarde en la que el sofo de las emociones deambulaba inquieto y atrapado en un espacio físico, el cual sentía que mutilaba su propio ser, se cruzó con Epicuro que parecía pasear en paz.

— Hola

— Buenas tardes ¿Te sientes cómodo aquí? -Se interesó Epicuro-.

— Quizás cómodo no es la expresión más atinada, ya que vivir como un fugitivo por razones ideológicas no posibilita la comodidad. Pero si te refieres a bien atendido, sí y agradecido por la acogida.

— Lo celebro. Por cierto ahora, que he tenido la ocasión de coincidir contigo, me gustaría que me aclararas por qué y en qué sois opositores del sistema y por qué se os conoce como el grupo CARPE DIEM.

-Bien, seré escueto. La denominación denota una mala comprensión de nuestra perspectiva. Y esta no se propone más que cuestionar que la homogeneidad racional que se sostiene es cuestionable, porque no es posible establecer formas de acción únicas sin tener en cuenta el contexto en el cual se llevan a cabo y, por ende, las consecuencias de dichas acciones, que deben quedar aprobadas según su grado de utilidad, la cual nos genera agrado o repulsión. Tal vez por eso, se ha divulgado tendenciosamente que idolatramos el placer, el disfrute del presente y de ahí esa falacia latina como denominación popular.

-Claro, entiendo que puede provocar el temor de que todo juicio moral acabe derivando en algo absolutamente subjetivo, aunque no sea eso lo que sustentéis. Nosotros, no obstante, más que

reformistas como vosotros, somos revolucionarios porque ponemos en jaque el núcleo que se ha expulsado, como si fuese nimio, de lo que significa ser un sofós. Este eje es la felicidad, y si la civilización anterior se extinguió fue porque priorizó los bienes materiales como fuente de felicidad, desbordando mediante el consumo un sistema incapaz de satisfacer a la mayoría de la sociedad. Además de provocar una confusión sobre cómo puede alcanzarse esta. Discrepamos en que la aparente perfección de un sistema pueda cercenar una inquietud como la de ser feliz, que hemos heredado del fracaso de nuestros antepasados. Así entendemos que la felicidad consiste en el placer, pero este se produce cuando nutrimos nuestro espíritu, nuestro interior de bienes auténticos porque nos proporcionan una armonía y paz duradera.

-De ahí el hedonismo frívolo y desajustado de la era postmoderna que azotó a los antiguos humanos, supongo.

-Sí. No obstante, no vamos a engañarnos entre nosotros.

- ¿Qué quieres decir?

-Sabemos, aunque la sociedad lo ignore, que somos seres a caballo entre una civilización y otra, y que

estamos aquí con una misión clara: la de evitar que se cometan los mismos errores. Esta sociedad de Sofos constituye una segunda oportunidad para los humanos, y quien cree que podemos prescindir de pasiones, emociones y placeres es porque realizó un análisis erróneo de lo que condujo, en su momento, a la catástrofe.

-De acuerdo, admitido esto ¿tienes alguna propuesta en concreto?

-No tengo un plan elaborado, pero sí sé que no somos los únicos disidentes.

- ¿No? Te veo aventajado en información ¿Quién más hay?

-Están los denominados Zaratrustrianos, puedes imaginarte que, liderados por Nietzsche, y los Derrotados, dirigidos por Cioran. Como ves no sois los únicos malinterpretados.

-Me parece que una posible vía es que organicemos una reunión los cuatro, para dirimir qué estrategia sería la más eficaz con tal de contrarrestar el relato dominante, y con el objetivo de abrir mentes, no de que alguno de nosotros intente imponer el suyo.

-Algo así me rondaba por la cabeza. Si quieres yo me encargo. Tengo contactos.

-Ja, ja, ja...hay cosas que nunca cambian. Adelante.

Cada grupo irreverente prosiguió con su quehacer; incluso los humeanos que se habían visto descabezados por la urgencia de esconder a su líder, entre mensajes transmitidos precavidamente, con celo y temor a la vez, intentaban ir minando sigilosamente la homogeneidad aniquilante de cada individuo, para que germinara la semilla de la duda. Eso ya podía constituir un triunfo en un cuerpo social tan hermético.

Transcurrida una semana tuvo lugar el encuentro acordado entre los dirigentes de cada grupo. El lugar idóneo pareció ser el jardín de Epicuro y allí se dieron cita, alrededor de una sobria mesa de madera, Hume, Nietzsche, Cioran y el anfitrión.

-E: Estimados compañeros, bienvenidos a mi refugio. La austeridad con la que os acojo responde a uno de nuestros principios básicos. Sé que alguno hubiera agradecido alguna botella de ron o wiski, pero aquí vivimos así. Tan solo que sepáis que no es una desconsideración hacia vosotros, sino una renuncia de

mi comunidad en la que no disponemos más que de lo necesario. Espero que lo entendáis.

-Ningún problema –expresaron de diversas formas y casi al unísono los invitados-

-E: Bien dicho esto, querría enmarcar cómo se va a desarrollar este encuentro. Somos todos grupos minoritarios y divergentes con el sistema. Tenemos en común, precisamente, esa convicción de la imperiosa necesidad de impedir que el curso de los acontecimientos nos lleve a una sociedad cada vez más irriantemente racionalista. La cual, creyendo lograr la perfección, acabará destruyéndose como consecuencia de su propia dinámica interna. Nos une la discrepancia con el sistema y eso es lo que debemos preservar para diseñar qué estrategias conjuntas pueden ser más eficaces para ir agrietando ese armazón.

-N: Me parece atinado tu planteamiento, pero mi imaginación se ve cuarteada cuando procuro fantasear cómo tu comunidad de individuos que renuncian al placer mundano puede acometer una empresa conjunta con nosotros. Es sabido que entre danzas, prácticas libres y ditirambos damos rienda suelta al disfrute, porque la vida es placer y dolor, y es

innegociable renunciar a uno de los dos, si no queremos acabar ahogando la vida misma.

E: por supuesto, por eso lo que debemos consensuar es qué acciones conjuntas y cuáles por separado son convenientes para nuestro objetivo.

C: entiendo el planteamiento que hacéis, pero no creo que la ceguera social pueda ser menoscabada sin que llevemos a cada individuo a un cuestionamiento de su propia existencia, del sinsentido de esta. Lo cual me parece utópico y en absoluto factible. Tal vez los humanos se vieron condenados al hastío de existir sin alternativa, pero esta sociedad de Sofos padece el síndrome del sometimiento voluntario y no es azaroso, sino síntoma de un pragmatismo radical que pretender zafarse del abismo al que sucumbieron los humanos.

H: perdonad, tengo la impresión de que estamos dando rienda suelta precisamente a lo que nos separa. Eso no es eficaz ni nos llevará más allá de un desahogo complaciente. Propongo que formulemos acciones y estrategias concretas, con resultados deseables para todos. No concibo otra vía útil.

E: de acuerdo Hume. Procedamos a ello. No nos conviene alargar este encuentro más de lo justo y necesario. No por sobriedad, que nadie me someta a

sospecha, sino porque somos un blanco fácil para dar un golpe contundente a la resistencia contra el sistema. Contra más dispersos estemos en el espacio, menos probable es que puedan asestarnos un toque certero.

Se me ocurre, a partir de la idea que propugnabas de dispersión, identificar lugares estratégicos en los que infiltrar a nuestros adeptos. Con el fin de que vayan estableciendo conexiones con la gente, se disuelvan entre ellos como uno más...y, hay que pensarlo más y mejor, pero podamos llegar a fijar una fecha en que, al unísono, se produzca una revuelta en cada uno de esos sitios mediante declaraciones públicas de oposición al sistema que, otros adeptos infiltrados vayan apoyando, con el fin de que aquellas personas que cada uno ha conseguido fidelizar emocionalmente –esa pasión que pretenden reprimir y que yace en todos- se vayan sumando a la sublevación, y ese día se convierta en un punto de inflexión emblemático a partir del cual los Sofos se vean urgidos a replantear la forma de vida.

C: Parece de película, me resuena a los obreros en la revolución industrial. No sé, ...

H: Quizás no hay mucho más que inventar de lo que ya aconteció en la civilización humana.

N: debemos ser astutos como serpientes y desvelar los intereses ocultos del poder venerado. Disponemos de un desarrollo tecnológico que podemos arrebatarse a los farsantes, a los que se apropian de la verdad como lo incuestionable. Nuestra revuelta debe planificarse utilizando esos medios privilegiados que, en nuestras manos, pueden revertir en el eco del desenmascaramiento, del azote a la impostación interesada de los supuestamente más fuertes.

C: como idea fantástica, como posibilidad requiere una concienciación firme de cada uno de los adeptos y eso me resulta casi inviable porque, por si no os apercibís, estamos presuponiendo en los nuestros la homogeneidad contra la que luchamos. Seguimos siendo seres contradictorios, porque no hay pensamiento estructurado que no sea castrador – permitidme este freudismo-

H: Seamos más posibilistas, si Cioran me permite la expresión, y aunando las ideas propuestas por Epicuro y Nietzsche, empecemos a concretar formas de acción que nos lleven al objetivo común. Cada minuto que pasamos aquí juntos divagando constituye un riesgo

innecesario. Deberíamos establecer un lenguaje cifrado para poder comunicarnos los distintos grupos y de esta forma coordinar las acciones, tras un período de tiempo que nos permita deslizarnos sigilosamente por enclaves estratégicos, para que nuestra revuelta sea un levantamiento sin parangón. Además, sería conveniente que aquellos que asuman la iniciativa en la fecha señalada seamos nosotros o, en su defecto, alguien de suma confianza para garantizar que los acontecimientos discurran por donde queramos y hayamos pactado.

E: De acuerdo contigo. Yo establecería dos puntos neurálgicos a reivindicar: el derecho a la libertad ideológica y la expresión de lo emocional y pasional. A partir de aquí elaboraría dos lemas que deberían repetirse insistentemente en los lugares en que realizaremos los gestos subversivos.

N: ¡Los tengo!, “Nosotros vivimos, nosotros decidimos” y “Vivir también es sentir”

H: Como eslóganes que muevan y conmuevan me parecen muy acertados ¿Qué decís vosotros?

C: No voy a disimular, ahora, mi poca confianza en alentar a la gente a una nueva falacia que vuelva a desembocar en un fracaso, porque ya conocéis mi

postura. No obstante, coincido con la necesidad de devastar esta farsa de Sofos. Así que contad con mi apoyo.

E: Por mí adelante. Sabéis que no concibo más que la recuperación de la comunidad como forma social de vida. Puede ser un primer paso para propiciar la libertad de nuevas formas de asociación de los individuos.

Asentadas las bases de la pactada revuelta se disolvieron con celeridad para evitar cualquier sospecha. Acordaron que Nietzsche por su capacidad filológica y creativa gestaría ese lenguaje al que todos podrían acceder a través de la nube con una contraseña de acceso y determinarían el día y la hora del levantamiento; ajustándose a la repetición, en cada uno y todos los puntos de sublevación, de los lemas propuestos. Les pareció que supondría un mensaje claro y contundente a los Sofos.

Transcurridos unos meses y mediante el código cifrado que, basándose en la obra de Orwell “Rebelión en la granja”, ideó Nietzsche –recordemos que estos líderes subversivos no eran más que espectros revividos para liberar a esa civilización que se consideraba no humana, por lo que

la cronología histórica no tiene aquí ninguna relevancia- al haber observado un cierto paralelismo que se le antojó sugerente. Lo que no intuyó el rebelde lingüista era hasta qué punto iba a darse una semejanza –con sus peculiaridades- indeseable. Durante este tiempo los adeptos a la revolución –fuera desde la perspectiva que fuera, crearon vínculos con los sofos, entre los que se habían infiltrado para que, llegado el momento decisivo, su adhesión emocional operara como un resorte incondicional de apoyo y solidaridad con el sublevado.

De esta manera, llegado el día X a la hora Y, se emitió un mensaje de ejecución del plan que llegó simultáneamente a todos los puntos rigurosamente determinados. Así, en la sede de la presidencia se alzó Epicuro en lo alto de una mesa y con una pasión que no le era propia empezó a proferir uno de los lemas: “Nosotros vivimos, nosotros decidimos”. Ante la proclamación casi sacrílega del pensador hedonista, sus compañeros se quedaron petrificados. Un sudor helado que recubría el pánico ante lo contemplado que los llevó a mirarse unos a otros, a la vez que veían la figura del valeroso o tal vez temerario sofo, el cual parecía poseído por un ataque de

locura que le había retrotraído a su condición humana. Tras esos minutos de indecisión, empezaron a oírse voces anónimas –no podía localizarse de dónde procedían– que resonaban el lema epicúreo con contundencia y decisión. Como era de esperar, la masa es siempre un bulto sin criterio que enmascara la responsabilidad singular y, por ello, el lema proferido por Epicuro fue deslizándose como un líquido sin dique hasta convertirse en una proclamación total.

Lo descrito se produjo de manera similar en cada uno de los enclaves elegidos, por ello no nos detendremos a reproducirlos. Esto generó una alerta de gravedad entre los líderes de los sofos, por inesperado y, sobre todo, por el apoyo y seguimiento generalizado que logró la rebelión. Se reunió de urgencia el gabinete de crisis y absolutamente trastocados y, casi sin capacidad de reaccionar constatando que la masa se adentraba en los centros de poder de los Sofos mandatarios, no dudaron en ceder el poder para evitar una masacre, que no podía dejar de remitirlos con una aguda culpa a las convulsiones más desenfrenadas que, en determinadas épocas, habían protagonizado los humanos –o lo que ellos consideraban así– De esta forma anunciaron

haciendo un llamamiento a la paz su dimisión, para que la voluntad popular se impusiera. Aunque, algunos sabían que -en realidad- no era ni voluntad, ni popular, sino una manifestación más de lo voluble y manipulable que son las masas ante el carisma y la autoridad de determinadas personalidades –que sabemos habían ido sigilosamente urdiendo su plan-

Pero, he aquí, que como si de algo pactado también se tratase, cada uno de los líderes rebeldes, una vez doblegadas las masas y a su merced, continuaron lanzado eslóganes, pero esta vez propios de la ideología de cada uno de ellos que, ignorante de la maledicencia del resto, creía ser el único que se apropiaba de la situación en beneficio propio. Mientras Nietzsche se reconvertía en el mismo Zarathustra azuzando a la alabanza mediante actos explícitos de las “virtudes” dionisiacas y proclamando la muerte de los Sofos; Cioran disertaba sobre la inutilidad de transformar lo que nos sirve de distracción para no vislumbrar el sin sentido que nos corroe; Epicuro realizaba un llamamiento al hedonismo casi ascético para disfrutar de los bienes auténticos y alentaba a asociarse en pequeñas comunidades que eran, según su criterio, el único paraíso posible pleno de

autenticidad; y, por último, Hume, encumbraba las emociones como criterios para discernir lo útil y por tanto beneficioso para la gran mayoría.

Acaso la fuente de inspiración que halló el filósofo nihilista en Orwell para cifrar el lenguaje que los subversivos iban a compartir, se anegó inconscientemente de ese espíritu revolucionario que no hizo, como en “Rebelión en la Granja”, más que reproducir las mismas inercias y ambiciones contra las que estaban luchando. Si una piara de cerdos rebelados contra los humanos emula fielmente la tiranía a la que se habían visto sometidos ¿Qué podían hacer los sofos que no eran, en última instancia, más que humanos que no querían reconocerse a sí mismos?

En esta algarabía, dispersión y usurpación de intereses que podía haberse percibido como un triunfo de la diversidad sobre el mandato homogéneo, se produjo una disgregación, una explosión de grupúsculos que demandaban sus derechos, devastando el pacto o contrato social verbalizado por los líderes revolucionarios que quedó absolutamente menoscabado y desgajado.

La multiplicidad de criterios revirtió en un brusco enfrentamiento de unos contra otros, y el vacío de poder

que provocaron impidió la actuación legítima de ninguna estancia superior que pudiera encalmar los disturbios, que apuntaban progresivamente a un desenlace apocalíptico. Ahora sí que quizás tuviera lugar una destrucción masiva, que diera lugar, o no, a otra civilización más prudente –en el sentido aristotélico–

Parece que la convicción de los filo-sofos, los que aspiraban al saber, de que no había nueva civilización que hubiera superado la humanidad era trágicamente certera. Tan solo se había producido un enmascaramiento de lo que los tiranos, que se autodenominaban Sofos, consideraban un obstáculo para la imposición de una cultura homogénea y sometida.

Obviamente la cuestión relevante no acababa aquí, sino que no había hecho más que evidenciarse: Si no queremos sociedades sometidas a la voluntad de un dictador y sus secuaces ¿Es verdaderamente viable una sociedad que conviva pacíficamente compuesta de grupúsculos que corporativamente alzan la voz únicamente en favor de sus intereses? ¿No estaríamos facilitando, con esa dispersión y diversidad, un caldo de cultivo idóneo para la sibilina manipulación de los individuos que, sin vínculos que

refuercen la acción conjunta, devienen títeres de fácil manejo por los que de forma algo confusa y difusa ostentan verdaderamente el poder? Nos hallaríamos en el fango de la denominada postverdad, es decir, lo verdadero es lo que interesa que lo sea, en cuanto nutre a lobbies determinados de lo que los engrandece y les otorga más poder.

Este relato no es más que una alegoría, una fábula imaginaria. Cualquier parecido con la realidad es, lo que acostumbra a decirse, pura coincidencia. Nosotros tenemos el lujo de disfrutar de democracias donde la pluralidad no invita a la desmovilización social, somos aventajados y afortunados, vivimos en la mejor de las sociedades posibles y nos vanagloriamos de ello.

Pero, como ya vio Orwell en su referida novela:

“Doce voces gritaban enfurecidas, y eran todas iguales. No había duda de la transformación ocurrida en las caras de los cerdos. Los animales asombrados, pasaron su mirada del cerdo al hombre, y del hombre al cerdo; y, nuevamente, del cerdo al hombre; pero ya era imposible distinguir quién era uno y quién era otro.” (Orwell, *Rebelión en la Granja*. Editorial. Editorial Booket. 1945)

¿Restaba un límite diferenciador entre los sofos y los humanos? Aunque estos no hubiesen sustituido un totalitarismo explícito por otro, como en la ficción orwelliana ¿qué diferencia substancial yace entre individuos homogéneos bajo un poder tiránico e individuos plurales sumergidos en un vacío de poder explícito que lleva a la disolución del sistema, pero en el que, de facto, opera un poder indetectable, que los zarandea a su antojo? Acaso. ocurriese como en “Rebelión en la granja” que los sofos pasaban su mirada a los hombres y de estos nuevamente a los sofos, sin otra percepción que una difusión palmaria de la identidad que, habiendo perdido su ser sujeto, se erigía como una entelequia la posibilidad de distinguir a los que, creyéndose distintos, no eran más que uno solo y el mismo tipo de miserable existente.

[experiencias personales]

ISLA DE ESTEPA - UN LUGAR DE ENCUENTRO ENTRE NATURALEZA Y MUNDO URBANO EN BARILOCHE

FRAGMENTOS DEL LIBRO DE JOSE-MARÍA ALI-
BROUCHOUD DESDE PATAGÓNIA

HUELLAS DE HOMBRE

La Patagonia siempre ha sido un territorio resistente a las condiciones del clima y de los hombres. Se expande en todas direcciones ocupándolo todo: incluso aquí en la ciudad la estepa penetra como un gran puente o península por el este hasta casi llegar al centro. Pero la ciudad también crece e intenta ocupar espacio creando barrios que, como lenguas, penetran en el verde amarillento de la estepa. Así nació esta isla, generada por el juego entre el mundo de la naturaleza y el mundo urbano.

Claro que este proceso fue lento y gradual. Y los hombres siempre han estado en ella. Al recorrerla pueden encontrarse caminos, huellas de motos y rampas de tierra. La relación con esta porción de tierra natural oscila entre ser depositaria de basura, restos de poda o



de desechos de consumo con los que nadie sabe ya qué hacer o un lugar de tranquilidad y recreación. También hay hombres que han decidido que es un buen lugar en donde vivir, pese al viento y al frío; por decisión propia o empujados por diversas circunstancias, creando viviendas efímeras, construidas con esos mismos materiales de desecho; metáfora humana entre la necesidad real y la creada. La basura que se tira es convertida en paredes de refugio.

También hay cercos en la isla, caminos y tubos de gas. Cimientos de construcciones iniciadas a las que la vegetación va tapando, convirtiendo el esfuerzo realizado en



un inútil ejercicio civilizatorio que puede, en poco tiempo, ser reincorporado nuevamente en clave natural y orgánica. Pero no toda la intervención humana ha sido caótica o amenazante. Grupos de familias buscan leña o cosechan los rojos frutos de la rosa mosqueta y los del calafate; se recolectan también plantas por sus efectos medicinales, como la paramela.

Los recorridos parecen bien establecidos y hay zonas en donde la estepa conserva todo su esplendor con neneos y coirones que se asemejan a barreras de corales gigantes que impiden avanzar creando zonas de refugio para aves y



otros animales. En días nevados, ventosos, soleados o húmedos es posible ver personas que, como en un grabado japonés, parecen pequeñas siluetas hechas de simples trazos, de espaldas encorvadas, protegiéndose mientras caminan de un extremo al otro.

En la Isla de Estepa hay plantas y animales que persisten a pesar de verse rodeados por ruidos y luces; en la noche el resplandor, que impide la oscuridad total, muestra la cercanía de sus límites. La mayor parte de la ciudad no conoce la isla. La estepa aparece como un lugar infinito pero no lo es, desaparece delante de nuestros ojos y empobrece nuestro mundo de relaciones. La relación que tenemos como seres vivos con el ambiente es de formas interdependientes y desconocidas. Por esto, habitar y cuidar no son acciones excluyentes sino complementarias. Somos parte de un proyecto al que todos nos debemos, empujados por la necesidad personal o colectiva de formar parte de algo más grande que nos contiene.



[Sigue leyendo el relato completo:
<https://rednosotros.com/elementor-1283/>]

[espacio literário]

CRÔNICAS - LIVRO I

MARIA BARROSO



ADVERTENCIA

Ao contrário do aviso nos maços de cigarro, espero que essas crônicas não façam mal à saúde de ninguém. Foram escritas durante o confinamento da pandemia da COVID 19, no primeiro semestre de 2020, no Rio de Janeiro. Talvez sejam um pouco domésticas demais, pessoais demais, pois povoadas por meus irmãos, pais, amigos e avós. Há muitos escritos sobre a infância e outros momentos do passado, já que nesse período o futuro parecia estar suspenso. O limite máximo a que cheguei nelas foi o presente.

VESTIDO MARFIM

Pendurei-o na janela da área de serviço para secar, depois de uma lavagem com sabão líquido para roupas delicadas. Enquanto passava os dedos no tecido ainda molhado para desamassar as dobras, me espantei mais uma vez com sua qualidade. Aquele vestido tinha a sabedoria milenar de tecelões e tecelãs do Oriente: os que tinham feito aquele véu de algodão tão fino que ao lavar ficava transparente e ao mesmo tempo pesado. Ao secar, parecia que ia sair voando. O peitoral tinha bordados finíssimos, um traçado da finura de milímetros, compondo arabescos e flores da mesma cor do tecido principal. Marfim. Só eram visíveis, assim, a quem reparasse neles com a mesma delicadeza de quem fez. O clímax daquele requinte todo era

o botão interior no final da fileira de botões externos, que fechavam de alto a baixo a frente do vestido. Um botão de reserva. Como os demais, nunca, jamais, em 23 anos de uso, demonstrou tendência a cair, ficou menos firme, soltou algum fio esgarçado pelos furinhos centrais. Comprei-o na rua, numa pequena barraquinha de roupas no centro de Nova York, perdida no meio daqueles arranha-céus vertiginosos. Foi um vestido que me trouxe para casa, com sua amplitão e maciez, com o conforto de sua cor de sonho e seu poder de fazer a gente se sentir querida.

Rio, 22 de março de 2020

TELEFONEMA NA MADRUGADA

Geraldo das Neves, compositor de vários sambas-enredos "não vencidos" na Mangueira, como gostava de explicar, era um dos homens mais chatos que conheci. Mesmo quando o vi compor uma de suas obra-primas, o samba "Jorge de Lima", foi a poder de quase levar minha irmã mais velha à loucura. Não só obrigou-a a pesquisar tudo que encontrou sobre o poeta, como trouxe-lhe da Biblioteca Nacional do Rio, xerocado, todo o material que obtive de algum funcionário oprimido por sua insistência

invencível. Naqueles idos da década de 1970, a BN tinha um serviço de atendimento aos sambistas que faziam pesquisa sobre os temas dos enredos. Branca, então adolescente, passou dias, assim, sentada com ele, em plenas férias, na mesa da sala lá de casa, esclarecendo dúvidas, sintetizando informações e inventando respostas a perguntas irrespondíveis para se desvencilhar de Geraldo. Tudo regado a "Branquinha, se não for abusar da sua paciência..." e por aí lá se iam mais horas de trabalho involuntário da pobre. Conhecendo-o bem, imaginem surpresa desagradável quando num sábado, único dia de folga que eu tinha na semana, tocou o telefone às 2h da manhã e ouvi do outro lado da linha, depois de me identificar: "Mariazinha, se não for abusar da sua paciência..." Foi o suficiente para ser tomada por uma irritação antecipada de tudo que poderia vir daquele telefonema. Mas a realidade superou em léguas, literalmente, minha imaginação: "Estou aqui em Guaraí, no Pará, preso. Este telefonema é para que vocês aí no Rio me ajudem a voltar". E continuou rápido, antes que eu pudesse me refazer da bomba: "Devo esse telefonema à gentileza da delegada de plantão". Pronto, mais uma a quem ele

certamente não quisera abusar da paciência e que com certeza preferira pagar do próprio bolso um telefonema para se livrar do chato. Imaginem a persistência de Geraldo.... preso!!!

Bem, para encurtar o telefonema de quase duas horas que fui obrigada a ouvir, tomando notas e repetindo-as em voz alta para que Geraldo se certificasse de que eu não havia pulado qualquer detalhe essencial da história: ele estava preso por ter levado um calote de empresários inescrupulosos que o haviam contratado para um show inexistente no interior do Pará. Geraldo foi preso depois da queixa do dono do hotel em que se hospedara, sem poder pagar a conta quando o calote foi descoberto.

Meus pais, grandes admiradores do compositor e a quem o telefonema se destinava, não estavam em casa naquela hora, como aliás em nenhum sábado às 2h da manhã, desde que se casaram e descobriram juntos o gosto pela boemia. Assim, tive que ouvir, anotar e repetir até o fim as explicações, tim tim por tim tim, sob pena dele conseguir nova gentileza da delegada e me ligar outra vez.

Só para não deixar a história sem arremate: uma vaquinha de amigos dos meus pais conseguiu a grana para

trazê-lo de volta daquele fim de mundo. Triunfante, pois Geraldo era como Dom Quixote, quanto menos vencia, mais tinha certeza de que a vitória estava próxima. E sempre que me encontrava, lembrava diante de todos entre emocionado e zombeteiro, pois sabia o quanto me irritava: "Ah se não fosse a paciência da Mariazinha..."

Rio de Janeiro, 9 de abril de 2020

O INSISTENTE

Minha fama de conciliadora nasceu, entre outras coisas, de ter aprendido a lidar com o temperamento irritadiço do meu pai na infância. Boêmio de carteirinha, ele detestava ser acordado cedo nos domingos de manhã, momento em que se refazia de todas as saídas noturnas da semana e dormia até a hora do almoço. Naquele domingo, por volta das 7h da manhã, tocou o telefone em nosso pequeno apartamento em Ipanema, e eu, à época com uns 7 anos, sendo a única acordada, atendi. Um senhor muito educado pediu que eu chamasse meu pai. Tomando coragem, respirei fundo e bati na porta do quarto, que ficava em frente ao telefone. Ouvei lá de dentro minha mãe perguntar: "O que é?" E eu: "Telefone para o papai". Minha

mãe não titubeou: "Diga que ele não pode atender agora". Transmiti a mensagem, mas o senhor insistiu: "Por favor, é urgente". Novamente me enchi de coragem e bati de novo na porta. Dessa vez foi meu pai que gritou lá de dentro: "Não estou, diga que não estou!" Muito constrangida, menti para o senhor dizendo que ele realmente não podia atender naquele momento. Desliguei e não deu cinco minutos o telefone tocou novamente. Meu pai saiu furioso do quarto: "Já sei quem é! É o Rochinha, passou a semana inteira atrás de mim, e agora tem a cara de pau de me ligar no domingo para resolver alguma coisa de trabalho!" Pegou o telefone e foi logo dizendo furibundo: "Rochinha, eu te proíbo de me ligar aos domingos!". E bateu o telefone na cara do insistente. Mais alguns minutos e para meu desespero nova chamada ecoou no corredor. Antes que meu pai saísse do quarto, voei para o telefone tentando livrar o Rochinha da fúria de meu pai. Nisso, ele abriu a porta e disparou: "Me passa esse telefone agora!" Eu, que já tinha conseguido ouvir o que o senhor dizia, balbuciei: "Pai, não é o Rochinha." Meu pai me olhou surpreso: "É o Ludovico", expliquei baixinho. "Ué, não conheço nenhum Ludovico...!". Pegou então o telefone, ouviu por alguns minutos

explicações do outro lado da linha e se despediu me explicando sem graça: "Esse Ludovico queria me pagar uma dívida e precisava dos meus dados ainda hoje para enviar o dinheiro, antes de viajar". Piscou em seguida os olhos brincalhões para mim e completou: "Da próxima vez, por favor, não deixe de me acordar..."

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2020

VINGANÇA

Meu avô quis levar as netas à festa de fim de ano do Lions Club. Era lá para meados dos anos 60, nós todas ainda crianças, entre uns 5 e 9 anos. O clímax da festa era o momento da distribuição de presentes. Como todos, estávamos ansiosíssimas para abrir os nossos. Um detalhe importante: os presentes eram exibidos ao público em volta para receber aplausos. Quando minha irmã, a primeira a receber, abriu seu embrulho, descobriu mortificada que tinha ganhado um creme de barbear; eu, a próxima a ser chamada, um chaveiro, e minha prima, com um sorriso amarelo, desembalhou um pano que nunca conseguimos identificar ao certo o que era: se um lenço ou um descansa-vasos. Ainda bem que minha irmã mais nova não tinha

podido ir, pois com certeza ia cair no choro. Meu avô, indignado, não teve dúvidas: levantou-se vermelho e foi reclamar com os organizadores. Foi aí que descobriu que os encarregados de levar os presentes para as crianças eram os respectivos responsáveis. Como ele não havia sido informado desse detalhe, não tinha levado. Talvez achasse que papai noel realmente existia, ao menos no Lions. Na verdade, explicaram, ele devia ficar grato porque não ficamos sem presente! Sempre disposto a conciliar com o clube, meu avô nos explicou o ocorrido, desculpando a organização pela gafe. Mas não escapou da sanha de minha avó, que sempre odiara os "leões", e não perdia ocasião para relembrar a história só para se vingar.

Rio de Janeiro, 16 de abril de 2020

ALEGRIA NAS RÁDIOS NORUEGUESAS

Acordar cedo na Noruega no inverno, ou mesmo no final do outono ou no começo da primavera, é só para os bravos. Não fosse a genial descoberta do DJs noruegueses para espantar a depressão e a dor nos ossos: músicas divinamente alegres e ritmadas, desde a madrugada até o final da manhã. A gente é posto num ambiente de felicidade

automática aos primeiros acordes do rádio. Juro. Nunca vi ser tão verdade a ideia de que

a música fala direto ao coração. O meu logo começava a dizer coisas boas, a me dar bons conselhos, a trazer memórias felizes, a povoar de sonhos acesos aquela escuridão toda. E era contagioso. Meu coração logo achava o caminho do vizinho, dávamos as mãos e nos abraçávamos. Assim, como cerejas ao sol.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 2020

[Leia o livro completo em:
<https://rednosotros.com/elementor-1222/>]

[artigo]

DEMOCRACIA COMO
NORMATIVIDADE
SOCIAL - UM TRIBUTU A
GEORGES
CANGUILHEM

FRANCISCO VERARDI BOCCA

Retomarei nesta comunicação dois temas recorrentes em minha reflexão política, a representação política e a democracia que esperamos decorrer dela. Para efeito de introdução, parto das justificativas filosóficas acerca da necessidade de representação política nas sociedades modernas. Primeiramente, me ocuparei de Thomas Hobbes (1588-1679), em seguida de Jean Jacques Rousseau (1712-1778) para, finalmente, me dedicar a Georges Canguilhem (1904-1995).

Recorro inicialmente aos argumentos de Hobbes apresentados no capítulo VI do *Leviatã* (1651), que integra a primeira parte da obra, intitulada *Do homem*, reconhecendo-o como elemento constitutivo da sociedade e a sensação como seu próprio elemento. Neste capítulo, Hobbes apresentou sua noção de desejo (que também nomeou esforço, apetite ou simplesmente *conatus*) como estruturado numa relação causal com os objetos do mundo. A consequência desta concepção foi a revelação de sua equivocidade, de tantas consequências para a filosofia moderna e contemporânea. Equivocidade que expõe a necessidade de sua orientação, vale dizer, da educação da sensibilidade levada a cabo por um agente civilizador.

A necessidade de intervenção pedagógica externa decorre, como ele mesmo disse, do fato de que não há em cada um de nós uma regra comum do bom e do mau, assim como do bem e do mal, a orientar nosso desejo. Nem mesmo esta regra pode ser extraída da natureza dos próprios objetos com os quais nos relacionamos. Sua ausência seria a motivadora de uma discordância generalizada indutora de, como disse, uma guerra de todos contra todos. Hobbes sintetizou muito bem a necessidade de uma ação pacificadora, uma vez que uma regra “só pode ser tirada da pessoa de cada um (quando não há República), ou então (numa República) da pessoa que a representa; ou também de um árbitro ou juiz que pessoas discordantes possam instituir por consentimento, fazendo que sua sentença seja aceita como regra” (1651, p. 48).

○ argumento mais contundente de Hobbes que revela a inapetência humana para o autogoverno, para um tipo de democracia espontânea, foi o de que “dado que a constituição do corpo de um homem se encontra em constante modificação, é impossível que as mesmas coisas nele provoquem sempre os mesmos apetites e aversões, e muito menos é possível que todos os homens consintam no

desejo de um só e mesmo objeto” (1651, 48), ou seja, os homens, singularizados e discordantes por natureza, não apresentam apenas diferenças entre si, mas cada um em relação a si mesmo. Ou seja, demandam tutela.

Uma equivocidade do desejo que foi considerada por Hobbes como o fundamento da situação insegura, embrutecida e temerária de guerra entre todos. Fundamento que ensejou um projeto político artificial -um pacto social- de orientação, sustentação e conservação da vida humana numa convivência civilizada. Um pacto derivado da iniciativa razoável de todos os homens impulsionada pela presença de um princípio de autoconservação ínsito ao próprio desejo, que é, por definição, de conservação.

Anos antes, em *Do cidadão* (1642), Hobbes já havia afirmado que cada homem, mesmo em seu estado natural, deseja a paz e a segurança e que, por prudência adquirida, alcança às expensas de sua liberdade, que qualificou como negativa neste estágio. Neste caso, prevalecendo seu desejo de vida, e impulsionado por seu componente racional, cada homem toma a iniciativa de evitar os conflitos que atentam contra sua integridade pela via da transferência de sua

liberdade e poder a um mediador de conflitos, do qual esperam satisfação substitutiva, mas equivalente em intensidade, de seus desejos, ao custo da submissão permanente.

Neste caso, teria sido a própria condição sensível dos homens a indutora da sociabilidade por meio de auto restrições, por meio de renúncia ao Direito natural (*jus naturalis* - “a natureza deu a cada um direito a tudo” (1642, p. 32), ao direito de lançar mão de todas as coisas concedido pela natureza a todos os homens e, por fim, substituído pelas Leis naturais (*lex naturalis* - “devemos procurar a paz, quando possa ser encontrada” (1642, p. 38) e finalizado pela transferência coletiva de poder a um agente mediador externo consagrado por um pacto que o encarrega de oferecer a todos os homens equivalente satisfação de seus desejos, embora substitutivos.

Isto porque, enquanto o direito de natureza autoriza que busque por todos os meios possíveis a autodefesa, em contrapartida, a lei de natureza proíbe que faça algo que para atingir este objetivo ponha em risco sua vida. Trata-se, de um cuidado orientado por uma regra geral da razão, uma *recta ratio* que aconselha prudência na aplicação do

princípio que vigia antes da instituição da República, quando “cada um tinha direito a todas as coisas, e a fazer o que considerasse necessário para a sua própria preservação, podendo com esse fim subjugar, ferir, ou matar qualquer um” (1651, p. 263).

Uma prudência que, não sendo inata, disse Hobbes, “nada mais é do que a experiência, que um tempo igual concede igualmente a todos os homens, naquelas coisas a que igualmente se dedicam” (1651, p. 107). Nesta nova condição nascem a sociedade e os cidadãos que a compõem, todos em uma posição de equivalência de direitos e deveres. Nascem e se sustentam sob proteção de um soberano monarquista ou republicano cuja trabalho, como diz Monzani, em *Desejo e prazer na idade moderna* (1995), consiste em “limitar o campo do desejo, diminuir sua intensidade, circunscrevê-lo a campos determinados, sujeitá-lo a regras, domesticá-lo, laminá-lo, enfim” (1995, p. 91). Escolhendo e oferecendo aos desejos bons objetos, preparando a condição de vida ideal para o cidadão. Uma condição democrática de representação forjada do exterior da comunidade, uma vez que o soberano atua acima dele e insubmisso às regulamentações que institui.

Como visto, trata-se de uma filosofia política pautada num método investigativo genético que identificou nos homens naturais uma capacidade de reação em face aos perigos e desafios de seu ambiente. Condição prudentemente reconhecida, corrigida e evitada. Trata-se de uma tese presente em *Os elementos da lei natural e política* (1650), além de em *De corpore* (1655), dedicado à filosofia e às ciências naturais, onde adotou ideias de Galileu Galilei sobre o movimento e sobre as noções de corpo material e de corpo político.

Assim, Hobbes construiu um conjunto de argumentos que indicam um tipo de conservação, da qual cada homem é causa, mas não executor, pois deriva de uma regulamentação promovida por instituições políticas, educacionais e de justiça que organizam e sustentam o corpo político. Noção que foi metaforizada por Hobbes na escolha do frontispício que ilustra a edição original da obra *Leviatã*, no qual o corpo do soberano, que empunha uma espada, é composto dos inúmeros corpos de seus súditos, ou seja, os quais ele representa e governa com uma lâmina na mão.

Sintetizo esta abordagem do pensamento político de Hobbes com menção ao capítulo XVII do *Leviatã*, que dá início à segunda parte da obra intitulada *Do Estado*, onde Hobbes justificou mais uma vez a necessidade de representação política por meio do Estado e do soberano. Nele, a incapacidade para o autogoverno, a minoridade da condição humana se manifesta com clareza:

A causa final, finalidade e desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver em repúblicas, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de sair daquela mísera condição de guerra, que é a consequência necessária das paixões naturais dos homens, quando não há um poder visível capaz de os manter em respeito e os forçar, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e à observância das leis de natureza [...] (1651, p. 143).

Com o mesmo propósito, recorro a Jean Jacques Rousseau (1712-1778), cuja obra reflete uma mudança no estatuto de representação política da sociedade francesa do século XVIII que transitava da Monarquia, no interior da qual Hobbes concebeu sua filosofia política, para a República. Trânsito que trouxe consigo uma nova noção de representação política e com ela uma nova noção de povo. Ainda em Contrato social (1762), atento aos equívocos e desencontros das vontades particulares, Rousseau declarou que, distinta da vontade geral que é sempre reta e tende para a utilidade pública, enquanto povo, cada indivíduo “deseja sempre o próprio bem, mas não é sempre que se pode encontrá-lo” (1762, p. 37). O que revela o fato de que os interesses particulares, de homens que se conflitavam mutuamente, seriam os obstáculos à implantação da vontade geral, movida por um único princípio, o bem e o interesse comum.

No terceiro capítulo, do livro 2, do Contrato social, encontramos argumento semelhante, o de que os homens desejam sempre o próprio bem, mas nem sempre sabem onde ele está e como encontrá-lo. O que implica em

considerar que o exercício da vontade individual seria responsável pelo fracasso da aplicação da vontade geral. Decorre disso a necessidade de instalação de um governo representativo que, promovendo a superação da vontade individual criaria a condição de possibilidade para a realização da vontade geral e do cumprimento do contrato social. Algo que se espera de um legislador. Este, ao representar cada um, operaria em seu lugar executando a função de “formulador de regras”. Rousseau não deixou dúvida quanto ao fato de que “todos necessitam igualmente de guias [...] eis de onde nasce a necessidade de um legislador” (1762, p. 49).

Necessidade justificada, digo agora, pelo fato de que cada homem ignora o que tem em comum com outros homens. Ignorância derivada da ausência de plena razão em seu estado natural instintivo, em que, individualistas, seguem zelando cada um por sua conservação e adaptação ao meio, coexistindo em pequenos agrupamentos familiares, únicas sociedades naturais. Uma situação superada pela educação e pela política, tarefa do legislador e do Estado, promotores da associação em grupos maiores, e responsáveis, nesta nova ordem, pela conservação e,

sobretudo, prosperidade em conjunto dos seus membros. Na verdade, mais uma vez, a condição a ser superada seria a de homens que em estado natural seriam predominantemente seres de sensações, de presença, de relação direta com seus objetos de satisfação, segundo Rousseau, por meio de uma primitiva linguagem retórica, afeita ao grito, à poesia e ao canto, pautada na força e na expressividade, portanto inadequada para superar as diferenças, para promover a união pacífica de pessoas em grandes grupos.

Assim, pode-se dizer que a instituição da representação política instaurou uma relação simbólica entre os homens. Passagem decorrente de um pacto social que teria superado a auto referência das consciências e, especialmente em seu período de “barbárie”, a litigância decorrente dos interesses particulares dos homens. Em suma, uma representação política que, suplantando a multiplicidade de vontades particulares (pautadas no amor-de-si) criou a condição de possibilidade para a realização e a execução do contrato social orientado pela vontade geral (pautada no amor-ao-próximo).

Mais tarde, em Ensaio sobre a origem das línguas (1781), Rousseau reafirmou que o advento da civilização só foi possível devido ao surgimento da linguagem gramatical e da abstração que ela comporta, reforçando a tese de que na condição de natureza um homem não seria sequer capaz de se distinguir de outro homem. Surgimento que teria sido o fator de identificação e de união entre os homens civilizados e assim teria possibilitado que se articulassem em conglomerados políticos cada vez maiores. No entanto, Rousseau advertiu que com a evolução da linguagem retórica-gesto-paixões para a condição de linguagem gramática-fala-necessidade, ela teria se tornado também cada vez mais fria, técnica e distante, vale dizer, menos instintiva e mais racional. Como visto, se por um lado, enquanto instrumento de representação de ideias, a linguagem gramatical tornou-se o modelo da vida social e de sua representação política, proporcionando um tipo específico de identificação que legitimou o corpo político e suas instituições normativas, por outro lado, ela proporcionou também diferenciação, rivalidade e distanciamento entre os homens no interior das sociedades

políticas, reforçando a necessidade e o papel do legislador pacificador.

Por isso, como já havia dito em *Discurso sobre as origens e fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755), a convivência e hospitalidade entre os homens precisaram ser regulamentadas. Isto porque, com a evolução da linguagem e com a estruturação da sociedade civil que ela possibilitou, o reconhecimento da identidade passou a ocorrer apenas entre os concidadãos que compartilham a mesma língua, excetuando os demais. Neste ambiente teria emergido a figura do “outro” enquanto estranho, com quem não há identificação suficiente para organizar espontaneamente relações sociais.

Por fim, pode-se dizer que foi a crença no progresso da razão e da linguagem que permitiu a Rousseau conjecturar que os homens sob o contrato social alcançariam, depois de um tempo de “maturidade” (1762, p. 55), que é preciso aguardar, consciência, amor e consideração não apenas de si mesmos, como no estado natural, mas ao próximo, integrando voluntariamente um corpo político, alimentando a expectativa de uma sociedade

ética no futuro, sob um Estado e por meio de uma política de representação e cumprimento de pactos.

A condição (natural) humana concebida por Hobbes e Rousseau, que justifica a tutela das sociedades, arrisco dizer, sem muitas explicações, se deve ao reducionismo fisicalista caro à ciência moderna e modelo de reflexão filosófica para eles. Em outra direção, a superação desta abordagem, sugiro, pode se dar com recurso a uma “ciência da vida”. Isto porque, nela, como disse Georges Canguilhem (1966), prevalece a normatividade biológica. Trata-se de uma reflexão que se vale de uma relação possível entre filosofia da vida e filosofia política. Deve ficar aqui bem claro que a relação aqui proposta não equivale, de modo algum, a reduzir os fatos humanos a fatos naturais ou biológicos, a exemplo do que ficou conhecido como darwinismo social, sociobiologia, entre outras iniciativas de consequências políticas desastrosas.

A intenção de Canguilhem de promover uma tal reflexão já estava em gérmen, por exemplo, na primeira parte de *Le normal et le pathologique* (1966), escrita em

1943. Nela Canguilhem já havia dado uma indicação desta intenção, ao declarar que “Não atribuímos às normas vitais um conteúdo humano, mas perguntamos como a normatividade essencial à consciência humana seria explicada se não estivesse de alguma forma em gérmen dentro da vida” (1966, p.103). O que lhe permitiu estabelecer uma saudável e próspera linha de continuidade entre o que chamou de organismo vivo e de organização social.

Seu interesse continuou, de forma mais explícita, vinte anos depois, na apresentação da segunda parte de *Le normal et le pathologique*, em capítulo intitulado *Du social au vital*, escrito entre 1963 e 1966, onde declarou que “é em vista [da noção de] organismo que me permito algumas incursões na sociedade” (1966, p. 223, inserção do autor). Argumento que já havia formulado, mais ou menos nestes termos, anos antes em *Le problème des régulations dans l'organisme et dans la société* (1955).

A analogia entre organismo (vivo) e organização (social) tem caráter meramente especulativo, respeitando as diferenças notórias entre ambos. Um organismo vivo (normativo) luta contra a morte, e o faz em oposição à

inércia. Já uma organização social, mais do que um organismo vivo, foi por ele qualificada como uma máquina, justamente pelo fato de ser invariavelmente, diz Canguilhem, organizada sob uma forma que chamou de regulação social. Um tipo de normatização notadamente heterônoma, aos moldes do que conceberam Hobbes e Rousseau.

Partindo do fato de que uma sociedade tem alguma semelhança com os organismos vivos, já que ela é uma coletividade de vivos, Canguilhem apresenta sua reflexão na obra de 1955, publicado em *Écrits sur la médecine* (2002):

Por conseguinte, não sendo um organismo, a sociedade supõe e mesmo apela para regulações. Não há sociedade sem regulação, não há sociedade sem regra, mas não há, na sociedade, autorregulação. Nela, a regulação é sempre acrescentada, se assim posso dizer, é sempre precária. De modo que se poderia perguntar, sem paradoxo, se o estado normal de uma sociedade não seria mais a desordem e a crise do que a ordem e a harmonia. Ao dizer "o estado normal da sociedade", quero dizer o estado da sociedade considerada como máquina, o estado da sociedade considerada como ferramenta. É uma ferramenta

sempre desregulada, porque desprovida de seu aparelho específico de autorregulação. Ao dizer "o estado normal", não quis dizer o ideal da vida humana. O ideal da vida humana não é nem a desordem nem a crise. Mas é precisamente por isso que a regulação suprema na vida social, que é a justiça, mesmo que haja na sociedade instituições de justiça, não figura sob a forma de um aparelho que seria produzido pela própria sociedade, o que Bergson (*Les deux sources de la morale et de la religion*, 1932) mostrou. (...) Eu me pergunto, precisamente, se a distinção e a oposição que ele (Bergson) faz entre a sabedoria e o heroísmo não vão ao encontro dessa ideia de que a justiça não pode ser uma instituição social, de que a justiça não é uma regulação inerente à sociedade, a justiça é outra coisa completamente diferente. Já em Platão, a justiça não era inerente a uma parte do corpo social, era a forma do todo. Se a justiça, que é a forma suprema da regulação da sociedade humana, não é congênita à própria sociedade, ela não é exercida por uma instituição situada no mesmo nível que as outras instituições. Talvez isso nos ajude a compreender um fato: não há sabedoria social tal como há sabedoria orgânica. (...) Não há uma sabedoria social tal como há uma sabedoria do corpo. (...) O sinal objetivo de que não há justiça social espontânea, quer dizer, não há

autorregulação social, de que a sociedade não é um organismo e que, por conseguinte, seu estado normal é talvez a desordem e a crise, é a necessidade periódica do herói experimentada pelas sociedades. (...) Onde há sabedoria, não se precisa do heroísmo, e quando o heroísmo aparece, é porque não houve sabedoria. Em outros termos, é pela ausência de sabedoria social, pela ausência de homeostase social, pela ausência dessas regulações que fazem com que um organismo seja um organismo, é precisamente pela ausência disso que se explica para o homem a crise social chegada a tal ponto que a própria existência da sociedade aparece ameaçada. Neste momento, há o que Bergson chama "o apelo ao herói", o herói é aquele que, uma vez que os sábios não resolveram o problema, não evitaram que o problema se apresentasse, vai encontrar, vai inventar uma solução. Naturalmente, ele só pode inventar a solução em situações extremas, só pode inventá-la no perigo. Essa é a razão pela qual acredito haver uma ligação essencial entre a ideia de que a justiça não é um aparelho social e a ideia de que, até o momento, nenhuma sociedade pôde sobreviver senão por meio das crises e graças a esses seres excepcionais que se chamam herói. (1955, p. 121)

Trata-se, como Canguilhem disse acima, de uma tentativa de a partir da noção de organismo vivo realizar “incurções” na sociedade, cotejando o estatuto das normas dos organismos vivos com o estatuto das regulações sociais. Para ele, a analogia permite esclarecimentos. Por exemplo, de que, como disse, “a finalidade do organismo é interior ao organismo e, por conseguinte, esse ideal que é preciso restaurar é o próprio organismo. Quanto à finalidade da sociedade, ela é exatamente um dos problemas capitais da existência humana e um dos problemas fundamentais que se colocou a razão” (1955, p. 108). Em suma, uma organização social, diz ele mais adiante, é “mais da ordem do agenciamento do que da organização orgânica” (1955, p. 120), posto que não tem, como os organismos vivos, a finalidade intrínseca de subordinar suas partes ao todo.

Além disso, diz Canguilhem, desde Claude Bernard, considera-se que:

○ próprio organismo, pelo simples fato de sua existência, resolve uma espécie de contradição entre a estabilidade e a modificação. A expressão desse fato original requer termos cuja significação é ao mesmo tempo fisiológica e moral. Há, em todo organismo,

uma moderação congênita, um controle congênito, um equilíbrio congênito. É a existência dessa moderação, desse controle, desse equilíbrio que chamamos, em termos científicos, a partir do fisiologista americano Cannon, a “homeostase”. (1955, p. 112)¹

A analogia permitiu ainda esclarecer que, disse ele, “uma sociedade não tem finalidade própria; uma sociedade é um meio; uma sociedade é mais da ordem da máquina ou da ferramenta do que da ordem do organismo” (1955, p. 120). Isto quer dizer que, como a conhecemos, “não há, na

¹ No verbete Vie (1974), Canguilhem esclarece que Claude Bernard, em *Leçons sur les phénomènes de la vie communs aux animaux et aux végétaux*, (1879), considerou que todo organismo consiste numa sociedade de células que são também organismos elementares ao mesmo tempo autônomos e subordinados, além de que a complexidade do conjunto determina a função hierárquica das partes. Assim, o resultado que extraiu desta noção foi a concepção de milieu intérieur. Um meio dotado de um mecanismo de regulação e controle de sua constância, que evita perturbações e desvios por compensação aos prejuízos impostos pelo meio, cuja consequência, é a independência diante do meio exterior. No entanto, levemos em conta que em *Études d’histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie* (1968), em capítulo intitulado *La nouvelle connaissance de la vie: le concept et la vie* (1966b), Canguilhem já havia problematizado as noções de milieu intérieur e de homeostase contrapondo-as à noção de duração criativa da vida.

sociedade, autorregulação. Nela, a regulação é sempre acrescentada, se assim posso dizer, e sempre precária” (1955, p. 121), concluiu. Toda sociedade seria assim uma ferramenta, uma máquina a serviço dos homens, embora sempre avariada ou, arrisco dizer, intencionalmente avariada. Não sendo um organismo, não se pode esperar dela algo como uma justiça social, pelo menos, sob forma de autorregulação social.

Sua crítica nos revela o fato de que o estado ideal de sociedade e suas formas de governo permanecem sempre desconhecidos de seus membros. Desprovida do estado de equilíbrio dos organismos vivos, cabe aos homens recebê-las do exterior. No entanto, o que nos estimula a estabelecer um tipo de rapport com a noção de organismo, é que no mesmo capítulo, Canguilhem admitiu “que uma sociedade é, ao mesmo tempo, máquina e organismo” (1966, p. 241).

Apoiado nessa identidade, mesmo que precária, talvez possamos encontrar meios de entender e de superar a insuficiência da organização social, uma vez que, como disse Canguilhem, ela é, na verdade, híbrida de máquina e organismo. Caso em que não se trata de imitar ou copiar o

procedimento normativo dos organismos vivos, mas de se valer das identidades que mantêm com eles. Esta possibilidade é de grande valia. Isto porque, como a conhecemos, as formas de representação política se opõem aos poucos esforços de auto-organização, mantendo os homens e suas sociedades na condição de máquinas. Como nos mostrou Canguilhem (1966, p. 245), é justamente a este fato, e não a uma deficiência fundamental, como admitiu Rousseau, que toda sociedade tem se mantido cativa das diferentes formas de representação.

Além disso, pode-se dizer que o desestímulo de nossa, ainda que precária, capacidade auto organizativa consiste no verdadeiro obstáculo que nos condenou à condição de máquina, à uma existência semelhante à dos artefatos mecânicos. Pensamos que sua superação passa pela instrumentalização da noção de polaridade dinâmica².

.....
² Segundo Canguilhem, a polaridade dinâmica (1966, p. 103 - 104 e 179) consiste numa relação entre organismo e meio isenta tanto de independência quanto de submissão, já que não contempla exterioridade das partes envolvidas. Como aprendeu com Bachelard (1938), toda exterioridade, a ser evitada, manifesta um dualismo mal delineado. Atento, em *Dialectique et philosophie du non* chez Gaston Bachelard (1963), Canguilhem definiu a polaridade dinâmica como “reciprocité de validation” (1963, 189). Canguilhem esclareceu também que “la

Para isso, cabe avançar na reflexão sobre o agir normativo. Infelizmente, Canguilhem não nos deixou os detalhes que gostaríamos, especialmente sobre o que ficou conhecido como sua teoria da ação. Esta, suponho, seria o cerne da noção de normatividade em seu aspecto social e político. Proponho refleti-la em duas partes.

Primeiramente, por meio de uma retomada da própria noção de organismo que, para Canguilhem consiste num *vivant* que estrutura seu meio enquanto é estruturado. Nesta perspectiva, trata-se de uma relação que não se dá entre duas séries causais distintas e independentes, vale dizer, exteriores entre si, como concebido pelo reducionismo fisicalista de até então. A consequência é que, em lugar de submissão e adaptação, nesta relação ocorre escolha e preferência, ocorre atividade normativa. Um tipo de relação que permite que, como disse Canguilhem na

.....
vie est polarité et par là même position inconsciente de valeur, bref que la vie est en fait une activité normative” (1966, p. 102). Uma posição de “não-saber” na vida social, necessária diante do risco frequente de restauração da condição de máquina heterônoma.

segunda parte de *Le normal et le pathologique*, “a vida busca vencer a morte, em todos os sentidos da palavra vencer e, antes de tudo, no sentido de que o ganho é o que se adquire através do jogo. A vida joga contra o aumento da entropia” (1966, p. 224).

Deste modo, diverge de Bichat, que considera a vida como um conjunto de funções que resistem à morte por um princípio vital ínsito, pressupondo exterioridade entre organismo e meio ambiente. Para ele, ao jogar, a vida cria as normas do jogo enquanto este ocorre, uma criação decorrente do desempenho contingente dos jogadores. Neste caso, ele pensou a relação se dando a partir de normas que diferem da relação por regras, pois as primeiras, abertas e dinâmicas, criam condições inéditas de jogo, enquanto as segundas, instituídas e estáticas, sustentam o jogo de maneira monótona e previsível³.

³ A noção de jogo traz consigo a concepção de que a gênese e formação de um organismo, tanto na dimensão micro quanto macroscópica, se dá nos termos de uma “interpretação”, vale dizer, de um processo de avaliação, de um movimento performático de relações de poder, vale dizer, de conflito, de apropriação, de subjugação, mas também de assimilação, de aliança, de parcerias, de compartilhamento, em suma, de tática da vida.

Consciente disso, Canguilhem fez uso cauteloso e crítico de noções como *milieu intérieur* e *homéostasie*, atribuídas a Claude Bernard (1860) e Walter Cannon (1929), respectivamente. Como as entende, não recobrem, nem são recobertas, pela noção de normatividade. Pois remetem a uma capacidade original de todo ser vivo, numa manifestação do princípio de conservação e de adaptação dos organismos vivos. Uma capacidade de produzir uma blindagem do organismo contra variações externas. Mais do que isso, correspondem a um poder ou uma propriedade original e curativa da natureza de restabelecer uma condição original do ser vivo, de reintegrar sua saúde. O que implicaria em considerar que um organismo se relaciona com seu ambiente evitando suas flutuações, buscando estabilidade à custa de independência do meio.

Portanto, noções distintas da de normatividade que Canguilhem atribui aos seres vivos, cuja criação de normas não tem como finalidade a proteção e a constância, seu equilíbrio. Em *Études d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie* (1968), em capítulo intitulado *La nouvelle connaissance de la vie: le concept et*

la vie (1966b), Canguilhem se apresentou em seu lugar a noção de duração criativa da vida.

Ponto de vista que lhe permitiu considerar que a organização, e a reprodução, de cada ser vivo seria resultado, como disse em *La nouvelle connaissance de la vie*, de uma tática de vida na relação dos organismos com seu meio ambiente. Uma tática distinta da regulação homeostática que, mais ou menos como ocorre no caso das máquinas, pressupõe exterioridade e independência voltada para a conservação e sustentação do equilíbrio de um organismo. Equilíbrio que, segundo definição, pode ser estático (repouso) ou dinâmico (movimento retilíneo uniforme), situação em que a resultante de todas as forças que atuam sobre ele será igual a zero, identificando a regulação com a constância.

Na verdade, sua própria noção de organismo, e de organização por normatividade -e que lhe permite refletir sobre as sociedades humanas- é a de um jogo, uma abertura, que possibilita aos organismos ampliarem suas relações com seus meios estendendo seu raio de ação. Deste modo é que pode dizer que sua normatividade dos organismos estrutura o meio enquanto são estruturados por ele. Neste caso, a

tática da vida que relaciona organismo e meio ambiente pressupõe interdependência entre eles na produção de normas de vida, o que se manifesta sob forma de produção, não de regras, mas de valores⁴.

Com a noção de valor adentramos na segunda parte de nossa reflexão. A noção de vida enquanto valor traz

.....
⁴ Também em *La théorie cellulaire* (1945a), Canguilhem considerou que um organismo só existe “em uma relação” (1945a, p. 71), uma vez que a vida não estaria na individualidade celular, mas na sua relação. Reflexão semelhante realizou em *Le vivant et son milieu* (1945b), declarando que “uma vida, uma vida confiante em sua existência, em seus valores, é uma vida em flexão, uma vida em suplência, quase suave” (1945b, p. 146). Mais tarde, em *Un physiologiste philosophe: Claude Bernard* (1967a), lembrou que enquanto Georges Cuvier considerava o organismo fechado sobre si mesmo, Saint-Hilaire o considerava como aberto às influências modificadoras do meio exterior, porém ambos polos do que chamou um “conflito vital” (1967a, 154). Também Claude Bernard, disse Canguilhem, levou em conta “uma relativa independência em relação às variações diretas e brutais das condições de vida representadas pelo ambiente externo” (1967a, p. 154). No mesmo ano, em *Du concept scientifique à la réflexion philosophique*, Canguilhem lembrou que, por definição, a noção de regulação orgânica foi por muito tempo -especialmente em relação aos animais superiores, aos quais se atribuía a noção de organismo como uma totalidade autodeterminada- entendida como “a capacidade de manter constante, compensando os desvios, o conteúdo de substâncias químicas definidas, a composição de seu ambiente interno. A ideia de regulação implica, portanto, a ideia [...] existem mecanismos de compensação [...] que tendem a voltar ao constante [...]” (1967b, p. 102).

consigo a noção de desvio, isto é, de desvio de produção de norma. Em acréscimo, pode-se assim dizer que a teoria do valor⁵ e a noção de desvio de produção de norma de Canguilhem culminam em uma teoria da ação. Teoria que concebe toda ação como criação, vale dizer, que imputa à estética e à poética o fundamento do viver. Mais do que isso, subsidia a noção de vida como atividade normativa, tanto dos organismos quanto das sociedades humanas. Atividade que postula a originalidade da técnica e a arte como prolongamento da vida.

Como diz Helena Donato, “Essa aspiração tem por objeto uma maneira de conceber e de exercer o conhecimento (a filosofia, as ciências) da vida, mas em sua formulação aponta o início de uma teoria estética que propõe uma continuidade entre vida e arte: a arte não imita a vida porque não está fora dela, mas nela, prolonga-a e a prolonga como atividade” (2020, p. 293). Neste caso, dizer que a arte não imita a vida, que não é sua mimesis, que não

⁵ Além da primeira parte de *Le normal et le pathologique*, na mesma época, Canguilhem reiterou o argumento de que “Viver é valorizar: quer dizer, preferir e excluir” (Em lição intitulada *Biologie*, no curso do ano escolar 1942-1943, em Clermont-Ferrand, CAPHÉS, Fonds Canguilhem: GC. 11.2.1, fol. 7).

a representa, equivale a dizer que não é distinta dela, ao contrário, enraíza-se nela, é a manifestação de seu movimento, de seu devir, de seu estilo. E nisso consiste a distinção do vivante de um mecanismo inerte, ou seja, inerte, como bem definiu Canguilhem (1946, p. 87) em *Aspects du vitalisme*.

Assim, posso dizer agora, Canguilhem não apenas atualiza os termos da discussão sobre o estatuto da vida e das ciências da vida, mas introduz, para além de uma lógica da vida, uma estética da vida, vale dizer, uma estética da vida que, por analogia, subsidia com proveito nossa reflexão política sobre as organizações sociais e seus sistemas políticos representativos que, como dito acima, visam conservá-las na condição de máquina, de ferramenta, de exterioridade entre seus membros, normatizando-os do exterior. A expectativa que se abre com esta reflexão é a de uma sociedade normativa.

Não se pode deixar de notar que a noção de vida enquanto valor manifesta influência de Nietzsche, especialmente a noção de vida que encontramos em *Fragmentos póstumos* (junho-julho de 1885). Neles, o filósofo concebe que um organismo vivo não quer apenas

conservar-se, mas esforça-se por superar seu próprio ser. Para o filósofo, a vida se apresenta como vontade de superação e o organismo como instrumento (não ferramenta) de criação, superando a si mesmo ao criar novas formas para si e para o mundo. Lembrando que Nietzsche aboliu a distinção hierárquica entre corpo e alma, substituída por uma recomposição permanente de partes da mesma espécie. Neste sentido, um corpo organizado normativamente, vale dizer, ativamente, possibilita simultaneamente a manifestação das singularidades e do todo, possibilitando também sua conservação sem permanecer idêntico a si mesmo.

Com Nietzsche, finalmente entendemos que sendo concreção da vontade de poder, a vida de um organismo luta contra a morte em todos seus níveis, do mais ínfimo elemento orgânico à mais complexa organização social. Em um corpo composto, não sendo uma parte indiferente à outra⁶, elas travam uma luta⁷, cujo êxito decorre da insinuação entre as partes, segundo um jogo de

⁶ No verbete Vie, Canguilhem afirmou que “a vida é o contrário de uma relação de indiferença com o meio”.

⁷ No mesmo verbete, Canguilhem afirmou também que “a vida é dominação”.

compatibilidades e incompatibilidades, por meio do qual a vida se exterioriza.

Também recusando a noção de milieu intérieur e de homéostase, que criticou em Claude Bernard e Wilhelm Roux (*A luta das partes no organismo*, 1881), Nietzsche considerou que a vida deriva da abundância e não da falta. Nestes termos, Nietzsche e depois Canguilhem, retomaram, em novo patamar, a noção de organismo vivo e de organização social, mas sobretudo de auto-organização, enquanto relação de interpretação, enquanto um processo autoregulativo sem sujeito, sem soberanos, sem guias, sem heróis, sem formuladores de regras, mas levado a cabo por seres desejanter que empreendem escolha, preferência e valor.

Deste modo, pode-se dizer que a vida, seja do organismo vivo, seja das organizações sociais, é vontade de viver, isto é, de normatizar, de tornar-se dependente e de servir, de dominar e de ser dominado, de destruir e de regenerar. Ocorrências em que cada parte age como um organismo e executa o mesmo processo. De modo que se pode dizer agora que a equivocidade do desejo identificada por Hobbes e a luta dela resultante (a guerra de todos

contra todos) seria o próprio incremento da vida e não de sua fraqueza. Seria um incremento que não se completa, mas que pode se eternizar.

Por fim, bem entendida, a analogia entre organismo vivo e organização social e a reflexão política que ela possibilita, vale dizer, o modo de Canguilhem se permitir incursões na sociedade, pode nos ajudar a compreender e, quem sabe, a reverter o estado de desordem e crise permanente, crise de finalidade e de gestão das organizações sociais conduzidas por heróis. Nesse caso, não é difícil pensar a manifestação do desejo de viver enquanto produção de norma e de desvio de norma, desde que restituída a dignidade de sua singularidade e equivocidade, condições para a emergência de uma sabedoria social, responsável pela produção e manutenção da tensão permanente que proporciona seu ajuste constante. Pode-se dizer que livres dos obstáculos epistemológicos da racionalidade moderna, o organismo vivo e a organização social se beneficiariam da normatividade e da polaridade dinâmica.

Deste novo ponto de vista, a conservação, bem como a dissolução dos organismos vivos e sociais não seriam princípios e nem fins, mas consequências possíveis de tentativas e aventuras do agir normativo. Neste caso, repensar a manifestação do desejo humano, da vontade de viver e dos embates que protagoniza, equivale a prestigiar sua singularidade, seu acontecimento, sua condição de instrumento de criação e recriação de ordens superando ordens. Recriação portadora de uma sabedoria intuitiva social que, a exemplo da sabedoria orgânica do *vivant*, não implica em escolhas e decisões sempre corretas.

Se o que vem sendo dito for razoável, repito que seria o caso de assumirmos a analogia entre organismo e organização como tática política. O que nos permitiria considerar que uma organização social requer uma ação política normativa orientada pelo jogo dos desejos e das vontades particulares de todos para sua gestão. Jogo normativo livre de coações e chantagens políticas e religiosas, livre tanto os heróis como de santos.

Trata-se, creio, de pensarmos em uma organização social composta de “sujeitos de relação”, sujeitos que, livres de tutelas e representações, e atuando por polaridades

dinâmicas, criem fluxos e conexões expansíveis de dimensão universal. Fluxos e conexões contínuas de ordens distintas motivadas por crises enfrentadas à maneira bachelardiana de negar cada estado de sua organização segundo uma dialética de ruptura e de complementaridade. Assim, entenderemos o argumento de Canguilhem acerca do gérmen de normatividade essencial à consciência humana.

Finalmente, o agir normativo em sociedade consistiria em dar ouvidos ao sotaque dos homens, mais do que à gramática da língua que compartilham. O que, na verdade, proporcionaria um futuro incerto, mas aberto à possibilidade de perseverança da humanidade ao lhe permitir escolher o futuro, preferir a consciência. Com efeito, sem que isso seja entendido como mera reintrodução da subjetividade. Antes, como apelo a um tipo de relação social que tem por resultado o reconhecimento das escolhas e decisões dos homens, que assim manifestem seu estilo com dignidade e tolerância a toda forma de existência.

Uma relação que leve em conta a declaração de Canguilhem, de que “em si e a priori, não há diferença ontológica entre uma forma de vida bem-sucedida e uma

forma fracassada” (1966, p. 5). Um ponto de vista resultante da analogia com a normatividade enquanto criação que nos permitiu pensar a civilização decorrente de uma atividade política-poética dos homens. Condição pela qual cada cidadão seria político, não passivo e representado, mas ativo no sentido grego da poiésis, um processo real de participação política, de criação de normas.

Referências bibliográficas

- CANGUILHEM, G. (1945a) La théorie cellulaire. In : La connaissance de la vie. Paris : Ed. J. Vrin, 1971.
- _____ (1945b) Le vivant et son milieu. In : La connaissance de la vie. Paris : Ed. J. Vrin, 1971.
- _____ (1946) Aspects du vitalisme. In : La connaissance de la vie (1952). Paris : Ed. J. Vrin, 1971.
- _____ (1955) Le problème des régulations dans l`organisme et dans la société. In : Écrits sur la médecine Paris : Editions du Seuil, 2002.
- _____ (1966) Le normal et le pathologique. Paris: PUF, 2013.
- _____ (1966b) La nouvelle connaissance de la vie: le concept et la vie. In: Études d`histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie (1968). Paris : Ed. J. Vrin, 2002.
- _____ (1967a) Un physiologiste philosophe : Claude Bernard. In: Œuvres Complètes V. Paris: Vrin, 2018.
- _____ (1967b) Du concept scientifique à la réflexion philosophique. In : Œuvres Complètes V. Paris: Vrin, 2018

.....
DONATO, E. Georges Canguilhem: a literatura e a vida. In: ARMILIATO, V.; BOCCA, F. V. (orgs.) Um lugar para o singular: Georges Canguilhem em perspectiva. Curitiba: Ed. CRV, 2020.

HOBBS, T. (1642) Do cidadão. S. P.: Ed. Martins Fontes, 2002.

..... (1650) Os elementos da lei natural e política. S. P.: Ícone Ed., 2002.

..... (1651) Leviatã. S. P.: Ed. Martins Fontes, 2003.

..... (1655) Do corpo – cálculo ou lógica. Campinas: Edunicamp, 2009.

ROUSSEAU, J. J. (1755) Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. S. P.: Ed. Martins Fontes, 1999.

..... (1762) O contrato social. S. P.: Ed. Martins Fontes, 1998.

..... (1781) Ensaio sobre a origem das línguas. S. P. : Ed. Abril Cultural, 1983.

[espacio literário]

POEMAS

AURA SABINA

MAÑANA A MEDIA TARDE, LA LLUVIA

Quizá mañana llegue a media tarde la lluvia, cuando descubra la tristeza del milagro, cuando me encuentre con la mitad del secreto, con el cuerpo solitario poblado de placeres, plegado y a la intemperie, ausente de sí mismo. Quizá termine de quebrar sus alas el pájaro del tiempo, la manecilla de la esperanza, el dije de arena que en alguna cintura imaginé.

Antes: quiero sentir la paz del silencio, la beatitud de otras certezas, la alegría simple de quien come un durazno y, luego, arroja el hueso al jardín, para hacer composta.

Mañana lloverá por deseo y por nostalgia. Caerá la granada para teñir la tierra y no una boca deseada. Me habitarán cerezas amargas debajo de la lluvia.

BRIZNA EL SILENCIO

Tengo vocación para la espera
hasta que acaba la noche.
Colgada del insomnio, busco rostros,
voces incrustadas de mentiras.
Descubro vacío el pozo
de luz;
erosionadas las manos,
muertas las flores.
Oscurece antes de tiempo.
No hay amanecer a las siete del sábado.
Me he cortado el dedo izquierdo
con un vidrio roto de esperanza.
Brizna el silencio.
Se han desprendido las manecillas.
La cajetilla de suspiros acaba;
el desconcierto enrarece la atmosfera;
tres paredes de este cuarto.

Voy a fugarme

Allá, de donde nadie regresa.

TENDRÁ PIEDAD

Si la memoria es un cincel
si la memoria es piedra herida
si acaso entre los árboles
se asoma la luna oscura
si la memoria es tierra fértil
o aceite para lámparas
o compás de tango
será también ceniza
que arde en diminutas brasas.

Descalza, camino de nuevo
y bailo entre esculturas
cinceladas a fuerza de obsesión.

Espero el momento de consumirme en la oscuridad
de un bosque muerto.

Volveré hecha luz.

No es posible la eternidad,
el olvido inexorable
de mí; de mi danza tendrá piedad.

MANOS DE ILUSIONISTA

Lloramos por lo perdido
sin recordar con exactitud
en qué momento abrimos
tanto las manos
o cerramos tanto el puño
que obligamos la caída,
la ruptura.

Como ilusionistas
desaparecemos pañuelos
pelotas, estrellas.
La fe tenemos puesta
en el viejo truco.

Y un día no habrá
conejos ni palomas;
mucho menos, sombreros.

[espacio de ruptura]

PV DIAS



~~FIDANZA~~, PV DIAS

PARA.

¹ Da série Rasurando Fianza, 2020



.....
² Da série Rasurando Fidanza, 2020



³ Da série Rasurando Fidanza, 2020

[experiencias personales]

UNA EXPERIENCIA TERAPÉUTICA

ANA DE LACALLE FERNÁNDEZ

Iniciamos el escrito aclarando que cuanto se explica aquí no tiene ninguna pretensión académica, sino que es fruto de la experiencia propia terapéutica como paciente. El hecho de redactarlo en tercera persona, y por lo tanto como si fuese algo ajeno, responde a la voluntad de mantener cierta distancia con lo narrado, para que se mantenga un tono lo más aséptico posible, que es lo que puede resultar valioso para los que ejercen de terapeutas. Esto es así, porque van a escuchar una voz, como podría haber muchas, pero alguna voz, al fin y al cabo, de alguien que lleva muchos años en tratamiento y que ha experimentado una mejora sustantiva. Así, tanto la introducción como el análisis de la propia experiencia intenta mantener esta apariencia de objetividad —que como sabemos no es tal—

La psicología clínica se ha ocupado en los últimos años, sobre todo a nivel teórico, de los denominados trastornos de personalidad, que se han entendido como estructuras permanentes del sujeto que solo le permiten aplicar determinados patrones de conducta -derivados de su interiorización del entorno y seguramente de su propia genética- que producen un sufrimiento excesivo por desadaptación del individuo, por un lado, y otro porque su

funcionamiento intrapsíquico le ha proporcionado una percepción amenazadora de lo externo.

Desde las distintas escuelas psicológicas se ha intentado desarrollar una gnoseología y una práctica clínica que se ajustaran al máximo a los trastornos de personalidad, a fin de lograr una mejora significativa que permitiera a los individuos alcanzar una mayor salud mental. La diversidad de trastornos de la personalidad ha exigido a los profesionales, investigaciones acotadas que estuviesen orientadas a las particularidades de cada uno de esos trastornos de etiología y sintomatología muy diferentes. Quizás, uno de los prejuicios que han restringido la mirada de los clínicos ha sido la pretensión de algunos de que la psicología debe alcanzar la rigurosidad y el grado provisional de certeza de ciencias que nada tienen que ver entre sí, ni en su objeto de estudio, ni por lo tanto en su metodología y en la naturaleza de sus conclusiones.

Suponiendo que, este último escollo mencionado, estuviese superado por la mayoría de las corrientes psicológicas, nos encontramos con otros que presuponen la validez de determinados prejuicios en relación con lo que constituye la salud o la enfermedad mental.

No es posible manejar conceptos sobre enfermedad mental que no contengan implícito una noción de normalidad, y, por ende, de patología. Nociones que están orientadas a la adaptación o conformación del individuo con unas normas sociales y unos patrones culturales. Respecto de esto, que estoy mencionando, indagó mediante una historia de la locura Foucault, aportando nuevas maneras de interpretar y construir el saber que marcó su época y la posterior. No es ni de lejos mi pretensión entrar en los análisis del psicólogo o filósofo francés que, quiera o no, estarán implícitos en el acervo cultural desde el cual escribo.

Considerando que el término normalidad proviene de norma, es comprensible que lo normal es lo que se ajusta a la norma, y a su vez esta tiene como fin establecer el umbral que separa las conductas normales de las anormales o, en psicología clínica, patológicas. Desde este punto de vista la psicología no deja de ser, como la educación, una herramienta de conformidad de la conducta del individuo al sistema. No obstante, entiendo que aún siendo, en cierta manera así, existe un aspecto personal e individual que aborda la psicología y que hace referencia al sufrimiento del sujeto. Siendo cierto que todos sufrimos más o menos, hay

individuos cuyo padecimiento les desborda, los paraliza y no les permite vivir de manera mínimamente satisfactoria, más allá de que su conducta sea normativa.

Bien, la cuestión que deseamos abordar es ¿qué hay de las personas que padecen lo que llamamos trastornos de la personalidad? ¿cómo se perciben ellos? ¿qué piensan de las diferentes terapias? Es decir, queremos afrontar la cuestión desde el lado del paciente o sufriente, no desde las teorías psicológicas que son las que tienen voz y voto habitualmente. La construcción, de un NosOtros, exige la escucha activa, y en este caso aquello que tienen que decir y aportar los individuos que experimentan estas terapias, no como meros elementos receptivos, sino como copartícipes de esos tratamientos que de nada servirían sin la actitud y la voluntad de los pacientes.

Recordemos que lo expuesto hasta ahora hace referencia a los trastornos de personalidad, no a otras categorías diagnósticas que utiliza la psicología. Y, además, en concreto nos centraremos en el trastorno límite de la personalidad.

Este trastorno —para los neófitos a partir de ahora TLP— se caracteriza a grandes rasgos por una inestabilidad

emocional que repercute en las relaciones con los otros y en el estado de ánimo del individuo, una impulsividad que puede cursar con agresividad hacia los otros o a uno mismo, una baja autoestima y un sentimiento crónico de vacío. He querido destacar los rasgos que siendo genéricos incluyen otros que aparecen en el DMS-V como criterios diagnósticos. Dicho, en otros términos, usando terminología psicoanalítica, quien padece este trastorno oscila desde un estado psicótico a uno neurótico. A mayor incursión en la neurosis más normalizada será la conducta del individuo porque los mecanismos de defensa del yo serán los que la gran mayoría usa para adaptarse; mientras que contra más tienda a estados psicóticos más gravedad adquiere el cuadro psicológico.

Aunque parece haber un consenso de que la terapia más eficaz es la dialéctico-conductual, lo que se pretende mostrar aquí es que la terapia psicoanalítica es también, a más largo plazo una forma adecuada de intervención, sobre todo, cuando el sujeto posee una serie de características que le dificultan adaptarse a la terapia anteriormente mencionada.

¿Qué pacientes son susceptibles de mejorar su calidad de vida mediante la terapia psicoanalítica? De entrada, podríamos decir que aquellos que por su actitud reflexiva y de profundización en cuanto les rodea, tan solo sienten que avanzan con la comprensión sobre las causas de sus síntomas —que obviamente son únicos, aunque puedan establecerse algunos patrones comunes—. También es cierto que, hoy en día, el uso de un tipo de terapia en estado puro no es lo habitual, sino que habiendo un paradigma terapéutico predominante puede recurrirse a otras prácticas que en un momento determinado el terapeuta pueda considerar pertinentes, o incluso parezca reclamar el propio paciente —entre estas podríamos citar el hecho de que ante un fumador compulsivo que ve perjudicada su salud, el terapeuta le proponga anotar cada cigarrillo que fuma, a fin de que la consciencia de en qué momentos y si podría o no prescindir del cigarro, le ayuden de entrada a disminuir el consumo. Como vemos este recurso no es en absoluto propio de un tratamiento psicoanalítico y seguro que despertaría críticas. Cabe decir que esta dinámica acaba asumiéndola el paciente y el terapeuta deja con el tiempo

de intervenir, sabiendo que el consumo de esa sustancia, aunque no se haya eliminado ha disminuido notablemente.

A pesar de que en la actualidad —y tal vez en sintonía con la sociedad de la premura y de la liquidez— las terapias suelen ser breves, máximo un par de años, parece razonable afirmar que un trastorno límite no tiene un periodo terapéutico de tiempo preestablecido, y que, es más, suele requerir de años de tratamiento para que se produzca un cambio significativo en la estructura más profunda del individuo, que en el fondo consiste en el modo de sentir cuanto proviene del exterior y a sí mismo. Pensemos que son personas que han sufrido algún tipo de maltrato y que su capacidad de confiar en los demás se ha visto muy mermada, tienen dificultades en interiorizar los cambios hasta el punto de que aparentemente los motivos de desestabilización y recaídas se van repitiendo, sin que a simple vista se perciba cambio alguno. Sin embargo, sí se producen cambios de una crisis a otra, pero a veces tan nimios, aunque a su vez tan relevantes, que la tarea del terapeuta es apercibirse y ayudar al paciente a que los identifique. Esto contribuye a la adherencia del sujeto al tratamiento y a fortalecer la creencia de que, aunque sea

lentamente, el interior del sujeto va percibiendo el mundo y a sí mismo de forma algo diferente.

Las terapias psicoanalíticas con TLP, son un reto para el terapeuta, a la vez que un periodo de sufrimiento para el paciente porque el objetivo es atender a la raíz del problema. Esto se ve especialmente manifestado en la transferencia y la contratransferencia. Dicho de forma simple en lo que el paciente proyecta o traslada de sus experiencias con las figuras más primarias en la persona del terapeuta, con el convencimiento de que esos desprecios, esas actitudes provienen del terapeuta como persona; y por otro lado en la contratransferencia, aquello que las reacciones o intervenciones del paciente despiertan en el terapeuta a partir de la propia experiencia intrapsíquica de este. Tanto uno como otro son materiales privilegiados para la interpretación y comprensión de lo que sucede en la sesión —que es, a menudo, una trasposición de lo que sucede en la vida del paciente—, y, por ende, de las dificultades que experimenta con mucho sufrimiento el sujeto. No obstante, deben ser usadas con sumo cuidado, porque a veces la inercia habitual es interpretarlo todo bajo estos parámetros

y ciertamente no es así. Pondremos un ejemplo —real— de una experiencia de este tipo.

Un terapeuta rígido en el establecimiento del setting o encuadre terapéutico y que muestra una actitud autoritaria y poco transigente, puede provocar una transferencia en el paciente que impida el desarrollo fluido de la terapia, porque el propio terapeuta está recordando al paciente la forma paterna de actuación. Es decir, no es una proyección del paciente, sino casi una provocación del terapeuta, que genera en el paciente la impresión de haber tropezado de nuevo con su padre, no porque él esté proyectando lo interiorizado, aunque, de facto, no suceda así, sino porque el terapeuta no deja margen a otro tipo de transferencia, sino que la está condicionado en impidiendo que fluya espontáneamente lo que subyace en el inconsciente del paciente. En este caso, puede ser que el paciente haya tenido esa experiencia con las figuras parentales, o puede ser que no, pero en cualquier caso solo puede percibir al terapeuta de la manera en la que se muestra ostentosamente, devastando la supuesta neutralidad del terapeuta, a pesar de que él considere que es con esa rigidez que conseguirá mantenerla.

Siguiendo con el ejemplo, no solo desvirtúa la transferencia, sino que puede provocar reacciones agresivas y desatar un pulso con el terapeuta porque se ha sentido desafiado. Su reacción en la situación terapéutica tiene más que ver con la manera de proceder del terapeuta, que con las dificultades reales del paciente.

Este no es el único escollo para superar y a vigilar por parte del terapeuta. En los tratamientos con TLP su pánico a ser abandonados crea una situación de dependencia respecto del terapeuta que el paciente no es capaz de diferenciar de la persona que hay detrás del clínico, con lo cual la dificultad de aproximar lo que racionalmente pueden ver los pacientes que llevan más tiempo de tratamiento con lo que sienten, que parece imposible de fusionar. Así ven, lo que no sienten, y esto les provoca una dicotomía que a menudo puede ser una proyección de experiencias polarizadas de su pasado. Este es otro de los retos que exigen tiempo, paciencia y poseer la finura de ir detectando esos pequeños cambios que se van produciendo en el interior del paciente, aunque a él pueda parecerle más de lo mismo.

Hay que tener muy presente que el TLP no suele presentarse solo, sino que hay comorbilidad importante con otros trastornos. Uno de ellos es la depresión mayor y la ansiedad persistente. Estos cuadros añadidos provocan una actitud pesimista y derrotista a la hora de reconocer la propia mejoría, y por otro lado una necesidad de notar con cierta prontitud algún signo de que la terapia sirve, lo cual podría disminuir la ansiedad y contrarrestar el cuadro depresivo.

Fijémonos ahora en una figura terapéutica que se muestra receptivo, muy tolerante, comprensivo y que es capaz de flexibilizar el encuadre cuando considera que eso puede beneficiar al paciente. Aunque al sujeto que padece TLP puede resultarle sospechoso encontrarse con alguien así —lo que en psicoanálisis clásico podría calificarse de un papel más maternal y benigno por parte del terapeuta—, y de hecho desconfíe de cualquier gesto beneficioso que el terapeuta tenga hacia él, lo cierto es que se dan las condiciones para que la transferencia tenga un significado no inducido y relevante, y, por lo tanto, que la contratransferencia no sea una batalla, sino un conjunto de

emociones que se despiertan en el terapeuta a causa de la transferencia espontánea e inconsciente del paciente.

En síntesis, la actitud y la aptitud del terapeuta son cruciales junto con el coraje y la voluntad de afrontar las dificultades del paciente por mucho sufrimiento que el proceso comporte.

Otro aspecto que suele aparecer en relación con la corriente psicoanalítica es reticencia de dar al paciente un diagnóstico enmarcado en el DMS-V. Aunque ellos lo utilicen porque constituye la categorización homologada de comunicación entre profesionales de la clínica, acostumbran a trabajar con los pacientes desde aquello que constituyen sus síntomas, su malestar para retrotraerse, como en un ejercicio genealógico, e identificar las experiencias que han provocado el malestar y las conductas perjudiciales que presenta el paciente. Esta actitud es muy discutible. Tal vez, hace años, la etiqueta que se pudiera poner a un paciente lo estigmatizaba e incluso podía provocar que adoptase conductas que no eran propias, sino una asunción de la patología que se supone que padece. La estigmatización no ha desaparecido, y eso se sigue transmitiendo de formas más o menos explícitas mediante

los medios de comunicación, las películas y las series. Ahora bien, una persona que ha adquirido conciencia de que actuaciones que ha llevado a cabo han sido de gran irresponsabilidad e incluso han dañado a otros, puede sentirse aliviado al saber que padece un trastorno de personalidad y que en consecuencia no es tan malvada o despreciable como se consideraba. Es relativamente responsable de muchas de las conductas que ha manifestado. Ciertamente es que en un TLP es un paso importante que asuma que lo suyo no es mala suerte en la vida, sino que lo ocurrido está en gran medida en conexión con las decisiones que ha ido tomando. Ahora bien, precisamente cuando la persona está en ese proceso de reconocimiento de la propia responsabilidad, el hecho de saber que tiene un diagnóstico psiquiátrico puede contribuir a desculpabilizarlo, disminuir el riesgo de autolesiones y de que se sienta en condiciones de asumir ese poder que tiene de conducir su vida; eso sí, admitiendo que necesita ayuda terapéutica para que eso acabe siendo posible.

El último aspecto que comentaremos es cómo lidiar con el apego inseguro que el paciente puede manifestar respecto del terapeuta. Fruto de la transferencia suele

producirse una dependencia emocional de la figura del terapeuta que es sentido por el paciente como esa figura primaria que ha facilitado que este experimente un apego y una dependencia emocional, fases del desarrollo afectivo propias de la primera infancia. Las personas con TLP padecen una obsesión por evitar el abandono, debido como ya hemos comentado a patrones comunes, pero a experiencias siempre individualizadas. Una vez se ha afianzado la alianza terapéutica, puede verse contaminada con la transferencia que revista al objeto de apego como algo de lo que no es capaz de prescindir y que fantasee con ello como una tragedia. De hecho, la vivencia del paciente es durante mucho tiempo esa. Y la realidad es que la terapia debe tener un final, el cual debe servir precisamente para trabajar ese proceso de separación no angustiosa que fortalezca al paciente, viéndose capaz de poder prescindir de las muletas en las que se ha apoyado durante años. Mas, la cuestión no es nada sencilla. Si un paciente con TLP se siente capaz de sostener una separación de una figura tan significativa, como ha sido para él el terapeuta durante años, estamos en condiciones de decir que la mejora y la capacidad del sujeto para conducirse autónomamente en la

vida se han realizado. Hay muchos pacientes que antes de atravesar ese árido desierto que es la finalización de la terapia, dejan de acudir a las sesiones o la zanja abruptamente. Aprender a separarse debe indicar que aquel vacío profundo ya no lo es tanto, que ha incorporado experiencias reparadoras y que sus temores más angustiosos se han mitigado y es capaz de manejarlos.

Para finalizar, querríamos expresar la importancia de que haya terapeutas que se formen en el tratamiento de pacientes con TLP, como seguramente lo es respecto de otras patologías. En el caso del trastorno que hemos abordado el riesgo de intentos de autolisis y autoagresiones son importantes. Una sesión mal gestionada puede situar al paciente en una situación límite que le lleve a actuar esas ideaciones suicidas que son tan recurrentes en los TLP. Además, es importante que puedan hacerse sesiones puntuales con las familias, orientadas a facilitar la convivencia y a comprender que muchas de la conductas o reacciones no son simplemente mal carácter o que es un desagradecido, sino que forman parte de aquellos aspectos que aún no es capaz de controlar. Eso sí, estas sesiones deben llevarse a cabo con el consentimiento del paciente y

ver junto con el terapeuta cuál es la mejor manera de llevarlas a cabo.

Hasta aquí la voz de una persona con TLP que, más allá de manifestar su malestar como testimonio, pretende ser una voz sosegada, reflexionada que pueda contribuir a buenas praxis en el campo de la terapia psicoanalítica.

[espacio de ruptura]

SAVINO CARBONE



.....
1 BARI, NOVEMBRE 2020. Un sanitario mentre indossa la tuta protettiva, prima di un turno sulle ambulanze destinate ai casi di Covid-19.



.....
2 BITONTO, APRILE 2020. Un operatore sanifica le strade del centro storico di Bitonto la sera prima della Pasqua in lockdown.



.....
³ ALIANO, FEBBRAIO 2020. Una maschera dell'antico carnevale di Aliano, nella Lucania dei calanchi.

[espacio literario]

AQUÍ NO IMPORTA SI HUBO AMOR

AURA SABINA

“engendrar y destruir dioses”

E.M.Cioran

I
La maraña es mental;

días laaaargos;

amor, imposible.

Soy absurdamente quieta.

Sé que moriré a los 31 años,

hora y causa, aún pendiente el sitio.

No te asustes:

todo se muda en este plano.



No te duelas:
la verdad ayuda a planear incendios
a predecir cataclismos florales
a iluminar cubos de hielo.



Los poetas tienen llagas
y van buscando, en las palabras, la salvación.
hunden sus abismos en barcos ontológicos
sangran lágrimas y mueren jóvenes
sin miedo al retorno a la sal del perdón,
a la noche de cántaros.

IV

Aquí no importa si hubo amor

o carencia de tierra

o lunas frágiles en la boca del lago.

Tampoco vale el éxtasis

las velas en invierno o el café frío.

V

No importa el fracaso para alcanzar la realidad

Nadie existe.

En todo caso, es incognoscible.

Creamos fantasmas hechos de luz,

cosemos trozos de carne con hilos

de añoranza

celamos la soledad,

y destruimos, sin querer, lo que creemos que amamos.

VI

También tú sientes que te pierdes,
que ni un aguja te escucha ni te mira
piensas que eres lumbre
y enciendes quinqués enmohecidos.

VII

Soy apenas polvo
una pupila dilatada en la madrugada
el sueño de un paranoico al que se come el diablo.

VIII

No te caigas:

Aun quedan barandas.

Yo ando sobre cuerdas que pronto se romperán, de tan tensas.

No soy suicida: busco la paz,
la anulación definitiva
de la duda cósmica.

[espacio de ruptura]

ERNESTO NUNES



.....
1 SUICÍDIO COMO FENOMENO INDIVIDUAL: olhar suicídio como evento individual faz parte de uma lógica neoliberal de patologização da vida, promove a manutenção de instituições econômicas que exploram a saúde como mercadoria.



.....
² SUICÍDIO E EVANGELHO: esse cristianismo individualiza a dor e o cuidado, assim como a perspectiva de saúde mental patologizante deposita no sujeito ou sobre seu diagnóstico, o desejo de findar com a própria vida, retirando todos os atravessamentos sociais que estão por trás desse sofrimento.



.....
³ UMA PREVENÇÃO SÉRIA AO SUICÍDIO DEVE PASSAR PELA DEFESA DO SUS: qualquer campanha séria de prevenção ao suicídio precisa passar pela defesa de uma sistema de saúde público, gratuito, integral e de qualidade

[artículo]

TRILLAR LO INDECIBLE, BLANCA VARELA¹

NELSON VALLEJO-GÓMEZ

“La poesía es una urgencia de canto, una forma de respiración; es ir al límite de ciertas cosas, ir al no ser”

Blanca Varela

¹ Una primera versión de este texto ha sido puesta a disposición de la revista ALEPH de Manizales, porque tenía una deuda inmensa con mi amigo-amauta, el poeta-pensador Carlos-Enrique Ruiz. Hace más de una década, me pidió que pusiera por escrito la conferencia que tuve el honor de dar en su Cátedra ALEPH de la Universidad Nacional de Colombia, sede Manizales, sobre la poeta Blanca Varela. Tarde que temprano, debía cumplir esa deuda, porque debo dar gracias a la vida que existen, como él, vigías espirituales de la belleza, la paciencia y la bondad; inspirado por su amada Livia, CER es un infatigable captador de crepúsculos bajo el manto tutelar del nevado-volcán, homónimo de su apellido, que cubre de ceniza mortal y vital los cafetales del alma. CER es, para la juventud del relevo, un hacedor ejemplar de Poética y Política de Civilidad.

La semblanza de los poetas es incisa sutil de su propia poesía, lucha angelical, Camino que se hace al andar, Golpe a golpe, Verso a verso, como dice Antonio Machado. Si le hubiéramos preguntado a Varela por su “recorrido” profesional y/o vital (curriculum vitae), la respuesta podría estar en esos versos suyos, donde háyase religada, poéticamente, la vida de lo íntimo, lo privado y lo público:

“Digamos que ganaste la carrera / y que el premio / era
otra carrera / que no bebiste el vino de la victoria / sino
tu propia sal / que jamás escuchaste vítores / sino
ladridos de perros / y que tu sombra / tu propia sombra
/ fue tu única / y desleal competidora”²

¿Quién era, cómo era, Blanca Varela? El retrato que hace de ella su marido y padre de sus dos hijos, el famoso pintor peruano, Fernando de Szyszlo, de quien bien hizo -al mío parecer indiscreto- separarse y divorciarse, es de una soberbia turbia y penosa. Uno se pregunta si algún día él supo de verdad qué es la poesía y cómo se fraguaba la voz poética de Varela, y sin embargo, emerge de este sombrío bosquejo, de este argumento negativo sobre la prueba de la

² Poema del poemario Canto villano (1972-1978).

existencia metafísica de Varela, una verdad irrevocable, que la engrandece, muñequita soñadora:

“Blanca era floja. No hacía muchas cosas, paseaba, cocinaba –mal-, disfrutaba la ciudad y de los amigos, leía sin cesar. Una mujer llena de talento sin la voluntad de trabajar seria y constantemente en algo”.

Con todo y flojera sublime, mas no destemplada, todo y falta de voluntad laboriosa, todo y sin “hacer muchas cosas”, su obra hizo andaduras ejemplares y querencias universales, y fue premiada, en vida, con el Premio Internacional Octavio Paz de Poesía y Ensayo, México 2001, el Premio de Poesía Federico García Lorca, instaurado por el Ayuntamiento de Granada en España y el Premio Reina Sofía de Poesía Iberoamericana (2007) otorgado por la Universidad de Salamanca y el Patrimonio Nacional de España. Bien tuvo Camila, su nieta e hija de Lorenzo, concluir el discurso que hizo en nombre de su abuela, para recibir el Premio Reina Sofía, diciendo: ¡Cómo

quisiéramos haber sacado siquiera su mirada, sus manos o su gracia!³

Blanca Leonor Varela Gonzales nació el 10 de agosto del año de gracia de 1926, al amanecer, en la calle Lampa 1188 del Cercado de Lima... falleció el 12 de marzo de 2009 en el departamento 101 de Malecón Souza 112, Barranco, distrito limeño.

A mil y un metro más al sur, en el Jirón Alfredo Silva 107, del mismo distrito, seguía yo en vida y concluyendo mi estadía profesional en el Perú. Estaba, en aquel apocalíptico día para la poesía peruana y universal, mirando el otoñal atardecer en la inmensidad del océano Pacífico, desde mi Barrage contre le Pacifique; observaba cómo en el horizonte la curva del cielo y la línea marina componían la geometría del tiempo perdido o reencontrado, la eternidad entrelazada con la energía del universo

³ Varela no pudo ir a España a recibir el Decimosexto Premio Reina Sofía, el 14 de noviembre de 2007. Estaba ya muy disminuida, tanto por el duelo de la muerte de su hijo Lorenzo, que la había sumido, años antes, en un silencio cuasi fisiológico, como por diferentes enfermedades de la edad. Pero le pidió a su nieta, Camila, hija de Lorenzo, que fuera a recibirlo en su nombre. Camila pronunció un discurso de profunda sensibilidad y gran emoción, cf. En honor de Blanca Varela (librosperuanos.com)

“Y voy hacia la muerte que no existe, / que se llama horizonte en mi pecho. Siempre la eternidad a destiempo”⁴.

Días después, manos por ella tan queridas, esparcían sus restos cremados o polvo enamorado en la playa Mendieta, en Paracas, frente al sur mineral peruano, donde se termina y/o inicia, progresa o procesa, el inmenso desierto de AtacAma. Cuando florezcan las Rosas de AtacAma –así, como lo que ataca y ama, con el rocío dulce-amargo de la brisa marina, Blanca Varela volverá siempre de su mar, de su infancia y, en su obra, siempre volveremos a su primer poema por ella reconocido como un comienzo fundador, como identidad misma de la profunda peruanidad mineral del otro Perú, el de la Costa Pacífica, Puerto Supe. El título de ese poema es como un homenaje secreto de Varela, de sangre, alas y raíces, marca de su admiración por el escritor José María Arguedas. “Puerto Supe es un puertecito, pero es un puertecito emblemático que, en

⁴ Del poema “Destiempo”, en su primer poemario, Ese puerto existe.

realidad, viene a representar toda la costa peruana, es la zona en que nací, donde me he criado y vivido” ...⁵:

“Está mi infancia en esta costa fría, / bajo el cielo tan alto, / cielo como ninguno, cielo, sombra veloz, / nubes de espanto, oscuro torbellino de alas, / azules casas en el horizonte (...)

¡Oh, mar de todos los días, / mar montaña, / boca lluviosa de la costa fría!”⁶.

Varela había dejado muy claro lo que pensaba del vivir muriendo y del morir viviendo, de la condición metafísica de la humana condición: tarea de pensar, aguzando el oído como hoz, para trillar lo invisible, aunque...

“nadie nos dice cómo / voltear la cara contra la pared / y / morirnos sencillamente”⁷.

⁵ Citación de FORGUES, Roland. Palabra viva: los poetas se desnudan. Tomo IV. Lima, El Quijote, pp.77-90

⁶ Versos de su reconocido públicamente, por ella, como “primer poema” de su obra poética, publicada y revisada, por ella, Puerto Supe, que abre su primer poemario publicado por Octavio Paz, en 1959, titulado Ese puerto existe.

⁷ Versos del poema “Nadie nos dice”, en el poemario El falso teclado (2000).

Igual, podríamos decir: nadie nos dice tampoco cómo es el vivir, contra el espejo de la pared del mundo. Tal vez, por eso, el decir del pensar busca tocar la abscóndita armonía de El falso teclado, cierta Acuarimántima, como decía Porfirio Barba Jacob. Escuchemos, serenamente, El falso teclado, poema del poemario homónimo de Varela (Lima, 2000):

“toca / todavía tus dedos se mueven bien / el dedo de la nieve y el de la miel / hacen lo suyo / nada suena mejor que el silencio / nuestro desvelo es nuestro bosque / aguza el oído como una hoz / a trillar lo invisible se ha dicho / para eso estamos / para morir / sobre la mesa silenciosa / que suena”.

Varela es una poeta que cruza, como meteorito solitario y sereno, la mitad del siglo XX, con lucidez, esplendorosa y floreciente, irradiante energía poética, discreción majestuosa⁸. Su poesía es, a la vez, holograma

⁸ Una de sus nietas, Camila de Szyzlo, hija de su amado hijo Lorenzo, el adolescente del «talón estrecho de arcángel» del poema «Casa de cuervos», describió con mucha razón a su abuela como una persona “insospechadamente tímida, reacia a la figuración y a la notoriedad, contraria a dar y a recibir lisonjas”. Versos del poema “Ejercicios”, en el poemario Valses y otras falsas confesiones (1964-1971).

certero y cartografía de mente-corazonada, implacable y precisa, de la realidad que la rodea, tanto al interior de su ser como al exterior de su mundo, que es el mundo de la humanidad entera, en tanto siente, piensa y poetiza. La poesía de Varela tiene la fuerza religadora del ojo con la imagen y el fuego, del oído con el viento y el sonido, del tacto con el agua y la tierra, de la poesía con la intuición conceptuada y el concepto intuido. Para Varela, la poesía implica ejercicios materiales y espirituales, ahí, donde emerge el Poema...

“Un poema / como una gran batalla / me arroja en esta arena / sin más enemigo que yo / yo / y el gran aire de las palabras”⁹.

Recuerdo que cuando llegué a Lima, en julio de 2005, para cumplir un contrato de Agregado de cooperación educativa, universitaria y científica, en la Embajada de Francia en el Perú, me encontré en la librería del FCE¹⁰ con un libro extraordinario, que desde entonces

⁹ Versos del poema “Ejercicios”, en el poemario Valses y otras falsas confesiones (1964-1971).

¹⁰ La librería del Fondo de Cultura Económico, situada actualmente en la calle Berlín, 238 del distrito limeño de MiraFlores, lleva por nombre “Blanca Varela”,

está en mi mesita de noche; su título tiene una potencia cinética mental enorme, a manera de verso poético, de bálsamo contra cualquier caída, nihilismo o decadencia: Donde todo termina abre las alas. Se trata de la poesía reunida de Varela durante medio siglo poético (1949-2000).¹¹

Intrigado, abrí el libro y me encontré con que Octavio Paz había sido la Piedra de Sol de Varela, desde que se conocieron en París, en 1949. Todo lo que tiene que ver con Octavio, de cerca o de lejos, me atrae, pues fue uno de los poetas y ensayistas que acompañaron mi adolescencia paisa, en tantas noches de iniciación incierta e incertidumbre iniciática a los tres misterios esenciales - la vida, el amor y la muerte¹², en el Valle De Aburra (Medellín, Colombia), allá por los años 1970. Paz fue quien, como Salazar Bondy y/o

.....
en homenaje a la poeta, quien trabajo para la representación peruana del FCE mexicano, de 1974 a 1997. A partir de 1986, Varela obtiene la autorización en México para publicar desde el Perú; impulsa entonces las colecciones “Piedra del Sol” y “Encuentros”.

¹¹ VARELA, Blanca. Donde todo termina abre las alas. Galaxia Gutenberg, Círculo de Lectores, Barcelona, 2001.

¹² Recuérdese que esos tres misterios entretejen la obra poética de Miguel Hernández, víctima del fascismo franquista durante la Guerra civil española.

Whestphalen en Lima, escuchó y sintió, en las noches de bohemia parisina, entre muchos cantos, la magistral potencia de la íntima voz vareliana, la del suyo “canto solitario, secreto y tímido... el más natural”;¹³ canto de una muchacha peruana, recién llegada de Lima, que andaba del brazo de su joven y flamante marido, futuro pintor reconocido, Fernando de Szyszlo. Blanca era ave rara en una cuna de estrellas de la poesía, la literatura y las artes latinoamericanas de entonces, como lo fueran Jorge Eduardo Eielson, Julio Cortázar, Ernesto Cardenal, Roberto Matta, Rufino Tamayo y, por supuesto, Octavio Paz. Fue el poeta y amigo Enrique Peña Barrenechea, tío del brillante y fructuoso poeta y ensayista, Javier Sologuren, quien presentó los recién casados con Octavio Paz.

En una de las últimas entrevistas que diera en vida, en su querencia del distrito limeño de Barranco, Varela dio testimonio de su marca definitiva con la vanguardia poética del Premio Nobel de Literatura mexicano: “Octavio Paz marcó mi vida y mi poesía. Fue en París donde empecé a escribir, aunque se trataba de poemas que recuperaban los

¹³ PAZ Octavio. Prólogo al primer poemario publicado por Varela, gracias a Paz, Ese puerto existe y otros poemas, Xalapa, Universidad Veracruzana, 1959.

paisajes del Perú, donde quedó mi infancia para siempre”¹⁴. Empezar a escribir quería decir para Varela: tener consciencia de su identidad peruana y latinoamericana, de su voz mineral y borrascosa. Urge acotar que Paz fue quien gestionó, en México, la primera publicación del primer libro de Blanca Varela por la Universidad Veracruzana, Xalapa, 1959. Varela cuenta que el título de ese primer poemario surgió de una conversación con Paz. El título previsto en un principio era el del primer poema, “Puerto Supe”, pero Octavio le dijo: “Ese es un título muy feo”. Blanca le respondió: “pero... Ese puerto existe”. Entonces él le dijo: “ese es un buen título”.¹⁵ ¿Quién puede imaginarse tener un padrino poético más vital y certero, en lo esencial poéticamente?

¹⁴ De la entrevista con Fernando Valverde, en el diario El País, Madrid, 13 de octubre de 2006. Las diferentes entrevistas que citamos en este trabajo provienen de la recopilación hecha y editada por Jorge Valverde Oliveros, Entrevistas a Blanca Varela, ed. Isegoria, Lima, 2020.

¹⁵ De las entrevistas con el periodista e investigador Jorge Coaguila, publicadas en el diario limeño La República, 15 y 22 de mayo de 1994.

VOZ POÉTICA E IDENTIDAD PERUANA DE INMENSA OCEANIDAD, MINERAL Y COSTERA

En realidad, Varela escribía desde niña, a su manera. Y, desde su prima infancia y adolescencia, tuvo muy claro que la poesía era su manera de vivir y de pensar, de sentir y de meditar su humana condición, que por cierto nunca concibió como una esencialidad femenina, y todavía menos adosada a la ideología feminista, aunque las feministas la buscaban para que apoyara sus combates contra el patriarcado tradicional. Al respecto, Varela solía decir que la poesía no es propiamente ni femenina ni masculina, es simplemente buena o mala; no en sentido de moralina, sino en dimensión de bondad y maldad, en el buen pensar del junco pensante, como diría Pascal, propio al humanólogo que cada cual ha dejado, podido y querido emerger dentro de su fuero interior. “Yo sólo he querido, toda mi vida, aprender a pensar, con ternura y dura pertinencia. Si a eso le llaman poesía, me gusta”, me dijo Varela una tarde del verano limeño de 2006, contemplando el atardecer frente a la inmensidad del océano Pacífico, en su “Dique contra el Pacífico”, cuando tuve el inmenso honor de ser presentado a ella por el poeta Antonio Cisneros.

Con todo, es menester acotar que antes de irse a París, Varela había estudiado Letras & Educación en la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, donde entró en contacto con una pléyade de escritores y poetas que se reunían a hacer, deshacer y volver a hacer el mundo, en la famosa Peña limeña “Pancho Fierro”. Fue su amigo de toda la vida, Sebastián Salazar Bondy, quien la inició en conversaciones metafísico-poéticas. Gracias a lecturas y amistades compartidas en su juventud sanmarquina, Varela pasó de la poesía juvenil a la adulta. Salazar Bondy le ayudó a descubrir un vasto territorio poético y literario que ella pudo sondear con su propia voz, donde se entrelazaban poetas españoles como Quevedo, Góngora, Cernuda, Lorca, poetas peruanos como Xavier Abril, Martín Adán, Jorge Eduardo Eielson, Javier Sologuren, entre otros, así como la obra de Eliot, Nerval, Mallarmé, De Quincey, Verlaine, Baudelaire, Rimbaud, Rilke... Fue también a través de Salazar Bondy que Varela conoció a dos figuras mayores de la literatura peruana como son el escritor José María Arguedas y el poeta Emilio Adolfo Westphalen, quienes fueron claros ejemplos de obra, vida y pensamiento; en esas andaduras podría estar algún estrato de la

arqueología varelana, si se quiere, de sus influencias literarias.

Fue en torno al poeta, dramaturgo y promotor cultural, Sebastián Salazar Bondy, que se desarrolló la llamada Generación del 50, grupo de insatisfechos y audaces que no sólo modernizaron la poesía, el cuento, la novela y la crítica, sino también las artes plásticas en el Perú. Y, sobre todo, fue Sebastián quien presentó a Blanca con el pintor Fernando de Szyszlo, con quien ella se casó en la Iglesia Cristo Rey, el 19 de agosto de 1949, horas antes de salir por el Callao para Europa y, por primera vez, en el barco con un nombre que le iba como regalo de luna de miel, Reina del Pacífico, pues más allá de alguna fuerza tutelar andina, tengo la poética varelana por profundamente abierta y anclada en la inmensidad mineral de la oceánida peruanidad, como lo sería el manto caribeño en la poesía colombiana de Meira Delmar.

Los grandes poetas sólo tienen a la poesía misma por principal influencia. Creo que en ninguna otra entrevista, como en la siguiente, Varela precisa con tanta profundidad la hendidura de su arte poética, de sus Trabajos y Días, de su laborar, meditar y religar; búsqueda implacable para

trillar lo indecible, aventurándose, “con mucho sufrimiento, con una gran alegría, con una delirante libertad, un poco más allá de las cosas, de los objetos, de los gestos”, para que “alguien” o simplemente un poema responda a nuestras más secretas y obsesivas preguntas. Ese alguien que está dentro de uno, que es y no es uno mismo; ese poema que logra ser uno, con su propia vida, cuando, acabado todo encantamiento frente al espejo y sus espejismos,¹⁶ uno se aventura a responder con propio criterio a las preguntas esenciales sobre la naturaleza, la sociedad y el individuo, a saber: quiénes somos, de dónde venimos, dónde estamos, para dónde vamos.

“Desde muy niña adquirí -dice Varela en una entrevista con Rafael Vargas¹⁷ la costumbre de sentarme a la mesa, frente a un papel en blanco, para decir cosas que no podía decir de viva voz, y ordenaba y desordenaba palabras tratando de encontrar en ese

¹⁶ En algún lugar de su magistral novela, *Les illusions perdues*, Balzac dice que la escribió, pensando únicamente en a quien ya sólo queda volver a su fuero interior, acabado el encantamiento. Encantamiento de la ambición, del dinero y del poder, acotemos.

¹⁷ De la entrevista con Rafael Vargas, *Palabras para un canto*, publicada en la revista CAMBIO, Lima, 11 de septiembre 1986.

hueco algo que fuera diferente, mejor, o que me revelara algo más de esa realidad que me rodeaba y que no me gustaba demasiado. Creo que comencé a escribir para ver si ‘alguien’ contestaba mis más secretas y obsesivas preguntas, esas que solo pueden hacerse los niños cuando descubren la sordera total de los mayores, de Dios, del mundo, del cosmos. No tuve más remedio que aprender a contestarme yo misma, y para no reconocermme, supongo, me aventuré con mucho trabajo, con mucho sufrimiento, con una gran alegría, con una delirante libertad, me aventuré – repito- un poco más allá de las cosas, de los objetos, de los gestos. Me iba muy lejos a una región muy delgada y sutil, muy peligrosa a veces, pero aprendí a regresar con pequeños objetos, con restos extraños, con fragmentos de cosas misteriosas e irreconocibles aparentemente. Esa podría ser mi poesía, un riesgoso viaje a ninguna parte, para volver y empezar ora vez y otra vez”.

Para entender mejor a esa niñita mimada de la poesía peruana, hija única y sin descendencia femenina (pero, ¿y quién dijo que un hijo era macho o hembra? Un hijo es un hijo –ya veremos en el poema varelano por antonomasia sobre la descendencia, “Casa de Cuervos”, el indecible dolor, cuando se pierde un hijo), hay que acotar: ¡Blanca

Varela tiene linaje poético, madre y abuela poetas, y reconocidas como tales!

Así pues, un rosario de musas poéticas venía en legado a Varela por alcurnia propia. Delia Castro de Gonzales escribe a su hija Esmeralda, madre de Blanca y más conocida por su seudónimo de escritora, periodista y poeta, “Serafina Quinteras”, un poema-dedicatoria de fina ternura, publicado en la Revista Variedades, n°782, en 1923, que reza:

“Cuando en tus ojos soñadores brilla fantástica la luz

y alumbras todo lo que me miras con el fulgor que guardas tú, desciendo al fondo de mi alma, pulso mi mágico laúd

y dejo entonces que mis rimas, llenas de ráfagas de luz, para que adornen tus encantos, se vuelvan rosas del Perú”.

Y escuchemos la vena poética familiar, en clave soñadora y transmitiéndose la secreta y serena ternura del beso en las pestañas, cuando Serafina le escribe a su hija Blanca un poema con centella metafísica (Cf. Cajón de sastre, CONCYTEC, Perú, 1940), que reza así:

“Una es seria, ensimismada, soñadora, pensativa.

Tiene un beso de la noche en las pestañas
Y dos ráfagas de luz en las pupilas. Tiene un algo de misterio.

Al mirarla se diría

que ella sabe

lo que nadie ha descubierto todavía. Esta mágica
muñeca,

mi muñeca soñadora y poetisa,

la del beso de la noche en las pestañas y la ráfaga de luz
en las pupilas

es la página enigmática

en el libro transparente de mi vida”.

Blanca Varela no escribirá poemas, como su madre y su abuela, a una muñequita soñadora, sino a dos niños, Vicente y Lorenzo, frutos de su matrimonio con Fernando de Szyszlo. Pero ya no se tratará de poesía personalizada, sino de la toma de posta más allá de la herencia sin legado, como diría el poeta René Char. Varela toma del “legado matriarcal” la centella metafísica del poema y entama una

reflexión poética sobre la maternidad, la infancia y la vejez, la vida, el amor y la muerte. La maternidad sabe que lo infantil está entramado de juego real e imaginario, de tensiones de mando humano y divino, de tradición y modernidad y, sobre todo, de poemas desgarradores sobre el indecible dolor del duelo.

DE LO GENÉRICO Y LO UNIVERSAL EN LA VOZ POÉTICA

En la revista *Metáfora* n°2 de la Asociación Peruana de Retórica, Walter Andrés Alvarado hace un estudio interesante, aunque ideológico, sobre la reflexión varelana de la maternidad, a partir de los poemas “Fútbol” y “Toy” (del poemario *Valses y otras falsas confesiones*, 1964-1971), para poner en evidencia la dimensión lúdica e imaginaria de la niñez, y a partir también de los poemas “Casa de cuervos” (del poemario *Ejercicios materiales*, 1978-1993), “Dolor de corazón” y “Si me escucharas” (del poemario *Concierto animal*, 1999).

La hipótesis de Alvarado es reductora, como todo lo que se quiere estructuralista, pues muestra la representación de la maternidad en Blanca Varela como una dicotomía estructural, sociológica y textualmente

hablando, entre maternidad feliz e infeliz. En efecto, Alvarado propone usar una metodología de lingüística estructuralista, tipo Retórica General Textual en una hipótesis, según la cual, la representación del hijo, en Varela, “convoca elementos como lo lúdico, el poder y el duelo, con lo que se constituye como un elemento clave en la desmitificación del relato de la maternidad feliz”¹⁸.

Luego, desde las respuestas dadas sobre temática de género y liberación de la mujer, publicadas en Libre, revista crítica del mundo de habla española (nº4, París, 1972), Blanca Varela dejó muy en claro su posición socio-histórica, epistemológica y metafísica en cuanto al combate feminista que busca generar una polarización irreductible entre la mujer y el hombre, lo infeliz y feliz en la pareja. Varela piensa en lógica humanológica y religadora, en pensamiento complejo, si se quiere, que nunca en clave disyuntiva.

“El problema de la emancipación femenina no me parece, dice Varela, sino un aspecto, tan singular como cualquier otro –el obrero, el campesino, el racial-, de un problema mayor que atañe al género humano”.
Varela no ignora que, en lo práctico, las mujeres

¹⁸ ALVARADO, Walter Andrés, ídem.

constituyan “una clase aparte, menos afortunada y menos atendida que cualquier otra, tradicionalmente situada en un limbo de desconsideraciones y mentiras; mentiras de categoría universal, mentiras históricas y filosóficas, que permiten la existencia de absurdos como la “opresión patriarcal, entre otros”. Pero, acota radicalmente a reglón seguido: “que quede constancia que digo “en la práctica” y que insisto en no aceptar que el problema de la emancipación femenina se reduzca a un simple debate de orden familiar y doméstico; ni tampoco a limitadas y débiles revueltas de tipo ‘feminista’ ”.

En el poemario *Valses y otras falsas confesiones* (1964-1971), hay un poema, *Vals del ángelus*, que se puede leer y meditar en clave de complejidad con respecto a la relación con lo femenino y lo masculino -a lo que éstos juntos engendran o no, así como a la representación sociocultural que se pueda tener del cuerpo como engendramiento o maternidad, pero también como urna o casa vacía del duelo indecible (recuérdese el accidente mortal de su hijo Lorenzo, que Varela resucita en el poema “Casa de cuervos”); cuerpo engordado de lágrimas que se traga y no se llora. La poesía inicia a la potencia del rol corporal con y sin consciencia en la sociedad, la naturaleza

y el individuo. ¿Marca de trascendencia, apoteosis, ascensión, procesión o peregrinación? Pero también puede ser, el poema Vals del ángelus, un terrible canto-grito entre lo humano y lo divino, grito-canto del destierro, de la caída o encarnación del Ángel que somos y no somos,¹⁹ sufrimiento de pasiones tristes, humanas, demasiado humana.

“Siempre he sido fuerte, pero ambivalente. En mi poesía, acota Varela, mantengo una vieja polémica con un Dios, en el que ni siquiera creo, porque me parece que la condición humana es terrible. El poema “Vals del Ángelus” le digo qué ha hecho de mí...”.

¿Con toda sensatez, quién podría hacerle reclamos a un Dios? El poema reza, implacable y terrible, como un reclamo sublime e imposible formulación:

¹⁹ Cuando buscamos ser ángel, encontramos la bestia en nosotros, y cuando buscamos la bestia, encontramos algo angelical, dice Pascal en alguno de sus Pensamientos, a manera de lo que Edgar Morin llama ecología de la acción: todos nuestros pensamientos y actos comportan un ecosistema religado, interconectado y en bumerang muchas veces. La sabiduría popular gala dice al respecto: el infierno está empedrado de buenas intenciones. Piedras en el zapato por el camino del deber es lo que en clave latina se llama pecar, seducir, contrariar, dispersar.

“Ve lo que has hecho de mí, la santa más pobre del
museo,

la de la última sala, junto a las letrinas,

la de la herida negra como un ojo bajo el seno
izquierdo.

Ve lo que has hecho de mí, la madre que devora a
sus crías,

la que se traga sus lágrimas y engorda, la que debe
abortar en cada luna, la que sangra todos los días del
año”.

Luego, ese Vals sube en modo mayor y canta unos versos que tengo por el reclamo más terrible que se le pueda hacer a un o una Don Juan, a la inocencia perversa de los relatos sofisticados, al cazador(a) de virginidades ideales, utopías y ucronías, al tirano, caudillo o dictador. Leamos en voz alta:

“Así te he visto, vertiendo plomo derretido en las
orejas inocentes,

castrando bueyes, arrastrando tu azucena, tu
inmaculado miembro,

en la sangre de los mataderos. Disfrazado de mago o proxeneta en la plaza de la Bastilla -Jules te llamabas ese día y tus besos hedían a fósforo y cebolla.

De general en Bolivia, de tanquista en Vietnam, de eunuco

en la puerta de los burdeles de la plaza de México.

(...)

Ve lo que has hecho de mí. Predestinado estiércol, ciego de ojos vaciados. Tu imagen en el espejo de la feria me habla de una terrible semejanza”.

Así pues, para volver y cerrar con las respuestas propuestas en la Revista parisina Libre, para luchar en suma por liberar la condición humana en la mujer como en el hombre, Varela deja claro su concepción de lo femenino, lo familiar, lo materno, lo humano propiamente. A la pregunta: ¿considera usted que la familia (hijos, pareja, hogar) es una traba para la emancipación de la mujer? –o para ser poeta, si se quiere-, Blanca Varela da una respuesta precisa y profunda, que merece leerse y meditarse, sin más comentario que la propia resonancia de las ideas que ella propone para una cosmología serena en el tema:

“No debería serlo en absoluto, si hablamos de una familia ideal, constituida por seres libres y responsables. La maternidad no me parece una carga, sino por el contrario una forma de realizarse dentro del orden natural de las cosas. Si marido y mujer convienen en formar una familia sabiendo que eso implica una cierta dosis de esfuerzo extra de ambas partes, no veo por qué esto sería una traba ni para el hombre ni para la mujer. Me parece, más bien, que el problema trasciende a la pareja –que puede ser perfecta- para convertirse en un problema social. Se tendrían que revisar muchas cosas: el matrimonio, el divorcio, la educación de los niños, las cunas materno-infantiles, los horarios de trabajo, etc. Ahora bien, si hablamos de la familia dentro del actual estado de cosas, ciertamente no es una traba sino una lápida, y tanto para la mujer como para el hombre”.

Varela nunca se dejó acorralar por la voz genérica en su poesía. El juego de voces es creativo y poético, ante todo. El femenino y/o el masculino son simples figuras gramaticales y puntuales, que siempre están en interrelación profunda y secreta. Razón por la cual, buscar en la poesía de Blanca Varela justificaciones para combates

genéricos releva del subjetivismo psicológico, loco y/o del objetivismo retórico, obtuso.

Tengo para mí que la relación que Varela tenía con su condición de género era la misma que tenía con su cuerpo y con su alma, con su ojo interior y con su piel. Varela tenía la consciencia de lo que Edgar Morin llama “principio hologramático”; “es como si tú fueras un mapa del universo. Tu eres el pequeño mundo que es cada individuo”²⁰. La unidualidad del unitas multiplex de nuestro ser, era algo profundo, presente y metafísico en Varela, como nos lo dice su poema “Fuente” (del poemario *Ese puerto existe*), que reza:

“Junto al pozo llegué, / mi ojo pequeño y triste / se hizo
hondo, interior. / Estuve junto a mí, / llena de mí,
ascendente y profunda, mi alma contra mí, /
golpeando mi piel, / hundiéndola en el aire, / hasta el
fin. / La oscura charca abierta por la luz. / Éramos una
sola criatura, / perfecta, ilimitada / sin extremos para

²⁰ De una entrevista consignada como inédita con la investigadora francesa Modesta Suárez y consignada en el libro *Espacio pictórico y espacio poético* en Blanca Varela, Verbum, 2002.

que el amor pudiera asirse. / Sin nidos y sin tierra para el mando”.

VOZ FRAGMENTADA Y UNIDUALIDAD POÉTICA

Desde el primer poemario de Varela, *Ese puerto* existe, podemos sentir, percibir y escuchar una voz tenue y segura, donde están en tensión la confesión y el secreto, lo íntimo, lo privado y lo público, eso que es como una religación propia a lo poético, una voz que, si bien se expone fragmentada, se escucha en realidad religada, en tanto humana condición, a través del paisaje mineral, salado y espumoso de su amado Perú. “Ni siquiera el lector más atento, acota Olga Muñoz Carrasco, identificaría sin problemas esta voz”²¹

La voz poética de Varela aparece ya definida y accesible en su primer poemario, pero el resto del libro y de su obra, la vela y la desvela, la convierte en unidualidad.

El segundo poema del primer poemario se nombra: “Las cosas que digo son ciertas”. Ahí, la notoriedad del supuesto desdoblamiento pasa por la calificación de un

²¹ MUÑOZ CARRASCO, Olga. Sigiloso desvelo. La poesía de Blanca Varela. Fondo editorial PUCP, Lima, 2007, p. 63 y ssq.

género masculino, pero precedido del plural universal, porque la poeta hace parte de la humana condición, del Todo humanos y del Humano todos:

“los hombres lloran y ven llegar la nueva estación...
Todo es perfecto. Estar encerrado (aparece la primera expresión genérica) en un pequeño cuarto de hotel, estar herido (insiste en el género masculino), tirado e impotente mientras afuera cae la lluvia dulce”.

En el tercer poema de su primer poemario, “Los pasos”, la voz poética de Varela se identifica claramente con un niño, como si fuera todavía un ángel, un ente a-sexual, si se quiere:

“Cuando niño di muchos (pasos, se supone), / aquéllos cuentan hasta morir, / los más puros y crueles”.

Se ha dicho y redicho que la poética varelana estaría marcada por el surrealismo de Breton, el existencialismo de Sartre, el feminismo de Simone de Beauvoir y el espiritualismo de Simone Weil, pero es mal conocer la vena vital que la anima, desconocer que Blanca Varela es una estrella poética que brilla con luz propia. Sobre esas

influencias diversas, de la primera y segunda estadía parisina, escuchemos lo que la propia Blanca Varela dice:

“Conviví muy cerca con los existencialistas y arraigaron en mí el dolor de existir y el compromiso con la vida. Con los surrealistas comparto sólo su rebeldía y su afán de libertad”²².

Admiró a la autora del Segundo sexo, que “le abrió los ojos a muchas cosas”, dice Varela²³ -¿qué cosas? ¿Cosas de mujeres? Preguntas indiscretas con aire machista- porque sabía hacer de su vida, su literatura y su filosofía, un combate a campo abierto, libre; aunque Varela nunca entendió, más allá de simple seducción, la relación con un “mujeriego” empedernido como Sartre, o el entramado entre la “voz desagradable” de Simone y la “voz preciosa” de Jean-Paul. Pero retomemos aquí la opinión de José Méndez, recopilada en el Boletín de la Residencia de Estudiantes, n°4, 1997:

“Aquella jovencita que llegó a París a finales de los años cuarenta, con apenas veinte años, recién casada y

²² De la entrevista con Silvia Cherem, citada arriba.

²³ Idem.

rodeada de artistas y escritores, era, naturalmente, una esponja; pero esponja de un extraño mineral que solo absorbe lo necesario para su propia expresión. No era el contacto con André Breton. No era el contacto con el existencialismo: fue el contacto personal con Simone de Beauvoir y Sartre. No era una visitante habitual de exposiciones (...): fue Giacometti sentado a su mesa para tomar café”²⁴.

Varela no llegó a París a encerrarse en bibliotecas ni a tener encuentros librescos con las corrientes literarias y/o filosóficas de la posguerra, sino a encontrarse con personas, con la vida, a sentir y a vivir la experiencia del encuentro humano, del ser como atravesado y como fundido en la mirada del otro. Traigamos a colación una estrofa del curioso poema que Martín Rivas dedicó a Blanca Varela, donde pinta la tertulia de Andrés Breton, en algún bistro de Montparnasse o en el Café de Flore. Reza:

“Su ojo, fosforeciendo tras / la arruga pálida del
párpado / del viejo león, ve a la pequeña / peruana

²⁴ Cf. in Sigiloso develo. Obra citada, p. 19.

oscura, de soslayo. / Atravesándola, fundiéndola / como no lo hizo el sol incaico”²⁵.

Lo de “peruana oscura” debió de ser una metáfora de mal gusto para evocar la piel mestiza de Varela. Pero yo la veo como un agujero oscuro donde lo que aparece es la trama luminosa de una poética propia al pensar mestizo o Pensamiento mestizo, como dice Serge Gruzinski, al estudiar la emergencia cultural que surge del encuentro entre lo amerindio del sol incaico y la civilización del Renacimiento europeo, durante la Colonia Española en las “Indias Occidentales”.

Si la poética varelana conlleva marca surrealista, la veo en ese pensar mestizo que es también, como dijera Edgar Morin, un pensamiento complejo, trama religadora del pensar justamente, donde se deshace el carácter facticio de las viejas antinomias propias al pensar técnico mental, sea únicamente computacional o digital. Acotemos que en el Segundo Manifiesto del Surrealismo, André Breton nombra justamente surrealista, la tarea de buscar “cierto punto del espíritu donde la vida y la muerte, lo real y lo imaginario, el

²⁵ Idem, p. 21.

pasado y el futuro, lo comunicable y lo incommunicable, el cenit y el nadir (le haut et le bas), dejan de ser percibidos contradictoriamente. De nada servirá buscar en la actividad surrealista, otro móvil al espíritu que encontrar ese punto”.²⁶ Esa frase resume la famosa teoría bretona de la “conciliación de los contrarios”, es decir, la tarea misma del surrealismo.

Además, tengo para mí que una de las mayores lecciones de la corriente literaria, psicológica y filosófica del surrealismo ha consistido en liberar la palabra del lenguaje, permitiendo así que el arte poética pueda captar, con su propia voz, fragmentos de cosas misteriosas, irreconocibles e irreconciliables, aparentemente.

“Al principio hacia una poesía mucho más discursiva, dice Varela: más paréntesis, más puntuación; ahora incluso ni siquiera utilizo las mayúsculas, todo lo que

²⁶ BRETON, Andrés. Manifestes du surréalisme. Ed. Gallimard FolioEssais, p.72-73.

no sea la voz misma me resulta prácticamente un lastre al escribir”²⁷.

Hay, así mismo, como liberación de la imagen y del sonido, abriendo más espacio mental, mayor espacialidad y temporalidad, al simple subsumir racional del concepto. Lo podemos ver, sentir e imaginar, en este verso magistral de Blanca Varela:

“como un niño que arroja piedras para detener el viento”²⁸

Hay niños que arrojan piedras para tumbar pájaros, para romper la ventana de la vecina anciana, para buscar chicana, niños malvados. El niño de la poética varelana: “arroja piedras para detener el viento”, es un niño surrealista.

Pero, al mismo tiempo, es un niño existencialista. Lo veremos en el poema “Casa de Cuervos”, cuando Varela

²⁷ De una conversación con Yaiza Martínez, “La poesía es una urgencia de canto, una forma de respiración”, publicada en la revista española Tendencias, el 21 de marzo de 1998.

²⁸ Ese puerto existe (y otros poemas), edición de la Universidad Veracruzana, México, 1959, p. 19.

plasma la oración de un vacío metafísico que abre la consciencia del duelo e indecible dolor en la condición humana. Varela convoca la ausencia/presencia de lo divino, como antigua marca de invocación primera, frente al inmenso silencio del firmamento infinito. La voz poética amplifica entonces el sentimiento de orfandad y evidencia la soledad, ahí donde el poeta sabe escuchar atentamente el palpar lloro de vida, el aullido de angustia, la irónica carcajada de abalorios y pasiones tristes con que se divierte la plebe, que también somos, pero emerge la ley moral del espíritu consciente de compromiso y de responsabilidad, de ética de religadura, frente a la crueldad y la indiferencia.

LA SANACIÓN POR LA POESÍA O CONSCIENCIA VITAL DE LA OSCURA CHARCA ABIERTA POR EL SOL

En su obra magistral, su primera obra, *El nacimiento de la tragedia*, escrita por la misma época en que Arthur Rimbaud escribía el monumental poema, “El barco ebrio” (*Le bateau ivre*), agitada época de la guerra franco-alemana (1870-1871), Nietzsche dice que tenemos la música, entiéndase en sentido de la antigua Grecia, la poesía, para

sanarnos del morir, para consolarnos de la muerte, dirán luego los romanos, helenizados y cristianizados.

No será nunca suficiente decir que “Casa de Cuervos”, poema central del poemario Ejercicios materiales (1978-1993) de Blanca Varela, es una fuerza poética de sanación y de consolación; por eso quiero consagrarle un espacio particular en estas notas. Es el poema del duelo por antonomasia, la muerte de un hijo. Los entonces esposos, Blanca y Fernando, vivían en Washington, en 1960, donde nace Lorenzo, el segundo hijo de la pareja, quien debe su nombre en homenaje a los admirados escritores D. H. Lawrence y Lawrence de Arabia. El 29 de enero de 1996, fallece Lorenzo en un accidente aéreo. El Boeing 737-200 del vuelo 251 de Faucett, proveniente de Lima, no aterrizará nunca en el aeropuerto de Arequipa.

Todos los lectores atentos de la poesía varelana han visto en “Casa de Cuervos” la presencia del hijo perdido, Lorenzo. Pero el poema no lo nombra con ese nombre. Lo llama de muchas, bellas y tiernas maneras: hijo mío, pobre pequeño mío, huella de tu talón estrecho de arcángel, leoncillo, ciego sordo irredento, abismo lleno de ti / música

que no ves / colores dichos, luz del mundo (que se va) / sin promesas, amor / uno solo y el mismo con tantos nombres...

Es un poema hecho de parto, de plenitud y de vacío. Grito de dolor de una madre que recuerda brutalmente el agujero negro del universo, recuerda que la presencia del niño jugando, corriendo, sonriendo, viviendo, hecho joven, adulto, la ha desahuciado con su muerte, como si el parto que da vida tuviera de repente la consciencia que también queda vacío al nacer, como una conca insonora... prado de negro fuego abandonado:

“Y otra vez este prado / este prado negro / este prado de negro fuego abandonado / otra vez esta casa vacía / que es mi cuerpo / adonde no has de volver”

Casa vacía ya no es un hogar ni una casa, vientre desahuciado, ya sin esperanza ni confianza en la vida.

“y tú mi / mirándome / como si no me conocieras / marchándote / como se va la luz del mundo / sin promesas...”

La muerte de su hijo Lorenzo es como un río del olvido y del reencuentro con su alma de niña, su negro pozo, de tristeza infinita, la línea de no retorno, la abscondita

armonía. El niño Lorenzo era, en realidad, encarnado, como huella misma del alma de Varela, su prueba de sutileza, su voz e íntima poética. Antes que le diera vida en un ser único, que era y no era suyo, Blanca lo presintió en el primer poema con pater-maternidad reconocida, “Puerto supe”:

“Aquí en la costa escalo un negro pozo, / voy de la noche hacia la noche honda, / voy hacia el viento que recorre ciego / pupilas luminosas y vacías, / o habito el interior de un fruto muerto...”

Fruto, hijo, muerto, habitarlo en su propia muerte, insepulto de él, terriblemente desgarrador, indecible dolor. Del poemario *Concierto animal* (1999):

“si me escucharas / tú muerto y yo muerta de ti / si me escucharas (...) viva insepulta de ti / con tu oído postrero / si me escucharas”

“ego te absolvo de mí / laberinto hijo mío / no es tuya la culpa / ni mía / pobre pequeño mío / del que hice este impecable retrato / forzando la oscuridad del día / párpados de miel y la mejilla constelada (vuelve el legado misterio de miel, del beso en los párpados para lindos sueños y alegres despertares) / cerrada a cualquier roce (¿qué metáfora de la muerte tan sutil y

tan terrible!)/ y la hermosísima distancia de tu cuerpo”
 (“Casa de cuervos”).

Con todo, que impresionante y asombroso presentimiento del comienzo y del fin, de la vida, del amor y de la muerte, de la metamorfosis posible de mundos posibles, ser madre del hijo y/o hijo de la madre, en la asfixiante seda de la oruga de la vida, ser espíritu, cuando se leen los últimos versos del poema iniciático a la voz poética varelana, “Puerto Supe”:

“Aquí en la costa escalo un negro pozo,

(...)

o habito el interior de un fruto muerto, esa
asfixiante seda, ese pesado espacio poblado de agua
y pálidas corolas. En esta costa soy el que despierta
entre el follaje de alas pardas,

el que ocupa esa rama vacía

el que no quiere ver la noche.

Aquí en la costa tengo raíces manos imperfectas

un lecho ardiente en donde lloro a solas.”

[espaço literário]

ENSAIO EM DOIS SONHOS, OITO VIAGENS E QUATRO LUAS

MARIA MARTHA STREMIO



PRÓLOGO

Não se escreve um livro por decreto, mas sou obrigada a decretar seu início para que ele exista. Hesitei tanto frente a esse gesto autoritário porque ele me obrigará a canalizar para um certo fluxo coisas vividas de forma dispersa, e assim descaracterizar de cara o modo como elas acontecem; a botar num leito um certo rio, que de outra forma seriam essas águas difusas em que me banho diariamente e que valem tanto por serem assim. Sem leito. Sem rumo. Sem preocupação de coerência ou continuidade. Sem preocupação de destino. De acabar ou começar. Sem para onde nem para quê.

Difícil saber nesse momento se chegarei a um fim. Ou mesmo a um segundo dia dessa tarefa. Ou até a uma segunda página depois dessa. Incerteza que não é ruim. É verdadeira, e simplesmente por isso, já me encanta e motiva. Sou afeiçoada à sinceridade.

Sei já com bastante clareza do que gostaria que o livro tratasse: de fluxos, conexões e acasos (quase uma paródia do título de um livro que me marcou, *Memórias, sonhos e reflexões*). Como o pensar se imbrica no viver, e às vezes

não. Porque o viver pode nos tomar sem reflexão, impor seus rios e fluxos sobre nós.

UM PROGRAMA DA BBC

Minhas primeiras anotações para o livro começaram por registrar a admiração divertida de minha mãe com um programa da BBC chamado "Connections", apresentado por um entusiasmado cientista britânico bastante doido. O programa tinha por objetivo juntar alhos com bugalhos, mostrando suas fascinantes conexões com uma facilidade espantosa e frenética. As indicações de conexões não perceptíveis à primeira vista eram os momentos de maior felicidade do apresentador e também de minha mãe, que ria da alegria dele com as provas de que o mundo não era aleatório como parecia. Esse livro vai tratar de algo parecido com isso. Mas meu objetivo não é provocar êxtase ao descobrir conexões insuspeitas entre as coisas. É antes falar da nossa falta de controle sobre a vida e os acontecimentos, seguida sempre da tentativa de, apesar do aparente caos e falta de propósito de tudo, dar sentido aos dramas quotidianos de diferentes magnitudes que nos atingem. E também, igualmente, das felicidades que nos acometem.

Dramas são como acidentes que nos atingem e felicidades estados físicos que nos tomam, como febres. De qualquer jeito, acho que o riso de minha mãe se explicava pelo alívio que sentia com o sucesso das conexões anunciadas pelo apresentador no início do programa, pois elas eram infalíveis; nunca o vi se render à não explicação ou à aceitação da falta de conexão entre os fatos que pinçava para analisar. Claro que eles era previamente escolhidos, mas o programa dava a impressão que não. Parecia uma mágica, tudo "fazia sentido".

NOVO PRÓLOGO

O livro responde também a uma necessidade existencial, do tipo "bálsamo contra a melancolia", como eram consideradas as ações filantrópicas do século 19, ou "talismã contra o tédio", como Richard Burton, também naquele século, descreveu o sentido de traduzir *Os Lusíadas* para o inglês. Nem por isso entretanto deve ser desconsiderado por umbigation ou superficialidade.

Um obstáculo difícil será me levar a sério nessa escrita, sobretudo se ela for leve e inspirada. É que nunca fui leve ao escrever academicamente e minha inspiração

nesse campo sempre resultou apenas em trabalho duro e sofrimento. Perdia a graça pelo peso que trazia executá-la. Como meu modo de fazer tricô, em que as malhas eram tão apertadas que eu mal conseguia fazer a carreira seguinte. Espero seguir o fluxo do pensamento de forma menos apertada que naquelas agulhas. Mesmo que ele não traga apenas coerência e ordem. Mesmo que seja o respingo de águas livres, sem leito, sem rio.

Talvez precise usar um "truque sujo" para que a escrita ocorra: pensar que estou escrevendo para alguém com quem gosto de conversar, que me leva a considerações sinceras sobre o que estou vendo e pensando. E também sobre o que não entendo, me espanta e me desarruma, me obriga a buscar a escrita para tentar botar as coisas um pouco no lugar.

Outro obstáculo é conseguir sair da escrita diária, difusa, em que anoto informações e comento acontecimentos, sonhos, impressões (as tais "memórias, sonhos e reflexões") para mim mesma, ou da escrita para alguém definido (cartas, mensagens, emails, artigos), e passar para uma escrita sem destinatário definido, que não sei quem é. Isso me tira o chão em que costumo escrever.

Um chão de autopacificação ou de gula por registrar do mundo tudo que me parece relevante, para que possa ser "repescado" em algum momento posterior e servir a algum propósito que ainda não sei. Assim são minhas anotações: impressões sobre acontecimentos, sonhos, citações, explicações, depoimentos, descrições de programas de televisão, às vezes seguidas de um comentário meu, às vezes não. É como tem sido minha escrita até agora. Ou a do chão da profissão: produzir análises e sínteses dos temas que estudo, em diálogo com muitas vozes, de muitos autores de mundos diferentes dos meus.

Estou em busca de uma terceira via de escrita, escolhendo que matéria prima usar. Com a alegria de não ter prazo, não ter tema pré-definido, não ter conclusão a tirar, nem justificativa de porque e como cheguei ao que disse. Não que a escrita acadêmica não tenha seus encantos. Mas limita o desejo de liberdade em que estou. "Quanto mais se sobe, mais alto o tombo", eu diria sobre esse projeto libertário que, sobretudo, não quero ver transformado em nova prisão. Mas, pelo menos será uma prisão diferente. Sem dinheiro em troca das obrigações cumpridas. Sem valer nota.

O livro também vai falar desse momento digital novo que estamos vivendo, dos links que nos fazem navegar para cada vez mais longe de nossos motivos iniciais para ter ido pesquisar algo na internet. Claro, eles falam dessas conexões e fluxos que também parecem desordenados e sobre os quais quero me debruçar. Mas não quero falar, que fique bem claro, de conexões de causa e efeito, mas de outras menos explicáveis, como uma coisa estar fisicamente ao lado de outra, por exemplo, ou uma coisa acontecer ao mesmo tempo que outra, ou duas coisas não se encontrarem quando foram programadas para tal, e disso surgir o que não se imaginava, criando uma conexão entre o sucesso de uma coisa com o insucesso de outras. É assim por diante. É bem amplo, portanto, do que quero falar. E, como no caso do programa "Connections", meu interesse é sobretudo nas conexões não aparentes, que a gente tem que cavar um pouco para descobrir.

As conexões estão aí. Nos cabe achá-las, descobri-las, criá-las, experimentá-las, recusá-las. São os gnomos do cotidiano.

Há coisas que não se pode contar "a frio". Elas requerem alguma introdução, contexto, para usar uma das

palavras mais "pesadas" da minha profissão, mestre das aspas para relativizar o sentido de palavras e expressões. Por "pesado" quero dizer denso, de descrição trabalhosa. Não quero ter essas qualidades nesse caso. Distinguirei apenas uns poucos sentidos de "conexão" para que se entenda do que quero falar e do que não.

[Continue a leitura do livro de Maria Martha Stremio em:
<https://rednosotros.com/elementor-1273/>]

[experiências pessoais]

NOTAS RESSENTIDAS DE UM PSICÓLOGO MAIS AINDA

TIAGO DE MATOS PEIXOTO

Nos CAPS que têm leitos para atenção às situações de crise, há uma complexidade de atividades acontecendo e se inter-relacionando. Já me chamava atenção o fato de lógicas tão diferentes como a reabilitação biopsicossocial e a hospitalar estarem convivendo no mesmo espaço físico, sendo manejadas pela mesma equipe e sob as mesmas regras.

Na minha experiência, o desafio para o profissional de saúde no CAPS não era só imenso, como intransponível. Tínhamos que fazer os acolhimentos das pessoas que vinham por demandas diversas, muitas vezes mal filtradas pela UBS e muitas vezes que necessitariam de tamanha articulação intersetorial – a ser empreendida por você mesmo – que tudo o que podíamos fazer ou almejar era uma consulta com o psiquiátrico que medicasse o usuário para que pudéssemos transferi-lo e acolher mais dezenas de outros iguais ou piores a ele.

Depois destas acolhidas, desviar dos sujeitos em crise pelos corredores do equipamento para discutir em equipe e propor alguma conduta, se for o caso inserir os sujeitos, acompanhá-los, acolhendo as diversas demandas de leito do nosso território somadas aos leitos compartilhados, propor

terapêuticas que levassem em consideração a demanda do sujeito e a possibilidade de oferta no espaço – se ele tem uma demanda que não é possível de trabalhar em grupos ou oficinas, esqueça-a, porque todos tem uma demanda individual e não poderíamos, nem se quiséssemos acompanhar todos individualmente. Junto a isso propor e rever constantemente as normas que valessem para os leitos e para aqueles que quem vinha para acolhimento diurno, fazer mil ligações, ver ou ter notícia do coordenador ou médico conseguindo alguma conduta que você não conseguiu, mas que teve que tentar e por ser estar num nível hierárquico inferior, não conseguiu.

Se você é psicólogo, você vê a sua quase total nulidade diante da perspectiva médica (representada quantitativamente pelo contingente de técnicos em enfermagens, enfermeiras e médicos) e ignorar qualquer ciência a favor da bandeira da Reforma, já que é isso que o Conselho Profissional tem para oferecer. Sortudos os CAPS que tem mais psicólogos, apesar de alguns serem psicanalistas – e falo isto, não por desprezo à tal campo de conhecimento, mas pela tendência existente a transplantar uma atenção clínica focada no indivíduo que não encontra

precedentes na saúde pública – e sentirem claudicantes sem seu divã. Mesmo assim, talvez sentir-me-ia menos sozinho. Não sei se isso beneficiaria os usuários diretamente, para além da fala mansa e da orelha de aluguel, visto que maior parte dos psicólogos tem uma formação precária calcada em clichês, teorias obsoleta e confusões conceituais, chavões e militância. E falo isso, pois a minha formação também foi assim.

A constatação da minha incompetência de base, associada a incompetência de qualquer uma para resolver os problemas no CAPS me fizeram quase ingressar num episódio depressivo. Quantas vezes eu planejei consultas psiquiátricas, particulares, sonhando com a pílula mágica que me ajudasse a esquecer deste cenário. Deus, como queria ser um daqueles psicólogos estúpidos como páginas profissionais no Facebook ou promovendo eventos motivacionais, mas ganhando dinheiro e sofrendo muito menos.

Daí eu pensava na vergonha que seria ir ao psiquiatra pedir medicamentos, sendo talvez um crítico da medicalização! A vergonha de ser uma peça da engrenagem do sonho de sistema público e de qualidade fadado a gerar

doença, ressentimento e corrupção. Sonho que não é meu, mas para o qual eu trabalho. E neste cenário, a psicologia ofertada no CAPS é o filho adolescente e o psiquiatra é o pai. Pode ser o pai alcoolista e agressor, mas ainda é ele quem provê e manda as cartas, podendo até estar mais suave se entorpecido. Não há mãe dentro do CAPS, a não ser que a equipe se dê bem, o que não foi critério específico para passar no concurso, então é escolha do destino.

Você também vê a equipe adoecer por não conseguir resolver tudo isso, adoecer junto, tentar ajudar a equipe doente e os doentes em crise, lidar com o ego dos médicos, acompanhar os usuários que se perdem no sistema, ou porque somem ou porque você simplesmente se esqueceu. Sentir-se um incompetente, mesmo sabendo que não há competência exclusiva nem existente para trabalhar num serviço assim, sem entrar em crise ou gerar crise com quem você relaciona-se – incluso aqui colegas e usuários.

O SUS não banca minha psicoterapia. Aliás, até banca psicoterapia para alguns. Tem ambulatórios com filhas imensas para ofertar sessões, quinzenais ou mensais se necessário. E eu, com a minha posição social de classe média cheia de individualidade evidentemente só faria

psicoterapia com quem eu escolhesse, fosse por pesquisa ou indicação, coisa que é tão importante nos processos psicoterapêuticos, mas não possível no sistema público. Porque eu, como muitos funcionários do SUS, tenho plano de saúde justamente para não precisar depender dos serviços assistenciais do própria SUS. Depender, nunca se possível, principalmente do serviço em que trabalho. Não sou santo, nem padre franciscano, e se fosse iria fazer caridade em alguma instituição que pelo menos não se proponha a abraçar o mundo. Nem iria passar a vergonha de receber menos que os outros profissionais de ensino superior. Se fosse um semisanto oferecia água, pão, atenção e ponto. Saberria que esta era minha função exclusiva. Sem ter que atender mil demandas. Sem ter que buscar a Assistência Social para os usuários desassistidos e sem aquelas reuniões com o NASF. As detestáveis reuniões com o NASF.

No nosso CAPS, o único tipo de “supervisão” que tínhamos era o do NASF, feito curiosamente por psicólogas. Parecia uma forma inconsciente da rede de auxiliar a psicologizar os eventuais problemas organizacionais como sendo fruto sempre de erros de

conduta e “dificuldades da equipe”. Bom, nem sempre era assim, era pior. As tais psicólogas tinham um status empregatício diferente no município e algum grau hierárquico maior, o que na prática, significava o que chamávamos de “carteirada”. Atitudes de decisão, por vezes antidemocrática e intransigente feitas pelos superiores com justificativa de um suposto saber, ou só para reafirmar seu espaço de autoridade. Na prática, os encontros com o NASF eram enfadonhos, redundantes e improdutivos. Odiava minha profissão quando via aquelas psicólogas falarem, em sua fala mansa, para fazermos algo que já havíamos feito e tinha dado errado, ou sugerindo propostas terapêuticas que saberíamos que iriam dar errado. Na época parecia menos um esforço clínico e mais um esforço burocrático de controle de demandas.

Da forma que exponho, parece pessimista e cínico. O coleguinha psicólogo que lê poderia pensar: com esta atitude, este sujeito não poderia produzir os erros que alardeava prever que aconteceriam? Mais um psicologismo. E os dados de realidade minha gente? Veremos nas pesquisas brasileiras sobre CAPS que apontam os “desafios” numa linguagem muito menos direta que a que

adoto neste ensaio. E diga-se de passagem, se isto surge até nas pesquisas brasileiras da área, é porque não é segredo para ninguém e nem é passível de ser dissimulado pelas também pesquisas brasileiras da área. Se der um nó na mente, só releia o último período.

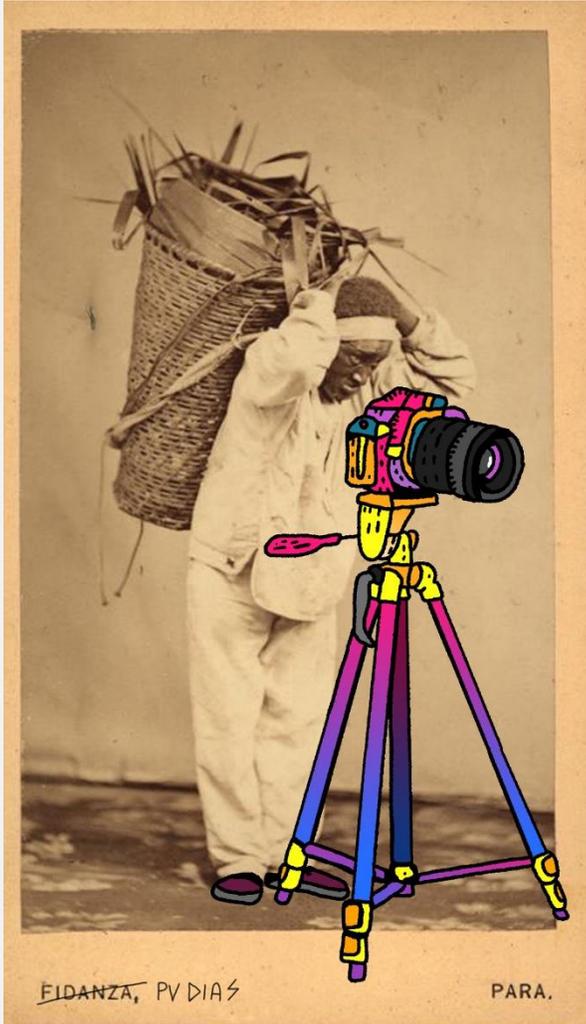
Quanto comecei a trabalhar no CAPS pensei: como vou manter-me humanizante no meu ofício se o meu ofício está me desumanizando? Daí lembrei que ser humano não é só empatia e abraço, é ter raiva, ódio, inveja, vontade de dar uns supapos e mandar seu chefe ir tomar naquele lugar também. Mas este lado do humano a gente não quer, nem pode expressar, correríamos até o risco de ser internados como os usuários que internaremos justamente por fazer isso.

Sim, é inquestionável que apesar de sua esquizofrenia, o CAPS que eu trabalhava era bem melhor a muitos usuários que os antigos manicômios. Mas lembremos que se a ignorância eventualmente se esclarece, como característica humana ela é permanente. Os CAPS serem melhores que os manicômios não indicam que eles sejam as soluções definitivas, nem para os usuários nem para aqueles que almejam um cuidado melhor, os profissionais. E Deus,

lembrai-me que a ignorância também é uma benção. Porque lembro dos meus coleguinhas, que talvez nunca aguentassem trabalhar num CAPS e preferem “clinar” nos moldes tradicionais, defendo com unhas e dentes este modelo. Defendo, eu digo, mudando o tema do seu perfil no Facebook. Sabe como é o engajamento nos dias de hoje, não é mesmo?

[espacio de ruptura]

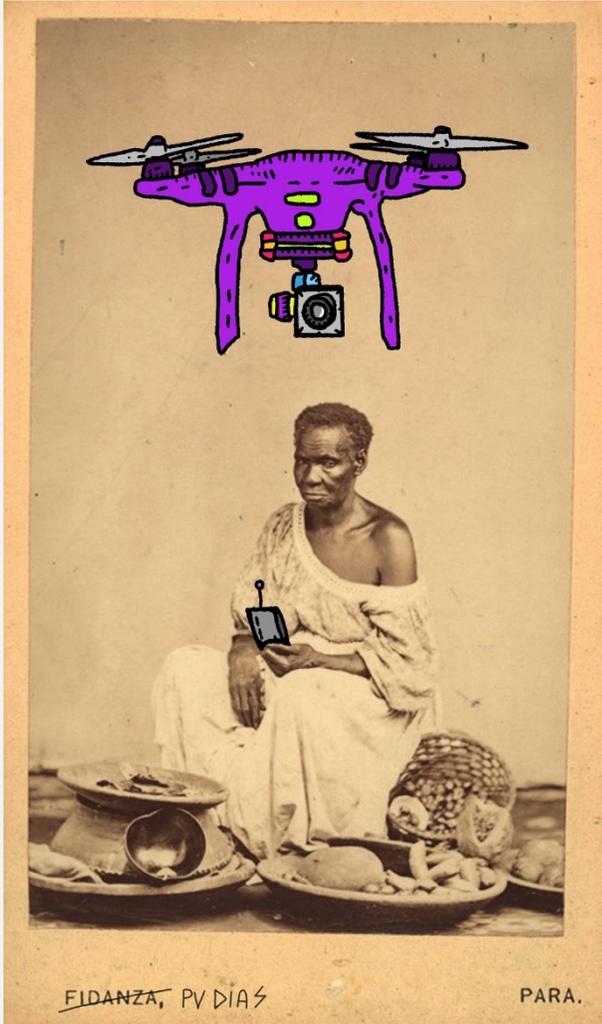
PV DIAS



¹ Da série Rasurando Fianza, 2020



.....
² Da série Rasurando Fidanza, 2020



³ Da série Rasurando Fidanza, 2020

[crítica de arte]

LA VELVET

UNDERGROUND:

¿O, POR QUÉ

PERMANECEMOS EN LA

PROVINCIA?

ELADIO CONSTANTINO PABLO CRAIA

LA VEREDA

Esta es una crónica basada en recuerdos, impresiones, algunas percepciones brumosas y, sobre todo, en muchos bellos momentos. Sin dudas no será precisa. De hecho, no quiere serlo, sin dudas, tampoco será objetiva, de hecho, no pretende serlo, por otro lado, sin dudas, será superficial, en dos sentidos, primero, por estar lejos de representar un análisis en sede monográfica, pero, y, sobre todo, superficial en el sentido que lo entendería Deleuze, o sea como la superficie donde un cierto sentido se produce para alguien singular. En este caso lo que se produce y se intenta expresar libremente en este texto, es el resultado de un peculiar cruzamiento entre el metié filosófico y la pasión por la música, y dentro de esta pasión, de un vector en particular: el placer de escuchar la siempre nebulosa Velvet Underground. De hecho, voy a intentar hablar de ella, de la banda, como se habla brevemente, de modo entrecortado, sobre una tenue aventura juvenil, pero que aún mantiene viva su fuerza productora de alegría y qué, para decirlo de un modo vulgar, como los buenos vinos ha envejecido bien.

Es habitual interrogar, desde el punto de vista histórico, sobre lo que nos ha dejado cada época, cada

período de la aventura humana; esto quiere decir, las grandes culturas, los grandes productores de momentos civilizatorios, ¿qué marca, que letra escarlata han legado para la posteridad? Esta es una pregunta habitual y, digámoslo claramente, brutalmente superficial, ella, en el fondo, no pregunta nada y si hubiese una respuesta, nada respondería, por un motivo simple, porque las eras históricas no son unívocas ni unidimensionales, y están preñadas de claro-oscuros, pero, ese es otro problema que postergo para otra oportunidad. Ahora bien, y a pesar de esto, tomemos esta interrogación como posible e inclusive hasta como fértil, -apenas para fines lúdicos y un tanto propedéuticos-, así, insistiré en la pregunta, ahora de un modo más acotado, y preguntaré, entonces, ¿que nos ha dejado cada imperio en su impronta civilizatoria? Porqué, seamos claros, sea bajo la forma más cruel o bajo el signo más inclusivo, toda gubernamentalidad sociopolítica ha dejado una marca en el tiempo de lo humano. Y, siendo aún más específico, preguntaré, en nuestra contemporaneidad, el imperio que se constituyó como heredero de la configuración imperial británica, -tal vez el último de los imperios clásicos en el sentido perversamente colonial-, el

imperio norteamericano, ¿que nos podrá dejar? ¿Se vislumbra también en su espíritu una letra escarlata, un signo para el futuro, algo así como su marca en el tiempo? Es habitual, tal vez porque aún estamos muy próximos en el tiempo, tal vez porque todavía estamos en el seno de su accionar, afirmar que todo parece indicar que no dejará nada, o mejor, que nada dejará si comparado a los grandes aportes, -para bien o para mal-, de otros grandes imperios; como pueden ser, y para indicarlos de modo manualesco: la razón griega, la ley romana, la moral cristiana, (extraigo esta Trinidad del enorme Thomas Mann), la comprensión del mundo árabe, los imperios coloniales ultramarinos, (o sea, la perversión europea de plantear una moral y una verdad y, al mismo tiempo, negarlas sistemáticamente en todos los campos de la praxis), la producción industrial-tecnológica, el mercado global, en fin, el capitalismo. Todos estos son gigantescos aportes, -siempre que dejemos en suspensión fenomenológica, en epoqué, la cuestión sobre si, acaso, son nobles, multiplicadores, progresistas, ricos en futuro o, por el contrario, abortivos, obliterantes negadores de la vida, dejo también este tema para otro ensayo, o para nunca-; pero, de cualquier modo, se trata de producciones históricas

centrales. En esta línea, ¿que nos está dejando, o mejor, que nos dejará, eventualmente, el imperio americano? Insisto, es habitual responder que todo indica que no nos dejará nada equivalente a los ejemplos citados; ahora, sospecho que pensar así implicaría un tremendo error, porque, al contrario, creo que ya podemos ver algo, un atisbo de lo que nos podría legar el imperio actual: la cultura de masas. Esto es, la poderosa idea de que el número no apenas cuantitativo sino también en su configuración posterior cualitativa, de las personas gregariamente reunidas sobre una forma colectiva, poseen la capacidad, (y permanentemente corren el albur), de compartir en la casi totalidad de du corpus social, un tipo de cultura reconocida como propia; no es otra cosa lo que se entiende por cultura de masas. Para bien o para mal, la cultura de masas es la cultura popular. Evidentemente, debemos dejar, una vez más, para otra ocasión la genealogía específica de cada caso particular y diferente de estas culturas de masas, esto quiere decir, cómo se creó tal o cual ámbito cultural, como se deflagró éste o aquel principio social, si fue, tal vez, producido a partir de una demanda genuina de lo social o si, al contrario, fue impuesto por quienes dominan el orden político y

económico, los dueños de los medios de producción, etc.; este aspecto es neurálgico, pero no es nuestro problema en este ensayo. De hecho, en nuestra época y a través del imperio que nos tocó en desgracia, los saberes, la cultura en general, el arte en particular, se tornan distribuibles y, por lo tanto, populares, en el caso del arte, entonces, se torna pop art. Sin embargo, curiosamente, el pop art o el arte contemporáneo, no surge en Estados Unidos, sino que, en el movimiento de transición, del imperio británico para el americano, en la década del 50 a partir de The Independent Group en Londres y solamente después se desplaza hasta Estados Unidos en particular New York. Allí varios son los precursores y los vectores de radiación de la nueva forma de arte, pero, de hecho, uno de los centros motores de la próxima década en términos icónicos sería Andy Warhol y sus despliegues artísticos-culturales.

Todo este itinerario, esta vereda, nos coloca directamente en la ruta que nos lleva a la Velvet Underground y todo lo que representó para la música, justamente desde allí, desde New York.

LA PROVINCIA

New York, en la década de 1960, no es una provincia, sin dudas. Berlín, a veces, tampoco lo es. Por lo menos no en el sentido tradicional, aquel que define un arquetipo o una caricatura. No se trata entonces del mundo organizado por una tradición bucólica ya superada y habitado por personajes folclóricos y melancólicos, no, la provincia, aquí, es otra cosa. Se trata del ámbito de una relación con algún tipo de producción, en este caso con en el que nos ocupamos, la producción artística, tal vez estrictamente musical, pero siempre en composición con otras formas de la sorpresa artística. Hurtaré, para explicarlo mejor, un famoso análisis y al mismo tiempo declaración de principios de Martin Heidegger, que considera lo que sea una provincia desde un lugar completamente diferente, aunque sus imágenes, la estética celebrada por el filósofo y todos los motivos culturales citados, pertenezcan de hecho y de derecho a la imagen clásica de la provincia; a pesar de esto, Heidegger habla de otra cosa, habla del encuentro con el ámbito del producir, sea artístico, en el caso de la Velvet, o sea el filosófico en el caso de Heidegger. Digámoslo claramente, la provincia es exactamente lo otro de la ciudad,

entendida como el campo de la proliferación de encuentros, siempre diversos, que se dan sin que su horizonte de sentido originario les otorgue consistencia, -y, cuidado no he dicho coherencia he dicho consistencia, en el sentido que Deleuze lo entiende, como campo inmanente de consistencia. Sabemos hasta el hartazgo que este orbe fue nombrado de varios modos por parte de la filosofía: “ámbito de desvelamiento”, “campo de sentido” “suelo epistémico”, para quedarnos apenas con Heidegger, Deleuze y Foucault. Una vez determinado por parte de una cultura lo que se asume como vanguardia, como moderno, como mundano, como cosmopolita, la provincia implicaría lo otro, el margen o límite de todo esto, el contexto, -en el sentido precisó que le otorgó Derrida-, por el cual y a través de una marcación diferencial, podemos entender este mundo de la exposición de lo dado como dado. La provincia, como lo he dicho, es lo que permite que lo dado se dé como dado, pero, y esto es esencial, no como un substrato como un cimiento o como un urgrund que opere como fundamento, sino, al contrario, como un campo de inmanencia que permite la verticalización de la esfera del producir. Provincia es el marco diferencial, -para decirlo en términos conceptuales y

categoriales-, que permite la “comprensión con sentido”, (no con conocimientos o con verdades), de lo que entendemos, sentimos, experimentamos y gozamos, casi como lo que Lacan anunciaba como la irrupción de lo real. Ya que a él le usurpamos la reflexión, veamos como lo dice Heidegger:

Cuando en la profunda noche del invierno una furiosa tormenta de nieve brama sacudiéndose en torno al refugio (“die Hütte”) y oscurece y oculta todo, entonces es la hora propicia de la Filosofía. Su preguntar debe tornarse entonces sencillo y esencial. La elaboración de cada pensamiento no puede ser sino ardua y severa. El esfuerzo por acuñar las palabras se parece a la resistencia de los erguidos abetos contra la tormenta.

Y es así que el trabajo filosófico no transcurre como una especie de ocupación apartada de un extraño, sino que tiene una íntima relación con el trabajo del campesino (“die Arbeit der Bauern”). (Heidegger, 2022).

¿Podría algo encontrarse, “en todos los sentidos”, más distante de New York, 1965 en cuanto transcurre una

performance de Exploding Plastic Inevitable,¹ que esta experiencia que Heidegger relata? Todo parece indicar que no. ¿Entonces, por qué insisto en que sería posible pensar el acontecimiento Velvet como un quedarse en la provincia en este sentido que aquí intento determinar?

LA VELVET

La cuestión es que alguien debe permanecer en la provincia para, desde ese lugar, deflagrar esa otra forma de producción que, evidentemente, entrará en agenciamientos con las otras, las luminosas, las visibles, las más celebradas o, en el mundo capitalista, las que más venden y a las que le otorgará consistencia semántica.

Daré aquí la palabra al que tal vez sea, -y que, según muchos especialistas, simplemente “es”-, el mejor libro jamás escrito sobre la escena musical del pop y del rock a partir de la década del 70, me refiero al fantástico *Cómo funciona la música*, del no menos fantástico David Byrne, legendario líder de los Talking heads. Escuchemos su relato

¹ Exploding Plastic Inevitable, o EPI, fueron una serie de eventos multimedia organizados por Andy Warhol entre 1966 y 1967, con presentaciones musicales, danza, teatro y performances.

de los inicios de los años 1970, poco después del evento Velvet, cuando él formaba parte de la escena del mítico club-antro CBGB², pero, sobre todo, prestemos atención a la posición político-estética, al pathos de la fauna artística de New York en aquella época, de la que Byrne era parte. Insisto, esto fue muy pocos años después de la aparición de la Velvet:

Estábamos todos en contra de los dinosaurios del rock que en aquellos tiempos poblaban la tierra, y expresábamos ese antagonismo de diferentes maneras, pero en el CBGB teníamos un lugar en el que lamentarnos y conspirar en una nueva dirección. [...] Los grupos glam que ya existían -New York Dolls, Bowie, Lou Reed y varios más-, estaban bien considerados por ser provocadores, pero casi todo lo asociado de alguna manera con lo establecido parecía

²Cito la elocuente descripción de Andrea Peñalver, para “El Canino” suplemento del periódico El Diario. “Hubo en Nueva York un pequeño garito que vio nacer y crecer a grandes grupos y a toda una escena underground. Más tarde vio pasar por él a bandas que ya eran mundialmente conocidas. Con los años acabó muriendo, al igual que muchos de sus locales vecinos, por la gentrificación. Hablamos del CBGB, el mítico local donde se dieron a conocer grupos como los Ramones y que sirvió de punto de encuentro de artistas durante una época turbulenta”. <https://www.caninomag.es/cbgb-un-hito-en-la-escena-underground-neoyorquina-de-los-70/> (Visitado el 12/09/2022).

totalmente irrelevante. La radio estaba dominada por los Eagles y el “sonido California”, las hair bands, o las que hacían música disco, que parecían habitar otro universo. [...] El rock de estadio y los megagrupos de rhythm and blues eran legendarios por sus elaborados shows: grandiosos espectáculos con pirotecnia y naves espaciales. Tales shows estaban a años luz de cualquier conexión con nuestra realidad. Eran una huida, una fantasía, y enormemente espectaculares, pero no tenían relación de ningún tipo con nuestra sensación de juventud, energía y frustración. Esos artistas, aun teniendo algunas canciones buenas, no nos hablaban a nosotros ni nos representaban. Si queríamos escuchar música que nos hablara directamente, estaba claro que tendríamos que hacerla nosotros mismos. Si no le gustaba a nadie, bien, que así fuera, pero al menos tendríamos algunas canciones que significaran algo para nosotros. [...] Mientras tanto, en el mundo artístico del SoHo, a pocas manzanas al oeste del Bowery, predominaban los polos gemelos del arte conceptual y el minimalismo. [...] Puedes rastrear vínculos entre las composiciones de una sola nota de Tony Conrad y Velvet Underground [...]. (Cursivas mías). (Byrnes, 2014, p.248, ss.).

La cita es extensa, es verdad, pero si la leemos bien veremos que dice exactamente lo mismo que Heidegger enunciaba con su lenguaje de Druida, (la expresión es de Deleuze).

Es posible convertirse fuera de allí en una ‘estrella de cine’ (“Berühmtheit”) en un instante mediante los periódicos y las revistas. Este es siempre, por cierto, el camino más seguro por el que el sentimiento más auténtico sucumbe al malentendido y llega al olvido profunda y rápidamente. Por el contrario, la memoria campesina (“bäuerliche Gedenken”) tiene su fidelidad (“Treue”) sencilla, segura, oculta e inaccesible. (Heidegger, 2022).

Pensemos en la cita de Barney. ¿Por qué no incluir también a la Velvet en la lista de dinosaurios del rock? Después de todo, Andy Warhol, su mentor, era una estrella de las más deslumbrantes en el universo mediático de la época. ¿Que había en esa banda que funcionaba la mayor parte del tiempo como una pieza esencial en el mecanismo artístico de la Factory, que jugaba con un rock sucio en dialogo con la sutil erudición musical de John Cale, y que de un modo inesperado vendría a acoger, -tal vez contra la voluntad del Lou Reed-, a una modelo alemana, épica en su

presencia, que nunca había cantado una canción en su vida, musa del enorme Federico Fellini, y tornarla una de las voces aterciopeladas más icónicas de la historia del rock? ¿Por qué los jóvenes provincianos inconformados del CBGB la respetaban y hasta se dejaban por ella influir?

Sin duda, varios son los factores que podría indicar para esta situación, para esta tímida, pero consolidada aceptación de la Velvet, seguramente algunos serían más certeros que otros, pero todos reconocibles. Es posible inclusive arriesgar algunos aquí.

Primeramente, debemos partir de la idea de algo así como una geo-estética. En efecto, frente a la premisa mayor de la cultura pop y rock de aquel período, -inclusive, podríamos decir en términos más generales, de la contracultura como un todo-, premisa esta que indicaba con dos palabras toda una jornada: ¡Go West! ¡Go West jóvenes y no tan jóvenes! No era, evidentemente, apenas un oeste geográfico, sino, sobre todo, simbólico, un alejarse de los centros culturales que habían irradiado desde siglos atrás la luz de la cultura oficial de occidente. Ir tan al accidente que sería posible salir del propio occidente. ¿Pero sería esto suficientemente potente como para escapar de la araña

zpinosiana de cierto capitalismo que todo lo toma a través de la cultura por él establecida? ¿No sería acaso necesario promover una inversión categorial más profunda y buscar en el propio campo de sentido de lo siniestro que nos rodea la línea de fuga? Lo que la Velvet, tal vez descubrió, junto con otros importantes artistas de aquel momento, claro, fue el modo de traer a la superficie las fuerzas productoras de nuevos afectos sin recaer en las construcciones simbólicas más caras a la tradición: el héroe, ahora tornado guitar hero, las grandes escenas épicas, ahora reproducidas en la música de estadios, la imagen del genio, ahora consolidada en los músicos “fundamentales”, etc. Que ellos mismos de modo individual se hayan tornado héroes, es verdad, que la propia Velvet sea hoy un signo y un modelo, también es verdad, pero, y a pesar de esto, estos atributos de artista precisan ser visitados, analizados y comprendidos, desde su lugar en la provincia.

La música pop, el rock incluido en eso, tenía su topografía interna, sus líneas de tensión, sus imaginarios y sus movimientos más o menos potentes. También sus mitos fundacionales y sus telos. El oeste, California, etc. Deconstruir este futuro y esta fuerza revolucionaria que,

para algunos estaba siendo recapturada por las fuerzas molares, se tornaba, entonces, la función artística por antonomasia.

Son en realidad dos luchas; una contra cierta vanguardia contracultural que imaginaba algo así como un nuevo horizonte donde concretizar una nueva realidad. La vanguardia casi como una revolución en términos culturales, una revolución que precisaba su espacio propio tanto semántico como también geográfico. Algo así como un sueño que de algún modo recuerda un Edén perdido pero que, sin embargo, aún puede ser encontrado. La otra lucha es contra un espíritu de la época un seingeist, qué después del fracaso o del aparente fracaso de los movimientos más arquetípicos y vigorosos de la contracultura conduce la época, sus reflexiones, sus valores, sus propósitos y, en resumen, su ánimo hacia una especie de desánimo de descreencia en fin hacia un espíritu nihilista. es el nihilismo que se torna motor inclusive del arte a finales de la década del 70 y los 80 algo así como una cierta lucidez trágica como una cierta madurez estrictamente humana que se confunden la mayoría de las veces con una apatía y un conservadurismo disimulado, un cansancio del espíritu: sí

todo fracasó, sí cuando colocamos todo en juego, todo retrocedió nuevamente, entonces por destino, por azar o por algún designio oscuro, todo debe permanecer como estaba. Es justamente contra estos dos polos opuestos uno posterior al otro, por un lado, el deseo la convicción y el vigor para buscar un nuevo mundo y, por otro lado, la decaída, el desánimo, el nihilismo para decir que, en la mejor de las hipótesis, fue divertido, pero ya fue. En los dos casos, lo esencial se perdió, y no dramáticamente sino trágicamente.

Cuando la provincia es línea de fuga y al mismo tiempo campo de resistencia, cuando ella se constituye como horizonte de toda posibilidad de producción de nuevos afectos, entonces, para que seamos realmente revolucionarios, en ella tenemos que permanecer.

Bibliografía

- BYRNE, D. Como Funciona la Música. Editor digital: Jandepora ePub, 2014.
- CRAIA, E. “Sensaciones y recuerdos”; in: Duración. Argentina – Brasil, 1966 – 2022.
- HEIDEGGER, M. “Por qué permanecemos en la provincia?”. In: Derecho a Réplica; www.derechoareplica.org/index.php/filosofia/707-martin-heidegger-por-que-permanecemos; visitado en 12/09/2022.

PEÑALVER, A. “CBGB: un hito en la escena underground neoyorquina de los 70”; in: El Canino suplemento del periódico El Diario; Madrid, 2020. www.caninomag.es/cbgb-un-hito-en-la-escena-underground-neoyorquina-de-los-70/ ; visitado el 12/09/2022.

[política editorial]

La revista adopta una política de acceso abierto, en flujo continuo. Todo el material publicado se pone a disposición y se difunde ampliamente a través del sitio web de la Red NosOtros.

Las personas interesadas en colaborar con la Revista NosOtros deben enviar su trabajo por correo electrónico a los editores de la revista:

Vinícius Armiliato – vinicius.arm@gmail.com

Francisco Bocca – francisco.bocca@pucpr.br

Se aceptarán trabajos en todas las lenguas.

[secciones]

ARTÍCULOS

Textos originales, inéditos, de carácter científico académico. La cantidad de palabras sugeridas está entre 5000 y 10000.

RESEÑAS

Reseñas de libros publicados, independientemente de la fecha de publicación. La sugerencia de tamaño está entre 2000 y 7000 palabras.

ESPACIO LITERARIO

Se aceptan crónicas, expresiones poéticas y otras formas de creación literaria.

EXPERIENCIAS PERSONALES

Relatos de experiencias políticas, filosóficas, clínicas, vividas en distintas partes del globo.

CRÍTICA DE ARTE

Acoge textos sobre obras artísticas, procesos creativos entre otros.

ESPACIO DE RUPTURA

Aquí se alojan las producciones que no se ajustan a las descripciones anteriores. Sobre todo, se aceptan expresiones gráficas, imágenes, historietas, dibujos, fotografías, creaciones múltiples e híbridas.